«CARTAS DO BRASIL» POR CHIANCA DE GARCIA (PÁGINA 9)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 2 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 567 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

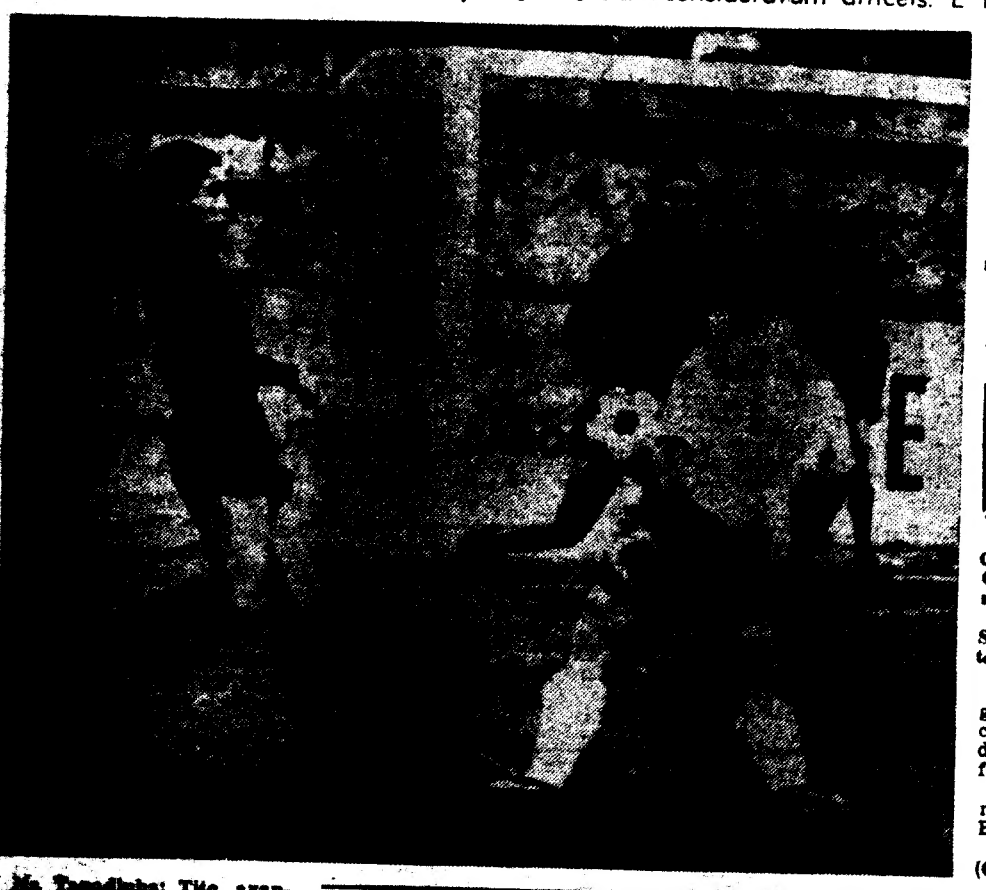
PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

EMPATES DO PORTO E DO BENFICA

As deslocações do Benfica a Matosinhos e do F. C. Porto à Póvoa de Varzim apresentavam-se como as notas salientes da jornda de hoje do campeonato nacional de futebol. Embora a luta pelo título de campeão se não resuma àqueles dois clubes (há que contar, pelos menos, com o Vitória de Guimarães) benfiquistas e portuenses são, sem dúvida, os principais favoritos. Daí a expectativa criada em torno dos seus jogos de hoje. Que se consideravam difíceis. E foram...



No Tapadinha: Tito, avançado do Atlético, procura vencer a oposição dos defesas da Académica Rui Rodrigues e Alhinho.

Leixões, 0-Benfica, 0

(Na 1.ª volta: 0-4)

Jogo no Estádio do Mar, com lotação esgotada, arbitrado por Saldanha Ribeiro, de Leiria.

LEIXÕES — Fonseca; Barros, Adriano, Nicolau e Raul; Gentil e Beré; Neca, Calado, Horácio e Lázaro.

Suplentes: Rosa; Albertino, Massa e Peixoto.

BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto II, Raul e Cruz; Coluna e Toni; Jaime Graça; Torres, Eusébio e Simões.

Suplentes: Abrantes; Malta da Silva, Humberto I, José Augusto e Praia.

Eusébio lesionado e hubstituído Torres expulso

Antes do início do jogo foi guardado um minuto de silêncio em memória do jogador de hóquei em patins do Benfica Joaquim Cardoso.

Os primeiros momentos foram de estudo, mas com o Benfica bem escalonado no

(Continua na página central)

ALGURES NO MUNDO

um repórter do Diário de Lisboa

Dez horas depois do presidente René Barrientos ter decretado o «estado de sítio» na Bolívia e desencadeado uma onda de prisões, um repórter do «Diário de Lisboa» aterreva no aeroporto mais alto do Mundo — o de La Paz — para recolher uma visão pessoal do momento político boliviano e da vida desse país, encravado no coração de América Latina.

Que se passa na política boliviana um ano após a morte de Ernesto «Che» Guevara e do malogro das guerrilhas?

Como vive esse silencioso e pequeno povo índio, com suas «llamas» nos cumes da cordilheira dos Andes?

Sobre o que se passa na Bolívia, no aspecto político e humano, serão os nossos leitores informados pela perspectiva de um português — o do nosso enviado especial que, em artigos e reportagens, procurará transmitir as impressões da sua permanência na Bolívia — mais um local «algures no Mundo» onde o «Diário de Lisboa» teve um repórter.

FAZ-SE EM DUAS DOSES A VACINAÇÃO CONTRA A «A2 HONG-KONG 68»

Faz-se em duas doses, espaçadas de 10 a 15 dias, a vacinação antigripal a que se refere a nota da Direcção-Geral de Saúde publicada nas nossas edições de ontem. Fica assim satisfeita a natural curiosidade de muitos leitores que se nos dirigiram a pedir pormenores sobre a campanha.

A vacinação contra o vírus «A 2 Hong-Kong 68», que os ingleses designam por uma fórmula ainda mais complicada («A 2-Aichi-2-68 Strain — Variant Hong Kong»), faz-se por injecção intramuscular e, como dizemos, em duas *doses*. Cada embalagem contém 400 unidades C. C. A., suficientes para uma imunização prolongada. Em termos mais simples: esta vacina dá para todo o período possível de pouco provável epidemia gripal.

É uma vacina monovalente, quer dizer, serve apenas para o vírus de Hong-Kong. A validade das doses entradas no nosso País estende-se até

(Continua na 11.ª página)

HOJE 28 PÁGINAS PELA CENSURA VISADO

«JAZZ» PROIBIDO NUMA MISSA

ROMA, 2 — (A. N. I.) — Foi proibido pelas autoridades religiosas que a celebração de uma missa em memória do chefe negro norte-americano assassinado o ano passado, dr. Luther King, fosse acompanhado com música de «jazz». Explicou-se que se receava que o acompanhamento de «jazz», atraindo as câmaras da televisão e os «flash» dos fotógrafos, impedisse que se mantivesse no templo o sentido religioso da cerimónia.

Edição da noite

DE ONTEM PARA HOJE

COLÓQUIO DE FARMACÊUTICOS

Algumas dezenas de farmacêuticos do Algarve reuniram-se ontem, em Faro, no IV Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional, promovido pelo respectivo Sindicato Nacional.

A sessão decorreu na sala de conferências de um dos hotéis daquela cidade, sob a presidência do sr. dr. Manuel Esquível, governador civil do distrito, A abrir o colóquio, o sr dr. Aluísio Marques Leal, em representação do presidente do Sindicato, salientou a utilidade destas reuniões e recordou o êxito dos colóquios anteriores, realizados em Abrantes, Évora e Aveiro.

O adjunto do director do Laboratório da Polícia Científica, sr. dr. António da Silva Santos, tratou o tema «Intoxicações pelos pesticidas. Profilaxia e terapêutica, de urgência» e o director dos serviços técnicos de exercício farmacêutico e comprovação de medicamentos da Direcção-Geral de Saúde, sr. dr. Manuel Godinho de Matos Júnior, discorreu sobre «Águas de alimentação e residuais — Problemas sanitários».

E foram estes os dois temas que serviram de base ao colóquio que se seguiu e decorreu de modo animado.

A encerrar a sessão, o governador civil congratulou-se pelo modo como decorreram os trabalhos, acentuando que deles colhera importantes elementos que ia apresentar à consideração das entidades superiores e de algumas Câmaras Municipais do Algarve.

Os participantes do colóquio reuniram-se, depois, num jantar de confraternização.

A LAVOURA DO RIBATEJO

Os problemas decorrentes da execução do recente despacho do ministro da Economia sobre «fomento da produção de carne para o auto-abastecimento do País» foram discutidos ontem, em Santarém, numa reunião da Federação dos Grémios da Lavoura do Ribatejo, a que assistiu, como convidado, o sr. dr. Morada Ferreira, em representação da J. N. P. P.

No final, o sr. dr. José Marques, que presidiu, dirigiu um apelo a todos no sentido de darem o maior apoio e divulgação ao referido despacho, afirmando o propósito de se dever expressar «o reconhecimento daquela Federação ao sr. ministro da Economia, pela boa vontade manifestada em atender com muita oportunidade os anseios da lavoura nacional».

NO REGRESSO DO FUNERAL

Regressavam de um funeral que se realizara em Pombal, o sr. dr. Vasco Gonçalves Jorge que, no seu automóvel, se fazia acompanhar pela esposa, sr.ª D. Mercedes Elisabete dos Santos Mendes Gonçalves Jorge. Entre a Batalha e Leiria, em Vale Gracioso, o automóvel foi apanhado por uma camioneta que o deixou quase desmantelado. O casal foi transportado para o hospital de Leiria, onde aquela senhora chegou já sem vida.

ÓDIO VELHO QUE MATA

As questões vinham de longe, o ódio acumulara-se e mais uma vez se travaram de razões quatro habitantes do lugar de Caseiro (Caramulo): Silvino Ferreira, alfaiate, duas suas irmãs, Sílvia Ferreira e Fernanda da Conceição Ferreira e o agricultor Almiro Matos.

Este último fora provocado pelos três irmãos e agredido pela Sílvia, na cabeça, com uma vara dos bois. Alucinado, o Almiro puxou de um fueiro do carro e malhou nos três irmãos como em centeio verde. O alfaiate e a Sílvia ficaram com fracturas de crânio e foram internados no hospital de Tondela onde o primeiro veio a falecer.

EXPLOSÃO E INCÊNDIO

Estava fundeado em frente do Seixal, para reparações gerais, o barco «Elisabeth», da Sociedade Naval dos Armadores de Bacalhau, quando, não se sabe bem como, se verificou uma violenta explosão na casa das máquinas, a que se seguiu incêndio. Muito feridos, embora sem gravidade, o ajudante de motorista Rufino Manuel e o marinheiro Manuel dos Santos Duarte foram socorridos na clínica do dr. António Relvas (Cova da Piedade) e, depois, internados no hospital de Almada. Os voluntários de Cacilhas debelaram o incêndio, com relativa facilidade.

MAIS UMA HISTÓRIA DE LOTARIA «PREMIADA»

A história é velha e reiha, mas resulta, não há dúvida. Desta vez, aconteceu ao sr. Justino Maria Mima, de 38 anos, casado, marítimo, natural de Cabo Verde e residente em Lisboa, na Rua Pinto Ferreira, 18, 1.º, esq.º Pois o sr. Mimo apresentou queixa na P. S. P. contra dois indivíduos que, na Rua da Junqueira, o intercetaram com um quadragésimo da lotaria do Natal que diziam estar premiado com 20 contos. É claro que não estava, como o sr. Mimo comprovou quando procurava rebatê-la.

Entretanto, aqueles indivíduos, a quem ele entregara a carteira para segurança dos mesmos, tinham desaparecido. E com eles a carteira contendo três mil escudos, 700 escudos de circulação em Cabo Verde, 700 florins holandeses que valem cerca de cinco mil escudos, 20 francos novos franceses (cerca de 120$00, na nossa moeda), 20 dólares norte-americanos (mais de 700 escudos), bem como o seu passaporte e outros documentos.

Aperfeiçoamento para agentes técnicos

Na sede do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Egenharia e Condutores, começa amanhã um curso sobre «Automatização a Ar Comprimido», promovido pela Comissão de Formação e Aperfeiçoamento daquele sindicato.

Este curso terá a duração total de 20 horas e será ministrado pelo agente técnico de Engenharia, sr. Óscar Augusto Gomes Felgueiras.

AMENDOEIRAS FLORIDAS

A Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve, em Lisboa, informa que a floração das amendoeiras, na sua Província, deverá atingir a máxima intensidade por toda a primeira quinzena de Fevereiro, sendo de prever o seu prolongamento até ao Carnaval, se o tempo a não prejudicar.

Mais informa esta comissão que além do já consagrado Carnaval de Loulé, haverá igualmente animados corsos em Vila Real de Santo António, Olhão e Moncarapacho.

Necrologia

FALECIMENTOS

Capitão Palma Antunes

CASTRO MARIM, 2 — Faleceu no Azinhal, de onde era natural, o sr. capitão Lino Vaz Palma Antunes, de 73 anos, que até há pouco exercera as funções de presidente da Câmara Municipal de Castro Marim. Deixa viúva a sr.ª D. Senhorinha da Paz Antunes e era pai das sr.as dr.ª D. Maria Bárbara da Paz Antunes, dr.ª D. Ema da Palma Antunes Catita e dr.ª D. Odete Palma Antunes Cavaco e dos srs. eng.os Manuel Palma Antunes e Antero Palma Antunes e sogro das sr.as D. Maria Pereira Barahona Palma Antunes e D. Mariana Palma Antunes e do sr. eng.º António Miguel Cavaco.

FUNERAIS

D. Margarida de Jesus Cardoso

S. PEDRO DO SUL, 2 — Faleceu, no Bairro da Ponte, a sr.ª D. Margarida de Jesus Cardoso, viúva, de 85 anos. A extinta era mãe das sr.as D. Maria Helena, D. Fernanda Correia Matias, e do sr. dr. João Correia Cavilhas, já falecido, e avó da sr.ª eng.ª D. Maria Margarida Cavilhas, do sr. João Andrade Cavilhas e do sr. dr. Carlos Correia Matias, funcionário do S. N. I.

O funeral efectuou-se para o cemitério desta vila.

SUFRÁGIOS

Martin Sain

Faz hoje oito anos que morreu Martin Sain, fundador da Sacor e da obra de reabilitação de cegos no nosso País, através da Fundação Raquel e Martin Sain.

A propósito da data, realizou-se sufrágio no cemitério israelita, às 10 horas, com a presença de familiares e amigos.

Nova ponte sobre o rio Cértima

A Junta Autónoma de Estradas vai dar início às obras de construção da nova ponte sobre o rio Cértima na Avenida da Costa, estando para o efeito estabelecido fechar o trânsito na referida artéria durante os trabalhos que, segundo se prevê, se prolongarão até Junho do corrente ano.

A partir do dia 3 de Fevereiro, o trânsito de veículos de qualquer espécie será interrompido na referida rodovia (E. N. 1-9), mantendo-se apenas o trânsito de peões.

O desvio do trânsito fica assegurado por vias devidamente sinalizadas.

Curso de formação de dirigentes sociais

OLIVEIRA DE FRADES, 2 — Com o patrocínio das entidades oficiais principiou um curso de formação de dirigentes que se prolongará até ao dia 7 de Fevereiro próximo.

Este curso de promoção social comunitária tem por fim o desenvolvimento da região e discussão dos seus problemas e soluções.

O curso tem o apoio técnico da Estação Agrária, Delegação de Saúde, dos Serviços Florestais, Intendência, Secretaria da Colonização Interna, etc.

Durante as sessões serão exibidos filmes.

REUNIÃO DE COOPERADORES SALESIANOS

Nas Oficinas de São José, de que é director o rev. Germano Botelho, realizou-se, esta tarde, a reunião anual dos cooperadores salesianos da obra.

A reunião vem no seguimento de outras cerimónias que aquela instituição promove anualmente para comemorar o «Dia de S. João Bosco».

PEDIDO A UM MOTORISTA DE TÁXI

Ao motorista do táxi que ontem, às 10 e 40, transportou um passageiro entre a Rua da Conceição (junto à paragem dos eléctricos) até às traseiras do Cinema S. Luís, pede-se o favor de entregar na Rua D. Estefânia, 5, 1.º, esq., o embrulho que nele foi deixado por esquecimento.

Com o patrocínio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha)

DIVERSAS CANDIDATURAS APRESENTADAS NO CONCURSO «MAJA DE PORTUGAL—1969»

A ELEIÇÃO da «Maja de Portugal — 1969», através de um concurso nas colunas do «Diário de Lisboa», está a constituir um autêntico êxito. Diversos leitores já nos remeteram as suas inscrições e, a avaliar pelas fotos que viajaram anexas aos cupões de candidatura, podemos já afirmar que há rostos verdadeiramente belos interessados nos prémios... e no título. Um título que, no mínimo, valerá um magnífico passeio a Espanha, na Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), garantia segura de uma viagem excelente, inolvidável.

Qualquer rapariga portuguesa, solteira, maior de 18 anos, pode ser eleita «Maja de Portugal».

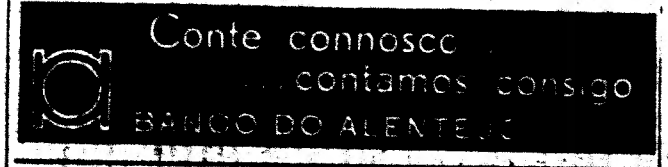
FOTOGENIA E PERSONALIDADE

Diversos países da Europa e da América Latina estarão representados no concurso para «Maja Internacional» que, pela quarta vez, se vai desenrolar em Saragoça. A iniciativa pertence à Associação Goya Internacional e tem o patrocínio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha). Em cada país, a respectiva «Maja» é eleita através de um órgão de informação do maior prestígio e de larga expansão. Em Portugal, foi escolhido o «Diário de Lisboa».

O concurso destina-se (como já salientámos) a recordar a obra de Goya, onde duas telas (as «Majas») ocupam lugar primacial. E, porque Goya, pelas imortaliza a Mulher, a Associação Goya Internacional evoca saudosamente o genial pintor levando a efeito, todos os anos, um desfile em que se procura encontrar o ideal feminino que, na actualidade, seria o melhor inspirador de Francisco Goya.

Calcula-se que, na edição-1969 deste certame, estejam presentes representantes de 18 nacionalidades, prova insofismável da divulgação deste concurso. A Direcção-Geral do Turismo Espanhol, ao conceder-lhe todo o apoio, reconhece (implicitamente) a dignidade da eleição.

Aliás, em todas as províncias espanholas se efectuam eleições regionais: Aragão, Andaluzia, Astúrias, Baleares, Castela, Canárias, Catalunha, Galiza, Jerez, Leão, Madrid, Montanha, Valência, Múrcia e Vascongadas. Não se trata de uma mera e simples escolha de belezas femininas. Para aspirar ao título de «Maja» é essencial possuir, além de notável fotogenia, uma personalidade que ultrapasse o vulgar. Cada representante nacional, ao concorrer ao título internacional, desfilará com um trajo próprio do seu país, ainda que estilizado. Depois, na jornada final, apresenta-se de «mantilha e peineta», tal como os modelos que Goya pintou nas suas telas.



CARTEIRISTAS EM ACÇÃO

A jovem Angelina Mendes Gabriel, de 19 anos, estudante, natural de Lisboa e aqui residente, com seus pais, na Av. 5 de Outubro, 304, 4.º, apresentou queixa na P. S. P., comunicando que quando saía da estação do Metropolitano, no Rossio, lado nascente, um ou mais indivíduos, cuja identidade desconhece, haviam aberto a sua mala de mão, furtando, do interior um porta-moedas azul, de cabedal, com 650$00 em notas, o seu bilhete de identidade, algumas fotografias e outros papéis.

NOVA FASE NA GUERRILHA DA TAILÂNDIA

TOTALMENTE SILENCIOSA, há algum tempo, acerca da situação política e militar no Vietnam do Sul, publicando, em contrapartida, os comunicados do Pathet Lao, a agência Nova China amplifica consideràvelmente a difusão das suas informações referentes á guerrilha na Tailândia. Pensa-se em Pequim que, tornando-se provável uma retirada dos americanos do Vietnam, é preciso expulsar *o imperialismo* para fora do seu outro *covil? «A Tailândia é uma grande região estratégica onde o imperialismo americano faz estacionar importantes efectivos militares e instalou bases»*, escrevia em 8 de Janeiro o *Diário do Povo*.

Segundo o jornal de Pequim, *uma situação completamente nova* acaba de ser criada no reino. Em 1 de Janeiro, com efeito, foi fundado o *Exército de Libertação do Povo* dirigido por um *Comando Supremo. Este acontecimento, afirma o «Diário do Povo», caracteriza o desenvolvimento e o reforço das forças armadas populares tailandesas e o acesso da guerra revolucionária do povo tailandês a uma nova fase.* Até agora, os comunicados falavam unicamente das *forças armadas populares tailandesas*, oficialmente em acção desde 7 de Agosto de 1965.

O artigo do jornal chinês não faz menção da Frente Patriótica Tailandesa, movimento que se diz dirigir a luta e que tem uma repartição em Pequim. Mas os textos difundidos por Pequim não cessaram de dizer que o Partido Comunista Tailandês constituía a ponta de lança da Frente e, desde há pelo menos um ano a esta parte, os boletins e editoriais declaram concretamente que *a luta do povo é dirigida pelo Partido Comunista*. Não se trata, nestas condições de verdadeiramente promover uma «frente nacionalista», que agrupe as classes «hostis ao imperialismo»: a acção quer-se marxista-leninista, e, abertamente pró-chinesa, coloca-se sob o pendão ideológico de Mao Tsé Tung. Trata-se, indica o novo comando supremo, de conduzir *uma tarefa política, muito importante: fazer a propaganda entre as massas, organizá-las, armá-las e ajudá-las a estabelecer o poder político revolucionário.*

Enquanto Moscovo se cala neste assunto (a U. R. S. S. mantém uma representação diplomática em Bangcok), a China reafirma o seu total apoio a uma luta que adere á sua estratégia revolucionária. No entanto, é difícil discernir hoje em que ponto é modificada a situação pela criação do E. L. P.

Em boa lógica comunista isto deveria significar que o trabalho de propaganda política foi suficientemente levado a cabo para que seja possível passar a uma nova etapa da luta militar. A não ser, claro, que Pequim e os seus amigos tailandeses tomem os seus desejos por realidades.

É certo que, desde o fim de Novembro, Bangcok multiplica a publicação de balanços. A situação, com efeito deteriora-se nas províncias setentrionais, e mais particularmente nos distritos habitados pelos Meos. Mas, no fim de 1966 e no começo de 1967, a aviação lançava já «napalm» sobre essas minorias das montanhas. A actual guerrilha destas regiões constitui mais uma ressurgência de um problema antigo que a entrada de uma nova parte da população *nas chamas revolucionárias* — para falar como o «Diário do Povo». Mostra também, é certo, que as forças reais não conseguiram dominar os insurrectos.

Quando começa a campanha eleitoral na Tailândia, de que a extrema-esquerda clandestina está evidentemente excluída, os comunistas não vêem outra salvação para a sua causa fora da luta armada. Será para mostrar que a defesa dos *seus interesses fundamentais* passa menos pelas liças parlamentares que pela violência que o P. C. acaba de dizer aos camponeses para *derrubarem as três grandes montanhas que pesam enormemente sobre os seus ombros?* Essas *montanhas* são: *o imperialismo americano, o feudalismo e o capitalismo burocrático.* Forçando um pouco a dose, o jornal «A Voz do Povo Tailandês», afirmava, em 12 de Dezembro, que *a maior parte das terras cultiváveis estão nas mãos do bando U. S.-Thanom (o primeiro-ministro) e dos proprietários fundiários, um punhado de indivíduos cuja única preocupação é fazer suar e sugar o sangue dos camponeses.* A rádio clandestina torna-se mais convincente quando insistia no endividamento dos agricultores, os juros elevados e o preço dos arrendamentos das terras. Este tipo de análise, quando se aproxima mais da realidade que, por exemplo, certos esquemas pré-fabricados que o antigo P. C. indonésio aplicava em Java, tem provàvelmente mais audição nas massas rurais do que as referências abstractas ao *pensamento de Mao.* E o silêncio sobre a pessoa do rei, que a população respeita, como sobre os monges budistas, tão influentes nas aldeias, parece hábil.

JACQUES DECONOY

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

ECOS

QUASE todos os dias os jornais dão notícia de actos de violência confrangedores (atemo-nos aqui ao sector da vida privada e dos casos de rua).

É o maníaco que ataca as mulheres em Odivelas, porventura um erotómano. São os casais que se envolvem, por causa de mexericos, em sangrentas desordens. São os crimes premeditados que derivam de questões de águas (ao que o feroz sentimento de posse da terra pode conduzir!). São os crimes absurdos cuja explicação bóia no vinho das tabernas.

★

A ANULAÇÃO dos exames, devido às greves de protesto dos estudantes, causa no Japão um dos mais graves problemas políticos do nosso tempo. A «comuna popular do bairro de Kanda», onde fica a Universidade «Todai», em Tóquio, durou apenas algumas horas. O prof. Ichiro Kato, presidente da Universidade «Todai» (o segundo em três meses) pediu a demissão. A Universidade, por decisão governamental, não admitirá alunos este ano. Segundo números referidos pelo «Express», 3000 candidatos à admissão terão assim que ficar de fora.

★

O P.e Camilo Torres, que conjugou uma rara lucidez intelectual com uma grandeza de alma invulgar, fez a seguinte análise da América Latina: «Os países subdesenvolvidos caracterizam-se pela falta de industrialização. Esta implica a divisão do trabalho, a especialização e a racionalização da actividade humana. As relações que os sociólogos chamam primárias, ou seja, as relações pessoais, de maior intimidade e profundidade, como as relações familiares e de amizade, constituem o factor predominante da vida dos países subdesenvolvidos. O sentimento e a tradição governam as instituições, e entre elas as instituições políticas.

★

AS novas relações entre o filme e o público terão de nascer de baixo, isto é, da procura do espectador médio, ou poderão ser impostas por uma planificação cultural? Eis a questão que foi debatida no recente Curso de Estudos Cinematográficos de Mendola, sujeito ao tema de actualidade «Cinema e contestação». Gaetano Stucchi e Giancarlo Castelli, dirigentes do Centro de Estudo Cinematográfico, pronunciaram-se, segundo refere a revista «Cinema d'Oggi», a favor de uma obra de mediação cultural entre a produção e o público. Essa mediação caberia naturalmente às organizações de cultura cinematográfica.

Eis um tema fecundo e uma solução que entre nós mereceria séria meditação.

★

POR vezes, lêem-se nos jornais notícias que causam um arrepio de horror e uma descrença na humanidade. Não nos referimos sequer aos crimes da repressão, que neste século dos satélites em órbita nada ficam a dever aos das guerras religiosas do século XVI (extermínios de judeus na Península, noite de São Bartolomeu em Paris, etc.). De momento, pensamos, modestamente, no sequestro (que durou anos, em São Paulo) de uma senhora idosa e rica por aqueles que pretendiam roubar-lhe a fortuna. Se as pessoas se abrissem á vida, se a sociedade fosse mais integrada, mais fraternal, mais justa, haveria menos actos horrendos desta espécie. Poder-se-á melhorar o homem? Somos dos que, com um cepticismo esperançoso, acreditamos que sim.

★

NO jornal «Tribune», órgão do P. S. U. francês, apontam-se, como factores da crise do capitalismo, a diminuição dos objectivos sociais e da investigação, como consequência da competição levada ao máximo e da conversão rápida dos sectores pré-capitalistas; e, sobretudo (além da crise internacional, ligada às dificuldades do sistema monetário internacional), a crise de direcção. Diz o «Tribune», cujo lema é «Socialismo e Liberdade», que as antigas equipas patronais, muito próximas dos detentores do capital, têm de procurar a participação de técnicos que impõem novas concepções do interesse capitalista a longo prazo. Mas sucede que também esses técnicos são postos em causa por todos os que, na empresa ou fora dela, contestam a subordinação de todos os meios e objectivos da sociedade ao interesse do desenvolvimento das grandes firmas.

«MAS EU LEVO-LHE O BURRO A CASA!»

Tenho cara de negociante de burros?

Foi este o negócio que um cigano de meia-idade me propôs na Malveira:

— Você compra o burro, mire, dá cem escudos pelo burro, é um animalito que só falta falar, hem?

Mas não tenho cara de negociante de burros. O mais que compro é livros, tabaco e fósforos, e se algum dia me tornei proprietário de peças de roupa, que digo, meias simples, mistura de algodão e «nylon», deve-se tal percalço a um repente aquisitivo que não sei explicar. Dai a negociar cem escudos de burro...

— Pues mire, você compra o animalito, vea el pelo, es lindo, criei-o desde pequeño, você compra o burro, no tiene otro aqui na feira, mire, mire, as patas, hem, parecem de hierro, você compra, dá cem escudos pelo burro, y quedamos amigos!

Mas não tenho cara de negociante de burros. E um burro assim, mesmo miniburro, precisava de espaço, erva, caminhos largos para andar e andar... Imagine-se tudo isto na Travessa do Patrocínio á Estrela, onde os próprios gatos quase não respiram entre os automóveis.

— Amigo, um burro! Onde vou eu pôr um burro?

— Qué! Não tem um quintal! Um jardim pequeño? Pues el burro no es problema!

Fiz ver ao vendedor que sim, que era problema. Não se acomodam burros em caixotes. Não há burro que caiba na despensa.

— Além disso, levava o burro como? No porta-bagagens?

O dono do animalito olhou-me de alto, desdenhoso, farto de argumentação leve. E disparou:

— No coche, no coche... Qué. Eu levo-lhe o burro a casa, hombre!

FERNANDO ASSIS PACHECO

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA
SALDOS
TEMOS UM GRANDE SORTIDO PARA HOMEM E SENHORA, RESTOS DE PRODUÇÃO DA NOSSA FÁBRICA, QUE SALDAMOS A PREÇOS BASTANTE BAIXOS. ALÉM DE GRANDE QUANTIDADE EM MODERNOS SOBRETUDOS, GABARDINES, BOINES, CAMISAS, CUECAÇÕES, MALHAS, CASACOS, CALÇAS, PEÚGAS
ALFAIATARIA VERÍSSIMOS
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO
Bem apetrechados laboratórios
ESCOLA SÃO VICENTE Rua do Paraíso, 28
MARQUÊS de POMBAL R. Carvalho Videira 10

TAPETES
Carpélio
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

Tribuna livre

Imobilismo ou progresso?

A situação dos agentes comerciais

Por JACINTO JOSÉ FERNANDES

NA VIDA ECONÓMICA PORTUGUESA vários factores exercem, naturalmente, segundo as circunstâncias, uma maior ou menor influência no sentido de um progresso que tanto se deseja mas teima em não se implantar de vez. Forças negativas, como o choque de interesses puramente egoístas, a crónica falta de recursos básicos com que desde sempre nos temos debatido, passando pela impreparação, demasiado frequente, dos elementos-chave, até á pesadona burocracia que tantas boas iniciativas acaba por asfixiar, tudo se combina, lamentàvelmente, para eternizar um clima de crise que se vai, aliás, acentuando de forma alarmante.

Neste panorama de perspectivas desanimadoras, a impor uma luta árdua e ingrata, existem ainda homens que persistem em se bater, encarniçando-se contra todos os obstáculos, procurando vencer na vida e conseguindo afinal, com essa sua acção, ser úteis, também, á comunidade a que pertencem. Esses obreiros do progresso existem em todos os ramos de actividade, ocupando os mais diferentes postos, desde o modesto operário aos dirigentes da mais elevada hierarquia. Simplesmente, parece serem poucos e os que se podem encontrar não são aproveitados na plenitude das suas faculdades, não só por se encontrarem amarrados a conveniências mesquinhas e limitativas de possibilidades, como também por não disporem de apoios e protecção indispensáveis.

Esta anomalia, real para quem quiser ver, é precisamente das que redundam, ao fim e ao cabo, em prejuízo da comunidade. Mal sem cura? Por certo que não: os que se habituaram a lutar desconhecem os encantos de cómodos fatalismos e sabem que sempre um caminho está aberto para eles, o do estudo sistemático das situações em foco, o agrupamento com outros em condições semelhantes e, finalmente, a promoção de diligências firmes e racionais junto dos órgãos competentes no sentido de alcançarem as garantias e meios de desenvolvimento a que se julgarem com direito. Esta via poderá parecer morosa, mas, como é a única válida, não há alternativa razoável.

Exemplifiquemos: entre tantas classes de profissionais por organizar ou, pior ainda, mal organizadas, reparemos na dos agentes comerciais representantes, comissionistas ou como melhor se entender classificá-los.

São elementos utilíssimos, não só pelo seu dinamismo, que muito contribui para o incremento de certas actividades económicas, como também pelo conhecimento profundo dos «mistérios» dos sectores comerciais onde exercem a sua actividade. Desse conhecimento profissional se têm utilizado os mais variados tipos de empresas, quase sempre com os melhores resultados.

É o caso de muitas novas unidades industriais, que aplicando bens e faculdades disponíveis, dando trabalho a muitos operários, começam esperançosamente a produção de novos artigos, mas a breve trecho vêm a deparar com o grave problema do escoamento dos produtos fabricados, a preços compensadores, em quantidades suficientes e a clientes que paguem, porque afinal tantas vezes o optimismo que parecia firme na fase da planificação não se confirma, os artigos não agradam, a concorrência reage e o capital não se movimenta com a velocidade necessária.

Noutras ocasiões são produtores que já tiveram um período favorável de crescimento e prestígio, mas que acabaram por se deixar ultrapassar, e a determinada altura não mais conseguem encontrar a forma de prosseguir: os clientes antigos mudaram de fornecedores ou foram cessando a actividade, os possíveis novos clientes não são conhecidos deles, artigos mais modernos foram-se impondo, etc., tudo causas que se combinam com frequência para criar situações que lembram «becos sem saída».

Estes são dois tipos de casos em que é mais comum recorrer-se aos serviços dos autênticos técnicos de vendas que são os agentes comerciais. Não se podendo de forma alguma encarar como simples intermediários a onerar os produtos, justificam que se ponham de lado sistemas de vendas que, parecendo económicos acabam por se tornar ruinosos. Parece estar demonstrado serem inúmeras as empresas que recuperaram boa posição nos mercados ou se tornaram conhecidas e puderam progredir graças, em parte apreciável, á competência dos seus agentes comerciais em promover vendas, seleccionar clientes, aconselhar a fabricação de novos artigos, defender marcas e estabelecer todo o vasto plano de acção necessário para se alcançar o ambicionado êxito.

É um trabalho cheio de dificuldades e de luta constante, digno, por certo, de recompensa á altura.

Não há legislação que os defenda

No entanto estes profissionais, porque não têm legislação que os defenda, nem qualquer género de organismo colectivo que oriente e dê bases sólidas á sua actividade, vêem-se obrigados, muitas vezes, a suportar incompreensões e maus proveitos, quando não mesmo as mais gritantes injustiças.

Se é verdade que são relativamente frequentes os exemplos de agentes comerciais com a sorte de ver a dedicação recompensada pelos seus representados, o que sucede vezes de mais é, uma vez saneada a situação comercial de empresas que a eles recorreram, começarem por ir notando, a pouco e pouco, o terminar de deferências próprias das épocas das aflições, prenúncio em certos empresários de que, á sucapa, foram procurando a forma de alcançar os mesmos resultados, dispensando, sem mais nem menos, na primeira altura, os serviços do confiado colaborador que lhes abriu o caminho.

Outras variantes desta ingratidão extrema são também conhecidas, como a redução arbitrária das comissões atribuídas aos agentes, o avolumar de exigências insuportáveis, etc.

A dura realidade para os agentes comerciais comissionistas quando, mais tarde ou mais cedo, acabam por ver chegadas situações deste género, é a de constatar que têm de se sujeitar a todas as injustiças, sem a hipótese de recorrer a nada ou a ninguém que reponha no devido lugar o seu direito, que o mesmo é dizer: o direito de quem trabalhou largos anos, dedicada e utilmente, como mandam as regras das mais exigentes comunidades, encontrar garantido o mínimo indispensável a uma sobrevivência digna.

Por outro lado, mesmo entre si nem todos os elementos desta classe sabem manter a compostura e o respeito que devem aos colegas, movendo-lhes concorrência desleal, não só perante os clientes comuns, como também, vergonhosamente, tentando e conseguindo apoderar-se de representações confiadas a outrem, não falando já na cobiça dos oportunistas, falhados noutras profissões, que, aproveitando-se de todos os meios, surgem como abutres, caindo sobre posições penosamente alicerçadas em trabalho e dedicação.

Ainda aspectos como a justa defesa fiscal, previdência e reforma, valorização profissional e muitos outros, aguardam a altura, que já vai sendo tardia, de serem encarados e resolvidos, protegendo, disciplinando e esclarecendo.

Esta é a situação de uma classe prestimosa. Muitas outras se encontram mais ou menos desamparadas, carecendo de se organizar e evoluir para níveis mais elevados e mais conformes com o tempo que vai correndo. As leis vão facultando alguns direitos aos que trabalham, mas como não podem fazer tudo, incluindo as iniciativas que competem aos interessados, o mais urgente será acordar os espíritos, captar adesões e dar início á actividade de conjunto.

De resto, está anunciada, como se sabe, uma era de renovação, que ardentemente se deseja e seja também de processos, no sentido de facultar a todos, igualmente, uma franca e liberal audiência. Assim sendo, parece oportuna a união de interessados na defesa dos seus direitos profissionais. Assim parece possível a reunião de vontades e responder: presente!

O monumento e a biblioteca erigidos em homenagem a Winston Churchill, no Westminster College, de Fulton, Missouri, nos Estados Unidos incluirá um órgão majestoso que será inaugurado solenemente em 7 de Maio próximo. Está ele a ser construído, segundo a linha tradicional do séc. XVIII, por uma firma londrina especializada. O seu custo atinge cerca de dois mil contos e estará pronto em Março. Depois dos muitos testes a que será submetido «voará» para os Estados Unidos no mês seguinte, a fim de se proceder a sua inauguração. Embora de linha tradicional, estará apto a reproduzir, também, a moderna música de órgão

ora diga-nos...

— TEM QUINTAL?

Ah, estas casas tão fechadas! Todos nós temos um quintal, um pátio, uma varanda com sol na memória

● *João Luís Matos, a passar com uma canção na rua, não vai mais adiante com o assobio e diz-nos assim:*

— Vivo num segundo andar. É só olhar a rua... Nem pátio, nem varanda.

— Custa-te?

— Quando era mais pequeno, e não podia descer à rua, a falta de um pátio fazia-me sofrer bastante...

● *Foi, depois, a vez de Alfredo Linhares Tavares, moço vezinho, que só disse sim depois de ter dito não:*

— Eu olho a rua de um terceiro andar.

— Queres dizer, então, que, muitas vezes, não saindo de casa, ficas à janela...?

— Os meus pais são compreensivos e deixam-me dar uns passeios.

● *Finalmente, o depoimento de Mário Rui Pinto Tavares:*

— Tenho um quintal, tenho. Sem quintal para umas corridas, uns chutos numa bola, eu! Mas o que seria de mim! Começava a ficar nervoso, a zangar-me com toda a gente...

... Ora isto significa que os citadinos necessitam de espaços verdes.

AUTOMÓVEIS USADOS

N. S. U. TT 1200
N. S. U. TT 1100
N. S. U. 1.100 S C (1200)
N. S. U. 110
N. S. U. P 1000
N. S. U. P 4 L

Todos com garantia de novos.

Lotus Elan SE, como novo, poucos quilómetros.

FIAT 850 Coupé — impecável.

FIAT 850 (ABARTH).

Volkswagen 1500—poucos quilómetros.

MG 1100 onde equipe Cortina e Fiat 2500.

Todos vendidos com garantia.

Auto-Ed. Costa, Lda.

Av. Campolide, 27-B

Tel. 683080 - 687025

À ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação aos Olivais ou combóios eléctricos.

CONVÍVIO LUSO-BRASILEIRO NO CARNAVAL UNIVERSITÁRIO ORGANIZADO PELO SIAEIST

Os Serviços de Turismo Universitário — SIAEIST — levam a efeito, em estreita colaboração com o RITU da Faculdade de Direito e o Secretariado de Intercambio do CADC de Coimbra, o Carnaval Universitário 69, primeira realização no âmbito de uma campanha de promoção do turismo interno durante a época invernosa.

O Carnaval Universitário 69 será uma festa de convívio luso-brasileira, que constará de uma excursão ao Algarve, com alojamento em hotel (de 1.ª classe A) na Praia da Aivor (deslocamento em autocarro de turismo), visitas a Loulé, com participação no Carnaval daquela vila. A partida é no próximo sábado, estando o regresso previsto para terça-feira, á noite. São oferecidas duas modalidades de estadia: 690$ e 580$00 a partir de Lisboa ou 930$00 e 830$00 desde Coimbra.

O SIAEIST está aberto a estudantes universitários, pré-universitários, licenciados até dois anos depois da conclusão do respectivo curso, professores actuando como chefes de grupo, e cônjuges e filhos de qualquer das pessoas numa das categorias anteriores. Sendo a organização nacional para o turismo universitário, no âmbito da Confederação Internacional do Turismo para Estudantes, propõe-nos os seguintes serviços aos estudantes portugueses: voos fretados, excursões no estrangeiro, campos de trabalho no estrangeiro, cursos de férias no estrangeiro, viagens para finalistas liceais e universitários, guias de viagem, seguros de viagem ISIS, facilidades no estrangeiro, emissão de Cartão Internacional de Estudante, passaportes, etc.

Prestam-se informações pelo telefone 771884, das 9 ás 14 e das 16 ás 18 horas, nos dias úteis e das 9 ás 13 horas nos sábados.

VEM AO TEJO O NAVIO-CHEFE DA 6.ª ESQUADRA

Chega ao Tejo, na próxima terça-feira, em visita não oficial, o cruzador americano «Litle Rock», navio-chefe da 6.ª Esquadra, do comando do capitão-de-mar-e-guerra W. F. V. Bennett.

O «Litle Rock» que atracará ao cais da Estação Marítima de Alcantara, tem uma guarnição constituída por 119 oficiais e 1187 sargentos e praças.

O «Litle Rock» atracará no dia 8, podendo ser visitado pelo público no dia seguinte ao da sua chegada.

SUCESSO

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET

ADULTOS

A TARDE: Matinée às 16 horas

À NOITE: às 21 e às 23 horas

2.º MÊS DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

A PREGUIÇA

UMA COMÉDIA POPULAR DE GRANDE ÊXITO

com RAUL SOLNADO

FERNANDA BORSATTI
ALINA VAZ-MÁRIO JACQUES
ANTÓNIO MONTEZ-DAVID SILVA

ÀS 2.as-FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULOS: para descanso oficial da companhia

Dia 10, às 21 e 23 horas; e dias 11 e 12, às 18.30

«A NOVÍSSIMA MÚSICA DO BRASIL» com EDU LOBO e os MUTANTES

BILHETES À VENDA — MAIORES DE 12 ANOS

NA CINEMATECA

«Breve Encontro»

de DAVID LEAN

Robert Bresson, em inquérito já antigo, considerava *Breve Encontro* como um dos dez melhores filmes que tinha visto. Mas espantava-se que o seu autor, David Lean, tivesse realizado depois *A ponte do rio Kwai* — e, poderemos nós acrescentar, *Laurence da Arábia* e *Dr. Jivago*. Quer dizer que David Lean se tornou hoje um representante apenas talentoso dum cinema inteiramente tradicional. *Breve Encontro*, contudo, permanece na memória do publico, atingindo quase o plano do mito. Foi esse mito que a Cinemateca retomou ao exibir na sua série a obra de Lean. Mito, no sentido positivo da palavra, porque *Breve Encontro* é um acontecimento importante na história do cinema romantico.

Sobre o filme de David Lean pronunciou-se deste modo a crítica no *Monthly Film Bulletin*, de Dezembro de 1945:

«Este filme, magnificamente desempenhado e dirigido, é adaptação cinematográfica de uma peça em um acto da autoria de Noel Coward.

Trevor Howard, no seu primeiro filme que exige capacidade de desempenho, nunca deixa de revelar personalidade fôrte, sempre que a situação o requer.

Todavia, os principais créditos, quanto a desempenho, recaem sobre Celia Johnson. O filme é completamente dela. As cenas de emoção pertencem-lhe e o espectador entra na história através da sua necessidade de dizer a alguém que lhe alivie o sofrimento.

David Lean e os seus colegas na produção, Anthony Havelock-Allen e Ronald Neame, produziram o filme com tal unidade de ambiente que não é possível diferenciar a contribuição de cada um.

A poesia da sua concepção inclui imagens sem as quais o poeta não pode trabalhar. As imagens aqui são comboios, corredores, plataformas, a veemência da paixão, a solidão de passos mal iluminados e o segredo ilícito de certas passagens».

Em complemento, exibiu-se uma curta-metragem produzida por Pathé-Frères, com data de 1917, e intitulada «Elegancias parisienses».

E. P. C.

UMA FARSA QUE É DE GRITOS!

teatro MONUMENTAL

TEL. 555133 (ADULTOS)

HOJE, SESSÃO ÚNICA ÀS 21.45 H.

UM ESPECTÁCULO de VASCO MORGADO

com desempenho notável de
CAMILO d'OLIVEIRA
FLORBELA QUEIRÓS
nos protagonistas
CARLOS COELHO
CARMEM MENDES
YOLA e LINDA
ALDA e CARLA
encenação de
SANTOS CARVALHO

AMANHÃ 2 sessões, 20.45 e 23 h.

● HOJE, ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS, NO

(ADULTOS)

● MARIA VITÓRIA

A REVISTA DA GARGALHADA

● GRANDE POETA É O ZÉ!...

(PRÉMIO DA IMPRENSA — 1968)

com
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA (Prémio da Imprensa-1968)
● MARIEMA
● ● MAX ● ANITA ● DORA ● VIT. MENDES
E A NOTÁVEL ATRACÇÃO
● MAY AVRIL

AVISO AO PÚBLICO
CONFORME FOI SUPERIORMENTE REGULAMENTADO, ÀS 2.as-FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO NESTE TEATRO PARA DESCANSO DA COMPANHIA

● AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO ● NA 3.ª-FEIRA CONTINUA A TRIUNFAL CARREIRA DA REVISTA.

A B C

TEL. 366745 (ADULTOS)

JOSÉ MIGUEL APRESENTA 3.ª-FEIRA EM ESTREIA

ELAS É QUE SABEM

Ivone Silva — *Nicolau Breyner*

UM NOVO TEATRO ★ UMA NOVA REVISTA ★ UMA NOVA CRÍTICA

Teatro LAURA ALVES

ÀS 21.45 TEL. 864756 (Adultos)

VASCO MORGADO apresenta EM TRIUNFAL 2.º MÊS

O ÊXITO QUE LISBOA APLAUDE

O JOVEM MENTIROSO

UMA PEÇA PARA RIR E PENSAR!

AS QUINZENAS DO BOM CINEMA anunciam

O BURLESCO NO CINEMA

PROGRAMA:

Amanhã:
Maiores de 6 anos
— UMA NOITE NA ÓPERA, de Sam Wood, com Os Irmãos Marx (Harpo, Chico e Groucho Marx).

Dia 5:
Maiores de 6 anos
— PAMPLINAS MAQUINISTA, de Buster Keaton, com Buster Keaton

Dia 7:
Maiores de 6 anos
— AS MEMÓRIAS DE CHARLOT, de Charles Chaplin (antologia)

Dia 10:
Maiores de 6 anos
— O ALEGRE MUNDO DE BUCHA E ESTICA, de Leo McCarey, com Bucha e Estica

Dia 12:
Adultos
— ROMA ERA ASSIM, de Richard Lester, com Zero Mostel, Buster Keaton, etc.

Dia 14:
Maiores de 12 anos
— AS FÉRIAS DO SR. HULOT, de Tati, com Jacques Tati, Nathalie Pascaud, etc.

TODAS AS 2.as, 4.as e 6.as FEIRAS, ÀS 18.30 H.

CINEMA MONUMENTAL

COLISEU HOJE às 21,30

(Maiores 12 anos)

O CIRCO DE 1969

Grande Companhia Internacional
As maiores atracções
UM TIGRE A CAVALO!
PALHAÇOS

GRANDE CARNAVAL DO COLISEU
Bilhetes à venda

GRANDE CARNAVAL NAS BELAS-ARTES

CARNAVAL DO RIO!... CARNAVAL COMO LISBOA NUNCA VIU!...
«BRASIL 69»
JORGE COULART — NORA NEY
ROSINHA DE VALENÇA
OS MODERNOS DO SAMBA
AS REVELAÇÕES DO FADO:
ZÉ FREIRE E JOSÉ PRACANA

E OS CANÇONETISTAS
ANTÓNIO CALVÁRIO
MARIA JOSÉ VALÉRIO
MIRENE CARDINALLI
PAULO JORGE
SUZI PAULA
TONY DE MATOS
E O ACTOR
RAUL SOLNADO

2 ORQUESTRAS — MÚSICA PERMANENTE — TIBURCIO COM TITO GODINHO — OS FLIERS —
MARCAÇÕES — BELAS-ARTES: 41293
PRODUÇÕES ARMANDO MARQUES FERREIRA E CARLOS NASCIMENTO — T. 530808

DINHEIRO
EMPRESTA-SE sobre automóveis e propriedades
A Predial Tomarense
Mediador oficial
Av. Alm. Reis, 86 r/c. Dt.º
LISBOA — Telef. 57211

Estes são os «Mutantes», cuja estreia (com Edu Lobo) está marcada para o próximo dia 10 no palco do Villaret

Edu Lobo e Os Mutantes brevemente no Teatro Villaret

Dentro de alguns dias, o público português vai ter oportunidade de assistir a um «show» no Teatro Villaret em que o compositor-cantor Edu Lobo e o grupo «Os Mutantes» vão apresentar a novíssima música do Brasil. A estreia está marcada para 10 do corrente, às 21 horas.

Edu Lobo é hoje um dos mais célebres compositores brasileiros. Nascido em 1943, no Rio de Janeiro, Edu começou a ser conhecido no Brasil em 1962 quando gravou os seus primeiros sambas de parceria com o poeta Vinicius de Morais. São desse tempo alguns dos sucessos mais importantes da sua carreira, composições de nítida influência folclórica, tais como «Canção da Terra», «Reza», «Em tempo de Adeus», «Aleluia» e «Requiem para um amor».

Foi, no entanto, no teatro, musicando diversas peças, que Edu Lobo se guindou á posição que hoje ocupa, juntamente com Carlos Jobim e Chico Buarque de Holanda, um dos mais importantes compositores do Brasil.

As canções «Chegança» e «Colheita», de parceria com Oduvaldo Viana Filho, extraídas do tema musical da peça «Os Azeredos mais os Benevides», foram um primeiro passo numa carreira de sucessos que veio a culminar com a «Canção do Amanhecer», «Zumbi dos Palmares» e «Arrastão», apresentadas na peça «Arena contra Zumbi», de Gianfrancesco Guarnieri. Pela canção «Arrastão», Edu recebeu o prémio Berimbau de Ouro no 1 Festival de Música Popular de S. Paulo. Em 1968, voltou a receber o mesmo prémio pela canção «Upa Neguinho».

Nos dois últimos anos, Edu Lobo ganhou projecção internacional graças a duas «tournées» que efectuou na Europa e ao sucesso alcançado pelos discos de Sérgio Mendes na América do Norte e em todo o mundo, onde são tocadas quase todas as suas composições. Durante o último Festival de Midem, efectuado há dias em Cannes, Edu Lobo fez parte da representação brasileira juntamente com Chico Buarque, Elis Regina e «Os Mutantes».

Com Edu Lobo deslocou-se a Portugal o grupo «Os Mutantes», constituído por dois rapazes e uma rapariga. Eles são irmãos Arnaldo e Sérgio Dias Batista — e ela chama-se Rita Lee Jones. Todos paulistas, estão a viver uma autêntica aventura. Formaram o conjunto e, de um momento para o outro, alcançaram uma popularidade imensa dentro do imenso Brasil. Juntamente com Caetano Veloso e Gilberto Gil, representam o que há de mais avançado dentro da novíssima música brasileira. «Os Mutantes» são hoje os principais intérpretes das canções «beats» dentro do Brasil, tendo por isso mesmo já sido contratados para diversas aparições no «Rounie Von Show».

Edu Lobo e «Os Mutantes» darão quatro espectáculos em Lisboa, no Teatro Villaret, nos dias 10, 11 e 12 de Fevereiro.

Do Festival da Midem para Lisboa: Edu Lobo, grande figura da nova geração musical brasileira

DÁRIO DE BARROS NO BRASIL

Dario de Barros continua a sua boa campanha brasileira. Após a estreia na TV-Globo, canal quatro, em «Oh que delícia de «show»), passou para a TV-Tupi, Canal Seis (para o programa «Um instante, maestro»).

Agora, Dario de Barros encontra-se em São Paulo: cantando no Restaurante Típico «Lisboa Antiga» e numa rubrica TV. Na próxima quarta-feira, o actor-fadista ingressa no elenco da melhor «boite» do Rio de Janeiro: «A Sucata», onde apenas desfilam grandes nomes dos palcos. Simultâneamente, volta a actuar na TV-Rio (Programa «Universidade»), onde, em anterior apresentação, disse versos de Manuel Bandeira, Hernani Correia, Cesário Verde, Heitor Gomes Teixeira, Luso Soares, António Botto e Fernando Pessoa.

A 15 de Fevereiro Dario de Barros regressa a Lisboa: por breve tempo, uma vez que doze dias mais tarde iniciará uma longa digressão pelo Canadá e Estados Unidos da América do Norte.

DELFINA CRUZ: 300 CONTOS NO BANCO

Delfina Cruz é uma revelação dos últimos anos no teatro musicado. Quase sem se dar por ela, subiu velozmente até aos lugares mais destacados, desde que em «*Férias em Lisboa*» (1965) se estreou no Monumental.

— *Como discípula «de poucas falas» a ganhar dois contos mensais* — diz-nos.

Maria Delfina da Cruz Netto nasceu em Lisboa, a 5 de Março de 1946. Após o curso primário empregou-se num escritório, de onde saltou para o teatro, seu sonho desde os tempos de garota.

— *Comecei ao lado de Humberto Madeira, numa realização de Alfredo Allara. Depois passei para o elenco de Henrique Santana que desempenhou «Paris Hotel» («cachet»: dois mil e quinhentos escudos). Para intervir em «Esta Lisboa que eu Amo» ganhei três contos mensais. Depois, foi sempre a subir ...*

E foi. Ao lado de Laura Alves (em «O Comprador de Horas») recebe 4000$00. Para fazer «Duas Pernas, Um Milhão», Vasco Morgado aumenta-a para 4500$00. Da comédia para a revista o preço da transferência foi mil escudos: ganhou 5500$ em «Pão, pão ... Queijo, queijo», no Maria Vitória, com Giuseppe Bastos. Mas veio outra mudança, para o teatrinho ali ao lado: no A. B. C. faz «Mulheres à Vela», já com o ordenado cifrado em nove notas de mil.

Segue-se ainda outra revista: «Arroz de Miúdas» (10 000$00 como vencimento). E a viagem a Angola e Moçambique, no elenco reunido por José Miguel: 15 000$00 mensais. Regressa ao Monumental: vários meses contratada por 12 000$00 e uma dezena de dias a representar «Click!. Já está». Agora, momentâneamente interrompida a carreira teatral, prepara-se para viajar até aos Estados Unidos da América do Norte e Canadá: a 24 do corrente partirá para Nova York, com Paula Ribas, Armando Cortez e Orlando Fernandes.

— *Vou ganhar trinta e cinco contos por cinco semanas de trabalho* — frisa, materialista. «*E no regresso farei uma revista com Florbela Queirós.*

Delfina Cruz: cabelos pretos, olhos verde-azeitona. Cinquenta e quatro quilos de peso, 159 centímetros de altura. Medidas correctas: 98 (busto), 60 (cintura) e 98 (anca). Persiste em manter-se solteira.

— *No teatro não vejo nada com jeito. Cá fora só pensam em brincar ...*

Delfina Cruz: várias presenças no Teatro-TV e no programa «Riso & Ritmo». Dois documentários cinematográficos com Francisco Saalfeld (marcados para Junho e Julho) e um filme de fundo com António Macedo (a realizar em Maio).

Delfina Cruz: que já fez cinema comercial em «O Parque das Ilusões», «Canção da Saudade» e «O amor desceu em pára-quedas». Delfina Cruz: que gostaria de fazer cinema no estrangeiro ...

— *Se tivesse uma boa oportunidade, nunca mais cá voltava!* — acentua a sorrir.

— *Está realizada, Delfina?*

Ela fica-se. Calada. E só algum tempo depois responde:

— *Não, não. Nem sombras. Mas já tenho mais de trezentos contos no Banco. Quero comprar um carro e um andar na Reboleira.*

Delfina Cruz: um bom partido?

Ora vejam.

Revelação do teatro musicado, Delfina Cruz vai ganhar 35 contos por cinco semanas de trabalho na América

O DISCO VEM AÍ

Para a etiqueta «Estúdio», a fadista Ada de Castro *(«Prémio de Imprensa» — 1967) grava «Lisboa é Fado (Genny Teles — Hermenegildo de Figueiredo), «Fado do amanhecer da saudade» (Armandinho — A. Vieira Silva), «Mudei de nome» (R. Doria — Carlos Robalo) e «As nossas duas paixões» (F. Seixal — Lúcio de Vouga).*

*

Acompanhado pela orquestra de Manuel Viegas *Tony de Matos* aparece em mais um 45 rpm (para a «Estúdio») que inclui «Boca molhada» (João de Vasconcelos — Rogério Bracinha), «John português» (João de Vasconcelos — Cesar de Oliveira), «Anabela de Luanda» (Carlos Dias — César de Oliveira) e «Lisboa é sempre mulher» (de João Nobre e César de Oliveira).

*

A jovem fadista Fernanda Pinto *no seu segundo disco para a «Estúdio»: «Encontrei-te «(Álvaro Martins — Valente Rocha), «A minha vida» «Armandinho — Fernando Farinha), «Teus olhos indefenidos» (Casimiro Ramos — D. R.) e «Viram por aí o fado» (Armando Machado — Frederico de Brito).*

*

A «Beter» apresenta o primeiro L. P. de *Maruja Garrido:* «El bardo», «La luna ya está en el bote», «El paso de Encarnación», «Ay mi limón», «Che camino», «Don Simón», «Contigo aprendi», «Amaneci en tus braços», «El infierno», «Pídele a Dios», «Mi razón de vivir» e «Encuentro», tudo composições «flamencas».

*

«Todos têm paz no seu olhar» é a canção do primeiro LP de Carlos Portugal, *que a «Alvorada» lança. Outras composições ali gravadas: «Mágula Alice», «Canção medieva», «Mágula-a-louca», «No olhar da moça», «Meu irmão pastor», «Arriba, Zé», «Era, vida, era !», «Isabel», «Marta ou a saia», «Ao morrer» e «Que queirias tu».*

A VEDETA SUL-COREANA LIMA KIM

NO FESTIVAL DOS «PRÉMIOS DE IMPRENSA»

Uma vez mais o Casino Estoril se associa ao mais representativo festival dos jornalistas portugueses, enviando (na noite do próximo sábado) ao Pavilhão dos Desportos, a jovem intérprete de fado Maria Valejo e a grande «estrela» sul-coreana Lima Kim, que se apresenta ao público em canções de típico recorte.

Depois de amanhã, publicaremos a lista de todos os intérpretes presentes no «show do ano» em espectáculo impossível de repetir e que, pelas suas características, perdurará indelevelmente na memória do feliz assistente que acorrer a aplaudir a entrega dos «Prémios da Imprensa-1968».

Os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda nas delegações dos jornais «Diário de Notícias» (Chiado e Rossio), «O Século» (Rossio) e «Diário Popular» (Largo de S. Domingos) e na agência A. B. E. P. (Restauradores). O espectáculo é para maiores de 6 anos.

TRINDADE
— F. N. A. T. —
Às 21.45 h. (M. 17 anos)
HOJE, às 21.45 (17 anos)
o T.N.P., sub. pelo Fundo do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

CAPITÓLIO
Tel. 32 03 79
Às 21,45 h. M/ 17 anos
EXITO ABSOLUTO DE
TANGO
Em 3.º mês de representações

3.ª-FEIRA, 4:
«FREI LUÍS DE SOUSA»

CASAMENTOS E LANCHES
52$50, 57$50 e 62$50 incluindo vinhos
Salas próprias Toda a garantia
PASTELARIA LISBOA
Av. Almirante Reis, 42-A
Telef. 4 00 76 — LISBOA

SALDO BORDADOS
PARA LENÇÓIS E ROUPA INTERIOR, LINDOS DESENHOS, SALDAM-SE FINS DE PEÇA E RESTOS DE REFERENCIAS A PREÇOS ABAIXO DO CUSTO
Lavores Femininos
AV. G. JUNQUEIRO 3-D
LAVORES
RUA DO OURO, 179

«Amola tesouras e navalhas»

O COMÉRCIO DE PREGÃO é o mercado da rua onde vai comprar o povo

AO LONGO DESTA REPORTAGEM e durante muitos dias, andámos de loja em loja, de balcão em balcão, de testemunho em testemunho. Ouvimos muitos comerciantes (palavrosos ou discretos) a falar dos seus negócios, a indicar os seus problemas, a deduzir as suas razões, a dizer de sua justiça. E até deixámos para trás muita recusa (que nem sempre quem pergunta encontra, entre nós, quem responde).

Em tudo isto, porém, apenas entrámos (estivemos) num mundo que se move dentro de suas casas. Que se capsula nos limites dos seus assuntos. Que se martiriza entre quatro paredes, com uma porta ao lado da montra ou mesmo a acompanhar os expositores.

Mas, de repente (nesta súbita manhã) demos por ainda haver pregões em Lisboa e as ruas estarem cheias deles. O povo fala ao povo numa voz cantada. Numa cadência melodiosa, sonora, expressiva, arrogante, apregoada. Um bom pregão parece tornar mais barato o que se compra. Tornar mais procurado o que se vende. É assim como dar gosto ao paladar de muitas carências.

E mesmo quando o negócio não se faz, o pregão fica. Anda no ar. Passeia-se pela cidade. Diz-nos tudo numa expressão, num número e, ás vezes, numa só palavra.

OLHA O BELO CACHUCHO das varinas.
PRÓ MENINO E PRA MENINA dos ambulantes.
FREGUESA VENHA ABAIXO da mulher da hortaliça.
OLHA O RAMINHO DE VIOLETAS das floristas do Chiado.
QUENTES E BOAS dos homens das castanhas, na sua época.
PENTES E DEDAIS das velhas que ficaram das antigas capelistas.

E por aí fora, pelas ruas e travessas, até aos simples algarismos de esperança dos cauteleiros ou á singela escala do «fli-flá» na gaitinha de um resto de amoladores que ainda tesouram a cidade em todas as direcções.

Como vive o seu comércio?

Como vive o comércio de Lisboa—11

À DÚZIA É (DE FACTO) MAIS BARATO

O comércio do sr. Mário Augusto Duarte é de rua, mas parado. É negócio de esquina. Um quarto de frutaria ao fundo das escadinhas que vão desaguar na Mouraria. No outro lado, quase em frente, é a Senhora da Saúde. Apenas um pormenor de referência.

— Como vive o seu comércio?

— *Para dizer a verdade, isto vive mal. Está sempre na mesma: «á rasquinha».*

E, com o desejo de dizer tudo, o sr. Duarte exclamou:

— *As frutas não deviam ter vindo para o quilo. À dúzia eram mais baratas, quase metade, para nós e para o comprador. Devia haver quem se «impusesse» a isto: uma roubalheira. Depois, à dúzia, o povo escolhe só o que é. Toda a gente sabe que uma dúzia são «trezes». Ao quilo, não. Apalpam mais do que a conta. Deixam a fruta toda magoada. Um grande prejuízo!*

— O sr. Duarte só vende fruta?

— *Só fruta e castanhas. Também posso vender gelados, mas não «uso».*

— Quanto faz em média, por dia?

— *Uns duzentos a trezentos escudos e nisso ganho 30% que é a base «promitida», obrigatória. Mas, ás vezes, vendo mais e não ganho nada: é que muita fruta apodrece e tem que se deitar fora. Não rende. Uma «chatice» sempre com as laranjas. As bananas, por fora, á vista, lá se vão aguentando. «Tá» a ver, como o negócio é fraco!*

— O sr. Duarte tem este lugar há muito tempo?

— *«Tou» aqui há cinco anos* — e emendou — *Vai para cinco anos. O local é mau que o sitio é pobre, mas sempre é uma rua de «passagem».*

E mal se viu livre deste penoso inquérito, o sr. Duarte lançou, na direcção da Senhora da Saúde o seu pregão: «ARANJA, QUEM QUER LARANJA?»

Os ricos não me compram gravatas

FLORES HOJE SÃO UM LUXO

A sr.ª Isolina Maria da Cunha Oliveira tem um lugar de flores, no Mercado do Forno do Tijolo. Vende ilusões da época: camélias, cravos, violetas e «arvoredos».

Os ramos saem primorosos, tentadores e já ornamentais das suas mãos. As camélias e os cravos, então, parecem carne vegetal amparada pelos membros das avencas. Mas deixemos isso.

— Como vive o seu comércio?

— *Muito mal. Flores são luxo, não são artigo de primeira necessidade. Batatas compram-se mais. A boca pede mais que os olhos.*

— Que flor tem mais venda?

— *Agora, os cravos. São as flores de que «clas» gostam mais. Mas vendo muito «arvoredo» — é mais barato.*

— Só vende flores e «arvoredo»?

— *Não. Como é que eu podia? Vendo vasos e plantas para «dispor». E' a minha defesa. Vasos não murcham. Não têm que se deitar fora.*

— Qual é o seu lucro normal, em cada flor?

A senhora dona Isolina furtou-se, habilmente, à pergunta, dizendo:

— *Pequeno. Muito pequeno. Mas, mesmo assim, tenho boa clientela. E' para o lado da simpatia, não é?*

Não ali — que, no mercado, a chamada é substituida por «pstt, freguesa» — mas a uma florista de rua ouvimos este pregão popular e amabilizado: «AI QUEM FRESQUINHO ESTÁ O MEU CRAVO!»

E estava...

Reportagem de TAVARES DA SILVA

Flores, ilusões da época

UMA PROFISSÃO QUE TENDE A DESAPARECER

As portas do Rossio, ou melhor, na passagem da rua da Betesga para a velha-nova Praça da Figueira, naquela subita manhã, ia a passar um amolador. Um fantasma vivo que anda a resistir á força que vai fazendo desaparecer (como a sua) certas profissões.

Bólina, gaita de buracos, roda de madeira, pedal e corrêia, pedra de esmeril — tudo o que faz um amolador autêntico e ainda mais o pregão mortiço e avisador: «AMOLA TESOURAS E NAVALHAS».

Quisemos saber tudo do pouco que ele tinha para dizer:

— Como se chama?

— *Cristiano da Costa.*

— E' galego?

— *Não sou de Arganil.*

(Continua na 9.ª página)

JOÃO MARIA TUDELLA: DEFESA, CONTRA-ATAQUE E «EXPLOSÃO»

Rejeitada em quatro concursos a canção de Tudela («Tenho amor para amar») escolhida para o «Grande Prémio-TV»

João Maria de Oliveira Pegado Bastos Carreira — João Maria Tudela — uma história de se lhe tirar o chapéu.

Na casa dos vinte e poucos, fez a rodagem em espectáculos de amadores: conhecido, primeiramente, por «João do Choupal», adoptou mais tarde o nome de «Tudella» e tornou-se artista profissional. Um a um, subiu muitos degraus: hoje, em fase decisiva da sua carreira, Tudella é notícia grande. Porque está no «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa», como autor do poema e co-autor da música de «Tenho Amor Para Amar». A tal canção que o Duo Ouro Negro vai defender.

O trigo e o joio

Tudella: 63 quilos e 167 centímetros de altura. Tudella: que anda aborrecido. Que ficou aborrecido porque...

— E' verdade. Os «Prémios de Imprensa» não estão certos. Que culpa tem o Eusébio de ser, anos a fio, o melhor futebolista português? E a Amália não ter quem lhe faça sombra?

«Ora os jornalistas, ao criarem uma cláusula que não *autoriza* a mesma figura a receber prémio em anos seguidos, desmerece o valor de uma «estrela». E, em lugar de criar «prémios de estímulo» (para as «revelações») qualquer dia acaba por galardoar o sexto ou sétimo nome da lista: porque os anteriores já foram contemplados.

«Há, portanto, absoluta necessidade de ser revisto o regulamento do «Prémio de Imprensa»: o maior incentivo a que um artista pode aspirar».

Tudella cantou pela primeira vez perante um microfone a 18 de Março de 1950, no auditório do Rádio Clube de Moçambique. Artista de music-hall, toca piano, guitarra e harmónica de boca. A sua carreira artística alonga-se por três continentes: Moçambique, Congo Belga, Katanga, África do Sul, Rodésia, França, Angola, Madeira, Espanha, Inglaterra, Brasil (62 «shows») e Venezuela (51 espectáculos). Já gravou 55 discos EP e 14 LP para marcas comerciais: transitou agora da «Tecla» para uma etiqueta dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho. Participou em diversos festivais de canções: nomeadamente nos de Bulawayo, Aranda del Duero, Feira do Rand, Costa Verde e Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa.

Tudella: que «está» no «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa».

— Pois é. Estou no festival. Que não é de folclore, nem de fado. Mas que deveria ser de inteira validade artística.

(Num aparte, Tudella volta a trilhar os últimos passos da sua carreira: «O Pescador da Noite Fria» e «O Velho Tonto», com acompanhamento do sexteto de câmara. Um «TV Clube» em moldes que sepultavam toda a história passada. E, acima de tudo, um recital no Teatro Villaret, que foi como detalhes de hoje, muitos nomes (mais ou menos) famosos, vão acabar por cantarolar para um público amorfo, conformista. Porque, deixá sallentar, há uma grande evolução no campo profissional do artista de Rádio: quando apareci a cantar «Kanimambo», eu já estava adiantado, já ultrapassara o «tempo» artístico continental. Agora, isso está a suceder também com outros nomes: José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Manuel Freire, por exemplo.

Na sociedade portuguesa não há lugar para os nossos artistas

Tudella: que os companheiros estão a encaminhar para o comando activo de toda uma classe.

— Quero facilitar aos meus colegas o caminho futuro. Evitar-lhes uma longa polémica. Temos bons intérpretes. E, também, bons poetas: Reinaldo Ferreira, Manuel Alegre, José Gomes Ferreira. Muitos: no «Juvenil» (do «Diário de Lisboa») estão diversos, em embrião. Foi ali que encontrei alguns poemas («Irmão», «A Sala» e «A história do boi cansado») que Pedro Jordão musicou excepcionalmente, porque a inspiração foi fácil de chegar».

Para uma fumaça e continua:

— Outro problema em debate: a popularidade. O artista funciona na base da popularidade. Com «Kanimambo», fui popular; hoje, tenho prestígio. Lá fora, o artista que for popular, ganha em dois anos a sua independência financeira. Em Portugal, está a processar-se um fenómeno de volte-face. Isso, esse movimento de inconformismo perante a rotina, deve-se a dois ou três intérpretes. E, também, á exigência de uma juventude que tem os seus ídolos, que conhece vedetas a quem convida para suas casas. Quando o artista não tem o aplauso firme da juventude está «morto».

Animado:

— Há coisas que não se podem admitir. Não se podem compreender. Enquanto certos países se preparam para colocar homens na Lua há quem permaneça agarrado a condicionalismos anacrónicos. Sabe porquê. Porque, digam o que disserem, não há lugar na sociedade para o artista português: exactamente porque, para noventa por cento dos nomes que pisam os nossos palcos, ser artista equivale a grande promoção social.

Tudella nasceu em Lourenço Marques a 27 de Agosto de 1929. Estudou na República da África do Sul, em Lourenço Marques e em Coimbra. Não tendo tirado nenhum curso superior, foi inspector de uma importante firma internacional. O amor pela canção levou-o a abandonar todas as comodidades da vida para se tornar um dos «leaders» do espectáculo em Portugal: um dos artistas em que os colegas «votam» para o comando de uma classe amiúde calcada e vilipendiada.

Defesa e contra-ataque

Tudella: que «está» no «Grande Prémio-TV da Canção Portuguesa».

— Pois é. Estou no festival. Que não é de folclore, nem de fado. Mas que deveria ser de inteira validade artística.

(Num aparte, Tudella volta a trilhar os últimos passos da sua carreira: «O Pescador da Noite Fria» e «O Velho Tonto», com acompanhamento do sexteto de câmara. Um «TV Clube» em moldes que sepultavam toda a história passada. E, acima de tudo, um recital no Teatro Villaret, que foi como grande vencedor: o Iman capaz de centralizar um milhão e tal de atentos espectadores

— É verdade, lá estou na corrida. Com uma canção curiosa que o Duo Ouro Negro vai tentar que triunfe. Chama-se «Tenho Amor Para Amar» e, nos últimos quatro festivais de canções portugueses, foi sempre eliminada pelos juris.

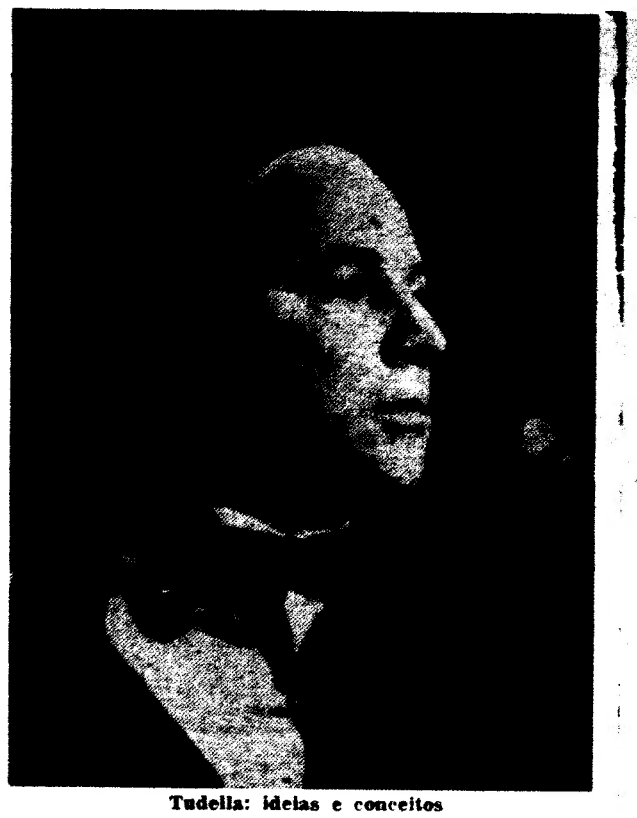
— *Como?*

— É isto que lhe digo. Em Espinho, na Figueira e em Aranda ninguém a quis. Está a ver como os homens mudam, como a apreciação dos homens muda quando menos se espera?

Em pé, a despedir-se:

— E, no entanto, só agora a justiça bate á porta.

NEVES DE SOUSA



Tudella: ideias e conceitos

Tudella tem uma grande colecção de chapéus e harmónicas. Jogou basquetebol pela Académica de Coimbra e pelo Desportivo de Lourenço Marques (companheiro, nesta equipa, de Alberto Costa Pereira). Em ténis, chegou a ser considerado o terceiro jogador moçambicano e, em 1960 venceu, em Luanda, o campeão de Angola. Praticou, ainda, futebol, natação e ténis de mesa.

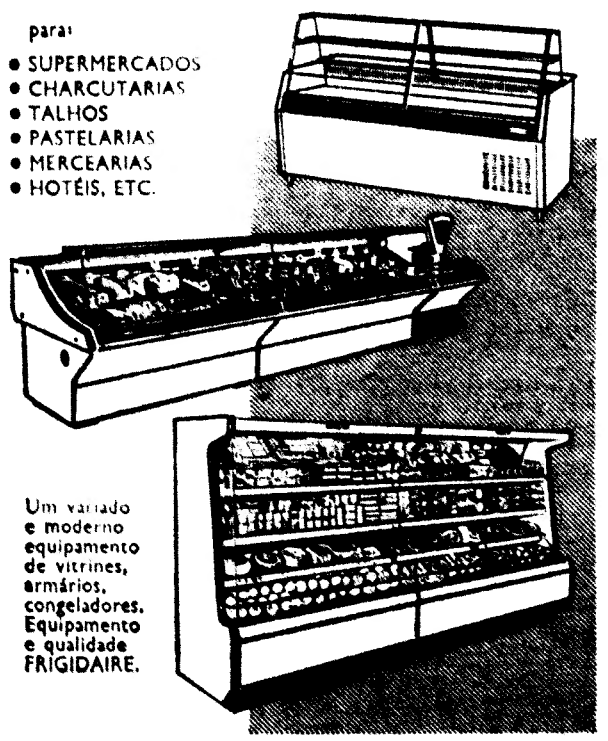
mente corrigível... Se, em cada sector, cada um trabalhar para a comunidade...

— *Ouça, Tudela: e o «Grande Prémio-TV da canção portuguesa»?*

João Maria Tudela. Uma história de se lhe tirar o chapéu. Uma história que começa quando o rapaz era apenas o João Maria de Oliveira Pegado Bastos Carreira. Que nem sonhava que, a 24 de Fevereiro de 1969, numa sala cheia de dourados e peitilhos brancos, numa sala chamada de Teatro São Luiz, podia (finalmente) ser o

VITRINES EXPOSITORAS

para:
- SUPERMERCADOS
- CHARCUTARIAS
- TALHOS
- PASTELARIAS
- MERCEARIAS
- HOTÉIS, ETC.



Um variado e moderno equipamento de vitrines, armários, congeladores. Equipamento e qualidade FRIGIDAIRE.

FRIAL, - Instalações Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.
AVENIDA DO BRASIL, 40-A TELEF. 76 80 03/4/5 LISBOA

Jornadas Culturais dos guias-intérpretes

Numa organização do respectivo sindicato estão a decorrer as Jornadas Culturais dos guias-intérpretes portugueses, cujo programa se prolonga até ao dia 15 de Março, preenchido com palestras e visitas guiadas sob a direcção de entidades da maior competência.

A primeira palestra, sobre História de Portugal, será proferida depois de amanhã, no Palácio Fox, pelo ar. prof. Jorge de Macedo.

VIDA MUSICAL

MÚSICA PORTUGUESA NO PRÓXIMO CONCERTO DA ORQUESTRA DA GULBENKIAN

No programa elaborado para o próximo concerto da Orquestra de Câmara Gulbenkian, que se realizará no dia 5 no cinema Tivoli, ás 18 e 30, estão integradas três obras de autores portugueses, o que confere a esta manifestação musical um interesse novo, uma vez que se possibilita ao publico a audição de música representativa de raiz nacional.

A Orquestra de Câmara Gulbenkian, dirigida pelo seu maestro, Gianfranco Rivoli, interpretará a abertura da «Paixão» de Almeida Motta, «Sinfonia» de A. C. Silva Pereira — duas primeiras audições modernas absolutas — e a «Suite Concertante», para cravo e orquestra de Armando José Fernandes, obra que foi encomendada pela Fundação Gulbenkian e que, neste concerto, será apresentada pela primeira vez ao publico.

A Orquestra de Câmara Gulbenkian terá a colaboração solística, na obra de Armando José Fernandes, da cravista Maria Malafaia, artista bem conhecida no nosso meio musical.

Neste concerto, o Coro Gulbenkian interpretará a famosa obra de Dallapicola, «Cantos da Paixão», uma das criações deste compositor mais representativas da personalidade artística e da ideologia e estética deste notável musico contemporaneo.

A venda de bilhetes para a segunda série de concertos da temporada de 1968-69 da Orquestra de Câmara Gulbenkian efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

Admissão de novos elementos ao Coro Gulbenkian

Até quarta-feira encontra-se aberta a inscrição para o concurso de admissão ao Coro Gulbenkian, para efeito de preenchimento de duas vagas existentes no naipe de baixos da secção B.

As provas decorrerão no dia 7, ás 18 e 30, na Fundação Gulbenkian (Avenida de Berna, 52) e constarão de vocalizos, leitura á primeira vista, entoação e interpretação de uma peça á escolha do concorrente.

Os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Música da Fundação (Avenida de Berna, 45-A) dentro das horas normais de expediente, a fim de preencherem um boletim de inscrição e entregarem duas fotografias tipo passe.

Não será aceite a inscrição de indivíduos com idade superior a 40 anos.

História da Música Europeia

A convite da Fundação Gulbenkian, o dr. João de Freitas Branco vai dirigir mais um Curso de Iniciação á História da Música Europeia em que será analisada a personalidade artística e a obra de oito grandes expoentes da interpretação musical: Haendel, Tartini, C. Ph. Em. Bach, Luísa Todi, Paganini, Berlioz, Liszt e Wagner.

Este curso começa na próxima segunda-feira e é constituído por oito lições, a realizar no auditório da Fundação, ás segundas-feiras (18 e 30), com excepção da lição do dia 10 de Fevereiro, que se realiza ás 21 e 30. A entrada é livre.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.
RUA DO CARMO

CARTAS DO BRASIL

por CHIANCA DE GARCIA

PARA UM MUNDO NOVO UMA MENTALIDADE NOVA

Nestas «Cartas do Brasil» escrevi, há anos, várias vezes sobre um tema que era jogo nesse tempo: — a reforma agrária. Havia os adeptos, que faziam muito barulho, e só isso. E do outro lado o exército dos donos das terras sàbiamente armado de eficientes «epistolões». Os jornais, conforme as suas tendências, enchiam páginas com o debate. No Congresso, uns e outros agrediam-se com diálogos assim (transcrevo agora, em 1969, este trecho da crónica por mim enviada em Maio de 1963 para o «Diário de Lisboa»):

«Leader» da direita — *Vocês não terão reforma nem a muque.*

«Leader» da esquerda — *Nós faremos a reforma nem que seja a pau.* Claro, não fizeram. E eu, um pouco cínico, acabava assim o meu texto:

— *Você acredita na Reforma Agrária?*

— *Acredito sim, no dia de São Nunca.*

Depois muita coisa aconteceu no sucessivo morrer destes seis anos. Veio a revolução de Março. Creio que o marechal Castelo Branco ainda insistiu no tema. Mas por pouco tempo pois surgiram, suponho, outros candentes problemas. No entanto, há pouco mais de um mês, eclodiu o 13 de Dezembro e logo os ministros do Marechal Costa e Silva começaram a falar ousadamente em reformas. Até os jornais transcreveram o que parece ter dito o ministro da Justiça: «A revolução vai começar agora» (nós sabemos que revolucionar é promover um sentido de justiça social) — e então o ministro do Interior, probo defensor da valorização amazónica, logo insistiu na necessidade urgente de se criar um Brasil renovado, enquanto o titular da Agricultura declarava estar trabalhando no que deve ser em breve a realidade da reforma agrária.

«Oitenta e três por cento das terras agricultáveis, dizia há dias o deputado em férias Wilson Martins, são controladas pelo latifundio. Só o que sobra cabe ao minifundio.»

Ora o ministro do Interior de que falei acima, o general Albuquerque Lima, afirmou ainda, em entrevista à Imprensa, que garantiria o apoio da jovem oficialidade do Exército à reforma agrária, dizendo não acreditar em pressões contra ela, tanto de ordem política, como das oligarquias económicas.

Assim, desta vez, talvez o meu dia de São Nunca acabe morrendo na fogueira da minha descrença. O Governo tem todos os trunfos na mão. Por isso é de acreditar, agora, que o Brasil caminhe de vento em popa para o desafio do ano 2000...

DOIS

Acho que já acreditei em muitas coisas. Até em democracia. Hoje não acredito mais. Os idealismos da minha mocidade eu os sei sepultados em todos os campos das batalhas perdidas. Depois, aí está, avizinha-se o segundo milénio do cristianismo. O que se escreve sobre o ano 2000, o que se imagina, o que se prevê — despoja-me de todos os meus sonhos. Agora, daqui por diante, é preciso sonhar diferente. E como não posso alcançar esse diferente contento-me em gritar às ondas, aqui na praia da Barra:

— Ó mar brasileiro e eterno, eu saudo em ti o ano 2000. E o mesmo quero dizer àqueles que nos laboratórios do mundo estão inventando um futuro de surpresas...

TRÊS

Eu que amo o Brasil gosto porém de imaginá-lo nesse amanhã para mim impossível. Mas uma coisa eu pensava deste mundo de hoje, por mim convivido, em que no mesmo palco também representei meu papelzinho modesto, — vamos deixar para sempre um manancial vastíssimo de folclore. O dia-a-dia do nosso folclore...

— Ah, quanto e quão gostoso o folclore deste ontem que nós seremos um dia. E fui conversar com Mestre Luiz da Camara Cascudo. É, como sabem, o homem que no Brasil melhor conhece assuntos de cultura popular. Está passando umas curtas férias aqui no Rio de Janeiro, onde não vinha há muitos anos. Levou-me Joracy Camargo. Aliás, Luiz da Camara Cascudo está sempre aqui em casa sobre a minha mesa, sendo doutamente meu professor nas páginas destes dois grossos volumes em forma de dicionário que esclarecem todas as minhas dúvidas sobre costumes, gente, crenças, festas, magias, artesanatos e milhões daquelas coisas mínimas que formam a geografia deste povo de muitas raças...

— Mestre, acredita que o folclore seja respeitado para lá do ano 2000?

— Por quem? O ser humano na era mecânica viverá apenas na função de simples parafuso. O único folclore possível será o das próprias máquinas na fatalidade inevitável dos seus enguiços.

— Todo o seu trabalho, todos os seus cem volumes estarão então perdidos?

— Um dia, daqui a mil anos virão talvez seres de outros sistemas solares e hão-de descobrir que existimos como almas, e gostarão de saber como era o homem antes de ser máquina, e procurarão através dos velhos livros conhecer a intimidade dos seus hábitos...

— Já sei. Nas suas crenças, na sua fé, nas nossas fezinhas no jogo do bicho...

— Nem isso, meu caro. Já sei que mataram o jogo do bicho. Desconhecia. Chego de uma viagem de seis meses na Africa. É. Estão acabando com o pitoresco do meu dicionário folclórico...

E riu numa gostosa gargalhada.

QUATRO

Mas eu estava falando de reformas. Esse negócio de chamarem o Brasil de país subdesenvolvido é que tem sido um dos seus grandes males porque o Brasil — e afirmo-o pelo que tenho visto, sabido e assistido — continua ininterruptamente a ser espoliado das suas maiores riquezas. Os brasileiros, alguns, são responsáveis. Duvidam de si próprios e nessa descrença ajudam outros nas suas pilhagens. Coisa, é claro, que vem de longe. Sobre, reluzentemente, a protecção de bandeiras poderosas. Mas se descermos ao quotidiano, ao trivial, àquilo que chega a ser folclore — aí é que se vê como, apesar de tudo, este Brasil tem recursos para resistir a tantas e tão incríveis depredações...

CINCO

Passei o último fim-de-semana em Minas Gerais. E encontrei os mineiros transtornados e possessos. Descobriram agora que há meio século estão sendo diàriamente roubados no seu enorme acervo artístico.

Se, até há pouco, como disse Oto Lara Resende, os mineiros só eram solidários no cancer, agora todos se estendem as mãos num enorme esbravejar de vítimas. Meio século de pilhagem, ouvi de boca em boca, que levou e espalhou pelo mundo as mais famosas riquezas artísticas das igrejas da sua velha província.

SEIS

A maior parte das valiosas antiguidades supostamente guardadas nos templos de cidades históricas, fazendas e arraiais, estão desde 1920, sendo roubadas ou compradas por tuta-e-meia.

Não há apenas roubo, afirmou-me um delegado de polícia: — os padres é que, devorados pela ambição, venderam a maioria das imagens das suas igrejas, embora numa desculpa esfarrapada o Bispo-Auxiliar de Belo Horizonte tenha afirmado: — «Não roubam bancos? Porque não iriam roubar igrejas?»

SETE

Na verdade o roubo tem sido uma frente única. Nos três últimos anos foram vendidas três igrejas inteiras, além de uma outra no arraial próximo de Itabira, e mais as de Itapecerica, de Leopoldina e de Piranga, além das capelas de São Sebastião do Morro da Saudade.

Disse-me Augusto Lima Junior, velho escritor e de quem possuo alguns volumes autografados: — «Os templos foram furtados até em cálices sagrados, paramentos e objectos sacros. Tudo com confusas coberturas oficiais. Em Ouro Preto um funcionário do Estado levou para casa a imagem da Senhora do Rosário. Mas como eu falei nisso, e houve escândalo, ele correu e colocou no lugar da antiga uma outra imagem sem o menor valor...»

OITO

Há meio século saem antiguidades de Minas. Primeiro das cidades tradicionais como Ouro Preto e Mariana. Depois das cidades menores, e até de fazendas do interior conhecidas pelos seus móveis rústicos e pesados. O melhor que havia e foi possível comprar ou furtar foi levado até 1945. Depois vieram outros compradores, chamemos-lhes piratas, e levaram vagões cheios de antiguidades. Um exemplo que causa espanto: — o grande lampadário de prata do Palácio Municipal de Buenos Aires, na Argentina, saiu inteiro da igreja matriz de Sahará.

NOVE

Levam, carregam, roubam, e, no entanto depois deste imenso saque de meio século, os mineiros ainda podem dizer machucados, porém orgulhosos: — Mas o nosso acervo artístico ainda continua sendo o maior do Brasil...

DEZ

É por estas, e por outras, que é agradável ouvir os ministros do Marechal Costa e Silva afirmando ter chegado a hora de reformas fundamentais. Grande e justa medida É aqui se justifica uma delas: — a reforma de mentalidade daqueles brasileiros que pensam mais em si-mesmos do que no Brasil. Mas enfim não há-de ser nada porque Deus é baiano.

Barra, Fev. 69

Uma estátua de Gil Eanes em Lagos

LAGOS, 2 — Com a presença de membros do Governo e outras entidades oficiais, serão inaugurados em Maio o moderno edifício do Palácio da Justiça e o monumento ao navegador lacobrigense Gil Eanes na grandiosa Avenida das Descobertas.

ELECTRIFICADA A ALDEIA DE ZARA

MOGADOURO, 2 — No passado dia 26 foi electrificada a aldeia de Zara, próxima desta vila.

Presidiu ao acto o Bispo de Bragança que efectuava nesta data a sua habitual visita pastoral.

COMO VIVE O COMÉRCIO DE LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

— Há quantos anos está em Lisboa?

— *Já há 22.*

— Sempre foi amolador?

— *Sempre, «qeu» vim cá «pra» isso.*

— Então diga-nos: como vai o seu negócio?

Por um certo hábito de tratamento profissional, o sr. Cristiano exclamou:

— *Olhe freguês, nunca esteve tão bom «comagora»!*

— Ah sim! E porquê?

— *Há três «razões»: «iniste» mais trabalho; é mais caro e nós «semos» menos. Hoje, há muito poucos «moladores».*

— O senhor trabalha só na rua ou também para alguma loja?

— *Lojas «quenada», freguês! Trabalho «prás» casas «praticulares».*

— Outra coisa: a rua da Betesga faz parte da sua volta habitual?

— *«Quenada»! Hoje é «queu» saí do Largo das Olarias e vim «prá Baxa».*

E, no seu «flé-flá-fli», «fli-flá-flé», tocado numa gaitinha de mão, o sr. Cristiano engolfou-se no trânsito da Praça da Figueira.

A RUA TAMBÉM COMPRA GRAVATAS

Ainda dentro desta manhã, mas já no Largo do Conde Barão, como quem anda à procura de Lisboa, encontramos um ambulante de gravatas. Cordão ao pescoço. Mostruário à vista. Uma paleta de cores listadas.

«E' SEDA, FAXAVOR!» era o pregão do sr. António Pereira. Pregão acompanhado pelo levantar, na «montra», dum monte de gravatas que, em seguida, lhe caíam, da cintura aos joelhos, como serpentinas atiradas.

— Como vai o seu comércio?

— *Hoje, dá-me para a sopa, mas também nunca me deu para muito mais.*

— Há quanto tempo tem este negócio?

— *Para cima de 35 anos.*

— E é só disso que vive?

— *E' só, mas vivo mal.*

— Então?

— *Ao fim de tantos anos, não sei fazer outra coisa. Não é?*

— Vende, por dia, muitas gravatas?

— *Uma média de dez — vá-lá.*

— Sempre na rua?

— *Sempre e sem poder parar, que, se não, sou multado. Leis!*

— Quem são os seus compradores?

— *Toda gente da classe trabalhadora, que os ricos não me compram nada, nem eu tenho artigo para isso.*

Diga-se que, nesta resposta, não havia nem desalento, nem orgulho: o povo fala como pensa — é a sua força.

— Uma última pergunta, sr. Pereira: Tem fornecedores habituais?

— *Não. Forneço-me em qualquer armazém, numa margem de lucro, para mim, de 20 a 25%.*

E, a concluir, acrescentou:

— *Uma coisa tão pouca, mas que, mesmo assim, é tão regateada...*

A SEGUIR — «Petiscos e bolos, bares e leitarias».

NOTÍCIAS DE VISEU

Cerimónia militar

VISEU, 2. — Visitou, pela primeira vez, o Regimento de Infantaria 14, o sr. general Viotti de Carvalho, que era acompanhado, desde Tomar, pelo chefe do seu Estado-Maior, sr. tenente-coronel Riscado de Abreu e ajudante, sr. tenente Cunha Caldeira. Foi recebido pelos srs. coronel José Manuel Castanha, e tenente-coronel Sá da Costa, respectivamente, comandante e segundo comandante da unidade. Uma companhia, com clarins e charanga, prestou a guarda de honra, a qual, após a revista, desfilou em continência. Na biblioteca aquele oficial general recebeu os cumprimentos da oficialidade, e, ao agradecer, assinalou a firme lealdade do regimento. Saudou, também, os sargentos que lhe foram apresentados e visitou, depois, a Casa de Reclusão e o Distrito de Recrutamento R. 14.

AS PRIMEIRAS ANDORINHAS CHEGARAM AO ALGARVE

OLHÃO, 2 — Chegaram as primeiras andorinhas ao Algarve.

As amendoeiras encontram-se na pujança da sua floração.

E o mar, ao longo da costa, já convida a uns mergulhos na água azul.

BOLSAS DE ESTUDO CONCEDIDAS PELA NATO

Sob o patrocínio do «Comité Científico da N.A.T.O., vai entrar em execução o 11.º programa de bolsas de estudo, a que poderão concorrer todos os licenciados com interesse pela investigação científica que pretendam realizar trabalhos ou prosseguir os seus estudos nos domínios da Matemática, Física, Química, Biologia, Engenharia e Medicina não clínica.

Os pedidos de bolsas, a formular em impresso próprio, deverão ser apresentados ou enviados á Comissão Coordenadora de Investigação para a N.A.T.O. até ao dia 15 destemês.

Quaisquer informações podem ser solicitadas ao secretário da Comissão, pessoalmente ou por escrito ou pelos telefones 561061 e 561062 — Rua Barata Salgueiro, 28, 2.º, em Lisboa.

BOATO SEM FUNDAMENTO

Não há qualquer suspeita sobre marisco portador de vírus da poliomielite

— Não há qualquer suspeita da presença de vírus transmissores de doenças graves no marisco consumido em Lisboa — declarou ao nosso jornal um informador da Direcção dos Serviços de Abastecimento da C. M. L.

Segundo a mesma fonte, carece de todo o fundamento o rumor segundo o qual algumas espécies postas á venda seriam portadoras de vírus da poliomielite.

A confirmar-se essa hipótese, estaríamos na presença de uma situação grave do ponto de vista da saúde pública, muito embora grande parte do marisco se destine a mesas fartas, que são minoria.

Doença infecciosa aguda, esporádica ou endémica, a poliomielite ataca principalmente as células das hastes anteriores da medula, conduzindo muitas vezes a manifestações de paralisia espinal ou cerebral. O vírus seu portador está presente nas secreções da faringe e/ou nas feses dos indivíduos infectados, podendo ser transmitido directamente — entre humanos — ou por intermédio de alimentos.

Mas o apreciador de marisco pode sossegar. Disse-nos um funcionário dos Serviços Veterinários dos Portos de Pesca, destacado na Docapesca de Pedrouços:

— *Em vários anos de inspecção de alimentos, nunca deparei com esse problema. Quando muito poderia falar-se das ostras, não a propósito da poliomielite, mas para focar a sua especial condição de marisco criado em águas interiores, com risco de poluição por vazamento de esgotos. Aqui o problema seria o do tifo. Simplesmente, os parques de ostras estão licenciados e sinalizados, e têm estações de depuração. Acabou-se o alarme.*

Uma doença em regressão

Intervenção decisiva foi a do dr Borges da Fonte, delegado de Saude de Lisboa, que nos prestou o seguinte esclarecimento:

— *Não temos notificação de qualquer caso. Essa suspeita é uma simples presunção, um factor de ordem psicológico. A admitir-se o marisco portador de vírus da poliomielite, seria apenas como raridade. O marisco não tem sido incriminado por isso.*

— *A doença está em regressão entre nós. De 1965 para cá desconheço quaisquer óbitos por poliomielite na área da minha Delegação de Saude, e mesmo os casos não mortais têm sido poucos. Incidiram todos eles em crianças não vacinadas, filhas de gente modesta, e a doença foi, digamos, importada da província.*

Para o dr. Borges da Fonte, a campanha de vacinação em massa deu resultados altamente positivos. A doença foi debelada logo na «fase de ataque». De facto ela pode ser veiculada por qualquer alimento, mas a dose patogénica exige alguns milhões de vírus. Não, não há suspeitas sobre o marisco.

Há, sim, poluição de praias, em especial as da Costa do Sol. Entretanto, a próxima conclusão do colector marginal afastará essa preocupação.

Por nossa conta recordados os avisos que têm sido feitos na R. T. P. (dr. Ramiro da Fonseca): para que a campanha de vacinação seja perfeita é preciso não esquecer o necessário *rappel*, sem o qual a imunização ficará num nível muito teórico.

Inspecção rigorosa

Se bem que a detecção do vírus da poliomielite exija meios tão extremos como o microscópio electrónico, deve dizer-se que a inspecção do marisco consumido em Lisboa se faz, dentro do possível, com o máximo rigor.

Cheiro anormal, moleza, putrefacção ou conspurcação levaram a rejeitar, durante o ano passado, quase 19 toneladas de marisco no Mercado Abastecedor de Peixe Miudo (Ribeira) e na Docapesca de Pedrouços. A percentagem do produto reprovado (18 816 kg) em relação ao inspeccionado (538 986 kg) elevou-se a 3,2 por cento.

Pouco marisco desembarca na Docapesca. O total de 1968 ficou por escassos 12 886 kg, com 36 kg rejeitados. Numeros mais esclarecedores — amàvelmente fornecidos pelo dr. Filipe Morgado Romeiras, director dos Serviços de Abastecimento da C. M. L. — dizem respeito á Ribeira, onde foram analisados, em 1968, nada menos de 526 100 kg de marisco, com 18 780 kg rejeitados pelos veterinários de serviço.

Assim, a grande doença do marisco continúa à ser, na expressão de um velho vendedor da Ribeira, o seu preço quase sempre incomportável. Só esse sintoma, que conste, poderá afligir por agora o frequentador de cervejarias ou a dona de casa com orçamento mais desafogado.

VOLTA O CINEMA A MONCORVO

MONCORVO, 2 — Depois de um período de encerramento para o qual parecia não se encontrar qualquer saída, vai reabrir o cinema desta vila. A exploração foi adjudicada á firma distribuidora Lusomundo, de Lisboa.

A igreja matriz

Uma boa notícia: acaba de ser criada mais uma carreira de camionetas nesta região, ligando Felgar e Vila Franca das Naves, com passagem pelo Carvalhal, Larinho, Moncorvo, Pocinho, Foz-Coa, Chãs, Longroiva, Marialva, Coriscada, Rabaçal, Cótimos, Cogula e Vale do Seixo. Ganhou a adjudicação a empresa Viuva Carneiro, de Meda.

Como nem tudo pode ser bom, continua muita gente á espera das decantadas reparações no adro da igreja matriz. O quadro, de completo abandono, é confrangedor. Talvez a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais possa atender ao problema, que aliás é da sua competência.

É este o elemento mais importante do seu barco.

Quando comprar o seu barco escolha cuidadosamente a unidade propulsora.
Se estiver equipado com um «Stern Drive» OMC EVINRUDE, bravo! foi uma boa escolha.
Ele proporcionar-vos-á performances excepcionais. Sabe que a coluna do seu «Stern Drive»
OMC EVINRUDE se eleva electricamente, com um simples premir de botão, até 75°?
e isto, note bem, sem prejudicar a sua elevação imediata quando toca
em objectos estranhos submersos. É a coluna existente no mercado que mais se eleva.
É também a única que lhe permite virar de bordo a 90°, mais 30° que qualquer outra marca.
É por esta razão que com o «Stern Drive» OMC EVINRUDE
pode manobrar o seu barco dentro de uma doca ou porto congestionado
com a mesma facilidade com que o faz em mar aberto. E que silêncio!
Se ouvir qualquer coisa além do grito das gaivotas, só poderá ser o correr da água
sob o casco ou o calmo ronronar do motor, porque o escape é submerso.
As inversões de marcha são tão suaves como as mudanças de velocidade automáticas de um carro.
Todo o motor está protegido contra a corrosão.
Possibilidade de ser equipado com um sistema de refrigeração por água doce.
Verifique pois, antes de decidir a compra do seu barco, se ele está equipado com um
«Stern Drive» OMC EVINRUDE. Quatro modelos à sua escolha:
80, 120, 155 e 210 CV, todos com uma garantia de 2 anos e assistência após-venda.

Envie este cupão ao Distribuidor e receberá mais detalhes sobre o Motor OMC Evinrude «Stern Drive»

Nome .....

Morada .....

..... N.º D. L.

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
Av. 24 de Julho, 52-A - Lisboa - Telef. 66 77 10

EVINRUDE
O poder da experiência

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O Clube Estrela de Campismo foi passar o dia à mata dos Capuchos

O dia não esteve famoso, mas para os sócios do Clube Estrela tudo vai bem, se houver animação

Boa disposição e absoluto desprezo pelo frio foram as armas com que o Clube Estrela de Campismo desafiou um domingo siberiano no seu I Passeio de 1969, pretexto para levar oitenta sócios a Sintra. A concentração fez-se, esta manhã, ao cimo do Parque Eduardo VII e meteu — além dos automóveis — alguns sopinhos farnéis, que o desporto do ar livre torna sempre indispensáveis.

Com vinte e sete anos de existência e um ficheiro de 1086 associados, o Clube Estrela está na vanguarda da actividade campista. Decorrendo, agora, precisamente, o 27.º aniversário da fundação, os corpos gerentes quiseram emprestar-lhe o máximo de brilho dentro do máximo de companheirismo, e o passeio de hoje, completado á tarde por um colóquio sobre actividades de campo, integrou-se já no programa festivo.

— *Isto começou, em 1942, por uma brincadeira de rapazes* — explicou-nos o presidente da direcção, Ricardo Silva —. *A base seria o montanhismo, mas como não há, pròpriamente, montanhas em Lisboa, o Grupo Excursionista Estrela, que era como se chamava na altura, especializou-se em passeios a pé...*

Mais tarde, com o entusiasmo pelas actividades de campo, a agremiação viria a chamar-se Grupo Estrela de Campismo, resolvendo adoptar o designativo de «Clube» só em 1968. Muita *carolice* explica o seu êxito: há dias, como a elaboração do boletim interno se tivesse estendido até 3 da manhã, um director resolveu arrumar o automóvel junto á estação dos Correios e esperar cinco horas pela abertura de certo «guichet», sem o que os sócios ficariam privados de notícias frescas.

«Bom dia, companheira!»

No ano dos vinte e sete anos o Clube Estrela fará cinco acampamentos e estará representado no XXX «Rallye» Internacional de Campismo (a realizar a Londres) com 44 sócios, a lotação de um autocarro. Por tudo isto, a euforia é palavra de ordem. Trocam-se amabilidades, apertam-se mãos que o frio não chega para enregelar.

— *Bom dia, sr. Chagas.*

— *Bom dia, companheira!*

O passeio de hoje levou os corajosos campistas até á mata dos Capuchos, em plena serra de Sintra, com almoço na casa-abrigo e um bem merecido ripanço entre as árvores (húmidas) do miniparque da Cancela.

Gente nova associou-se á festa, elas de calças compridas, eles luzindo barretes de lã, que em alguns casos estavam cobertos de emblemas. O toque bem humorado foi dado por um velho «*Overland Dynaflow*», conhecido entre os sócios por «Rapidan», e que, não obstante a declarada velhice, ainda transportou — pelo menos á partida — quatro campistas sem tenda...

Sábado que vem, se o frio dos Capuchos não tiver contribuído para inocular a «asiática» no grupo, haverá em Bucelas uma jantarada, com a provável participação do «Diário de Lisboa». Campismo de faca e garfo está ao alcance de qualquer leigo.

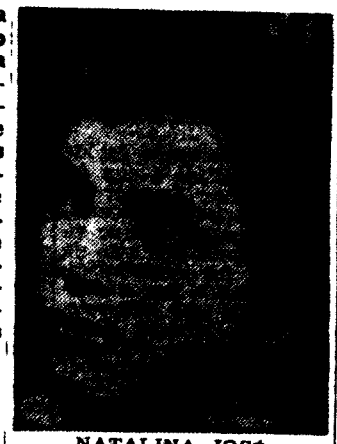
Elas foram passear até Sintra, e eles também, porque o Clube Estrela de Campismo tem o culto do ar livre como remédio contra a intoxicação citadina. Oito dezenas de sócios viriam a concentrar-se nos Capuchos, indiferentes ao frio e á chuva. Chama-se a isto «actividade de campo».

(Leia na última página)

Natalina José (doente) substituída por Delfina Cruz na revista «Elas é que sabem»

Continua internada na Casa de Saúde de São João de Deus a fadista e artista Natalina José, que, na madrugada de anteontem para ontem, adoeceu durante um ensaio da revista «Elas é que sabem», de cujo elenco faz parte. O estado de Natalina José — que parece ter uma crise de rins e bexiga — não sofreu grande alteração, embora esteja com menos febre, segundo a própria artista nos informou esta manhã.

— Só com muita sorte — acrescentou — poderei estar boa para a estreia. Mas, se não houver nenhum contratempo, espero ter alta em breve.



NATALINA JOSÉ

Entretanto, está marcada para terça-feira a estreia de «Elas é que sabem» — a peça com que José Miguel reabre o ABC, depois de importantes obras de beneficiação — e houve necessidade de substituir aquela popular fadista, que desempenha um papel importante, estando quase constantemente em cena, mas só cantando uma vez. Para tanto foi escolhida uma das mais prometedoras e talentosas artistas do nosso teatro ligeiro — Delfina Cruz, que já ontem ensaiou todo o dia e hoje volta a ensaiar, em força.

Conforme informação colhida junto de um dos autores da nova revista — Paulo da Fonseca — Delfina Cruz dispõe da gravação dos quadros interpretados pela sua colega, o que lhe facilita a tarefa, e espera-se que na terça-feira ela esteja preparada para a estreia. Depois, quando Natalina José tiver recuperado totalmente, continuará a carreira de «Elas é que sabem».

Aliás, o contrato com Delfina Cruz é apenas até ao dia 24 do corrente. Dois dias depois ela parte para uma digressão de algumas semanas pelos Estados Unidos da América e pelo Canadá.

ESTÁTUA DE D. AFONSO III EM LEIRIA

LEIRIA, 2 — O património artístico desta cidade vai ser enriquecido com mais uma evocação histórica: a estátua de D. Afonso III, monarca que, na então vila de Leiria (1254), efectuou as primeiras cortes em que participaram os representantes do povo.

O empreendimento será oferecido á cidade pelo ministro da Justiça.

Inauguração de melhoramentos no posto náutico do Clube Naval de Lisboa

Numa breve cerimónia que se realizou esta manhã, o Clube Naval de Lisboa inaugurou as beneficiações efectuadas no seu posto náutico, em Belém.

Ao acto assistiu o dr Coelho Pinto, presidente da assembleia geral, que salientou a actividade desportiva do clube ao longo dos setenta e sete anos de existência que, ora se comemoram.

Após a cerimónia iniciaram-se as competições previstas nas diversas classes de barcos.

A VACINA CONTRA a «A2 Hong-Kong 68»

(Continuação da 1.ª página)

Julho de 1970, convindo manter a embalagem a uma temperatura entre os 2º e os 8º.

O princípio imunizante é o da utilização de vírus atenuados da própria gripe em causa. Na composição inclui-se um fluido extra-embrionário (refinado) de embriões de galinha mortos por exposição á irradiação de ultra-violetas e á formalina. Foi-lhe adicionado fosfato de alumínio como adjuvante indicado nestes casos.

Contrataram a instalação de letreiros luminosos e ficaram sem dinheiro e sem os letreiros

Um comerciante e um gerente separadamente na P. S. P., queixa contra a firma «Alfa» — Artes Decorativas e Publicitárias, com sede na Avenida Gomes Pereira, 37, r/c. esq., em Benfica.

Ambos contrataram com aquela a instalação de letreiros luminosos nos respectivos estabelecimentos. E entregaram, adiantadamente, parte da importância da transacção.

Mas o tempo passou e nem letreiros nem devolução do numerário adiantado.

Assim, queixou-se o sr. António Gomes de Sena, de 60 anos, casado, comerciante, natural da Covilhã e residente na Calçada do Marante, 66-A, declarando-se lesado em 500$, exigidos adiantadamente e não devolvidos. Da sede da firma ninguém responde, pois ela parece ter mudado de instalações.

O sr. Manuel Joaquim Ribeiro, de 42 anos, casado, gerente comercial, natural de Bragança e residente na Rua da Esperança, 174 loja, entregou mil escudos como sinal, importando a obra no total de três mil escudos como consta do duplicado da nota de orçamento n.º 158, de 19 daquele mês, que tem em seu poder. Depois e até hoje, nem letreiro nem dinheiro devolvido.

Regresso à Metrópole de fuzileiros expedicionários

A bordo do N. R. P. «S. Gabriel» deverá chegar amanhã, dia 3, a Lisboa, a Companhia N.º 11 de Fuzileiros que regressa de comissão de serviço no Ultramar.

Em nome do ministro da Marinha e do chefe do Estado Maior da Armada, apresentará cumprimentos de boas vindas á unidade o sr. capitão-de-mar-e-guerra António Eduardo Lopes Marques que, para o efeito, se deslocará a bordo daquele navio.

ALMOÇO TRASMONTANO

Capitoso almoço se efectuou hoje na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro: pé de porco á bragantina e bacalhau á trasmontana.

Mais de setenta convivas se reuniram para dar ao dente...

Os pitéus foram regados com vinhos do Nordeste.

ILHA DA MADEIRA

PANO DE FUNDO PARA A MODA

NOVA YORK, 2 — (A. N. I.) — As paisagens da Madeira servem de fundo a modelos de vestidos de noiva para a próxima Primavera. Porto Moniz, o Caminho da Badosa, o Jardim do Monte, a Quinta das Cruzes, a Encumeada, a Ribeira da Janela e a Ribeira Brava são alguns dos locais escolhidos por desenhistas de modas norte-americanos que se deslocaram á Madeira com o fim de ali se tirarem fotografias dos mais variados modelos de vestidos de noiva, que agora foram publicados no último número da revista «Modern Bride».

Na própria capa da revista figura um encantador vestido de estilo império, em organdi de seda, acompanhado de um véu de renda que se enquadra perfeitamente nos doces e luminosos tons do clima madeirense. Nas páginas seguintes encontram-se mais vestidos destinados não só ás noivas como ás damas de honor. A organza de seda é o material empregado num desses modelos, que tem a saia confeccionada de plumas brancas a contrastar com os vestidos das damas de honor, estes com o corpo num tom azul profundo e as saias semelhantes a um mar de flores — papoilas encarnadas, flores de trigo amarelas e celidónias azuis.

MODELOS TRADICIONAIS

Quem ainda gostar de modelos de gosto tradicional não ficará decepcionado, pois encontrará na «Modern Bride» vestidos de noiva brancos que aparentam desfazer-se tal a sua fragilidade. Mas as noivas modernas talvez prefiram um toque diferente. Com os vestidos num tom de azul pálido. A renda continua, todavia, a ser um dos materiais mais empregados.

O sol da Madeira envolve docemente cascatas de tule tão impressionantes á vista hoje, como o foram há duas décadas.

A fechar, um modelo de vestido de noiva a que deram o nome de vestido de Julieta, nome perfeitamente adequado a um talhe de carácter medieval, com grandes mangas de balão.

PRINCÍPIO — Fialho abre o activo, experimentando a nítida superioridade do «Diário de Lisboa»

MEIO — Mário Zambujal, num lampejo da sua classe futebolística (!) dominando o adversário

FIM — Assis Pacheco, temível «goleador» encerra a contagem com um «tiro» inapelável

TORNEIO DE FUTEBOL DA IMPRENSA

OBRIGÁMOS O «COMÉRCIO»

A ABRIR (QUATRO VEZES) AS PORTAS...

• DIÁRIO DE LISBOA, 4 - JORNAL DO COMÉRCIO, 0

Quando se defrontam verdadeiros desportistas, há fatalmente um espectáculo digno e, neste caso, de acordo com os princípios que movem os organizadores do interessante II Torneio da Imprensa (escrita). Por vezes o resultado passa, como ontem, para plano secundário.

Foi de facto o que aconteceu na partida disputada no aprazível campo da Charneca do Lumiar, entre as categorizadas turmas do «Jornal do Comércio» e do «Diário de Lisboa».

O facto de a A. F. L. nos *castigar*, fazendo-nos deslocar para tão longe e obrigando-nos a utilizar a via aérea, não afugentou a enorme massa anónima — simpatizantes do nosso Grupo Desportivo e muito especialmente leitores do nosso jornal — que ao longo do torneio nos acompanha todos os sábados, levando-nos o seu carinho e o calor dos seus aplausos. Utilizando todos os meios de transporte, desde a motoreta á «charrette», os nossos adeptos apresentaram-se com dísticos e bandeiras, emoldurando as bancadas e emprestando ao desafio aquele ambiente que caracteriza as grandes pugnas. Por informações colhidas na Charneca, nunca se viu tanta gente num só jogo, levando até a pensar que se estabeleceu o «record» de assistência no campo do Chão do Loureiro.

Muito a custo, o juiz da partida fez sair do «gramado» os inúmeros fotógrafos e jornalistas desportivos (autênticas pragas do nosso desporto) que insistentemente assediavam os «craques», para não atrasar o jogo.

Durante 25 minutos do primeiro tempo tivemos de jogar sòmente com dez elementos, devido á distribuição de jornais que o nosso defesa Vitorino foi obrigado a fazer na zona de Algés. Mesmo assim, pondo em prática um jogo envolvente, os lances e remates sucederam-se junto ás portas do «Comércio», e sem grandes pressas obrigámos Monteiro a ir ao fundo das redes várias vezes, a «tiros» de Fialho, dr. Assis e Zambujal, este sem tocar propriamente nas redes, mas quase.

De vez em quando, para dar maior emoção ao encontro, consentíamos que os nossos antagonistas desenhassem uns contra-ataques. Mas, sem compreenderem as nossas facilidades, estragavam tudo á nascença!

Impulsionados pelos gritos ululantes que partiam dos nossos adeptos, pedindo-nos mais golos, instalámo-nos no meio campo contrário, e até final foi um autêntico festival de bem jogar (era bom, era...) e assalto constante ás redes do «Comércio». Dos cento e tantos remates desferidos á baliza de Monteiro, por sinal óptimo guardião, dois chegaram ao sítio, castigando a sofreguidão de alguns elementos que de certo estarão a contas com o departamento de futebol. Muito bem feito.

No final, tudo estava certinho e satisfeito: o público rendido pela nossa exibição; o «Jornal do Comércio» pela nossa preguiça de marcar, e o juiz da partida pela correcção demonstrada de ambos os lados. Em suma, excelente tarde de pontapé na bola!

Sob a jurisdição dum trio de arbitragem que, a manter-se assim, ainda será muito falado, chefiada por Francisco Sousa Alexandrino, as equipas apresentaram: *J. Comércio:* Monteiro; Cabelo, Soromenho, Machado e Luís; Leonardo e A. Silva; Couto, Crispim, Orlando e Baptista. *Diário de Lisboa:* C. Alberto; Alves, Vitorino, Mário Reis e Carapinha; Zambujal e Humberto; Vítor, J. Joaquim, Fialho e dr. Assis.

Os golos foram obtidos por Fialho (2) e dr. Assis (2).

Outros resultados da jornada:

D. Notícias-M. Desportivo, 3-1; Novidades-«A Bola», 3-0 e Século-D. Popular, 1-3.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	G.	P.
Notícias ..	6	1	—	30- 2	20
D. Popular	4	3	—	13- 5	18
M. Desp.º	3	1	3	14-17	14
D. Lisboa	2	2	3	11-13	13
Novidades	3	—	4	9-10	13
Capital ...	3	—	4	16- 9	13
«A Bola» ..	2	1	4	12-18	12
Século	3	—	2	13- 7	11
Comércio	—	—	7	3-39	7

7470 contos

de prémios

no Totobola de hoje

Porque todo o calendário escolhido para o 22.º concurso da temporada era aliciante, novo «record» foi batido. Desta feita, foi o número de matrizes que superou em larga quantidade o anterior máximo obtido no concurso n.º 18, de 1 de Dezembro de 1968. Naquela data foram apostados 1 224 044 bilhetes. Hoje, 1 249 425 a conter 10 710 731 apostas e proporcionando uma receita global da ordem dos 16 066 096$50.

Deste movimento resultou uma partilha para prémios no montante de 7 470 734$00, pelo que cada prémio se fixa aproximadamente em 3 735 367$00. Estes números são provisórios e, por isso, sujeitos a ligeiras alterações.

O PRÓXIMO CONCURSO

O calendário escolhido para o concurso do próximo domingo foi o seguinte:

Olhanense-Tramagal, Ferroviários-Vizela, E. Portalegre-«Os Leões», Sintrense-Famalicão, Beira Mar-Varzim, Nazarenos-Lusitano, Beja-Vianense, U. Leiria-Barreirense, Peniche-Guimarães, Atlético-Braga, Atalanta-Fiorentina, Nápoles-Inter e Palermo-Juventus.

FUTEBOL PARTICULAR

Após um jogo efectuado no Estoril, entre funcionários da firma Salvador Pinto Matos Silva, que terminou com a vitória dos mais «leves» sobre as «relíquias» (por 5-1), efectuou-se um almoço de confraternização, num hotel de Cascais, que agrupou cerca de uma centena de empregados.

Pela gerência, esteve presente o sr. Magno Pinto Matos Silva.

Nova reaparição da «Taça»

A «Taça de Portugal» reaparece no próximo domingo, para nos dar os encontros (21) da 2.ª eliminatória, que são os seguintes:

Atlético-Spt. Braga
Beira Mar-Varzim
Montijo-V. Setubal
Peniche-V. Guimarães
Académica-Spt. Farense
Aves-Sporting
Belenenses-Sacavenense
Benfica-U. Almeirim
Feirense-Sanjoanense
F. C. Porto-Fafe
U. Lamas-C.U.F.
U. Tomar-D. Grandolense
Leixões-Alhandra
Sintrense-Famalicão
Nazarenos-Lusitano
Spt. Olhanense-Tramagal
Tirsense-Marinhense
U. Leiria-Barreirense
Est. Portalegre-«Leões»
Desp. Beja-Vianense
Ferroviário-Vizela

EM LOURENÇO MARQUES

SANTOS, 2-ÁUSTRIA, 0

LOURENÇO MARQUES, 2 — (L.) — Perante mais de 30 mil espectadores, que acorreram ao Estádio «Salazar», nesta cidade, e entre os quais se viam muitos milhares de rodesianos, sul-africanos e «suazis», . Santos derrotou, esta noite, o Áustria, por 2-0, com golos marcados aos 18 e 32 minutos da primeira parte, respectivamente por Toninho e Lima.

Toninho e Lima fizeram os golos

Sob a arbitragem de Américo Teles (de Lourenço Marques) o encontro decorreu em bom nível técnico, com frequentes lances que entusiasmaram a assistência.

A temperatura, bastante elevada (como é próprio da estação) teria favorecido (talvez) a equipa brasileira, o que não impediu, de resto, a boa réplica dos austríacos.

O primeiro golo obtido pelo Santos suscitou algumas dúvidas, em virtude de uma falha nas malhas da baliza. No segundo período, o árbitro anulou um golo: marcado aparentemente nas mesmas circunstâncias, pelo Áustria.

Pelé, cuja actuação foi de molde a justificar á sua fama de «melhor jogador do Mundo», rubricando, sòmente, a passagem que viria a dar o primeiro golo da sua equipa, foi entusiasticamente aplaudido nos melhores lances em que interveio.

O Áustria alinhou com: Schneider; Nowy, Frank, Frolich e Geyer; Dirnberber e Parits; Kuntz, Fiala, Riedl e Koelberger.

O Santos apresentou a seguinte constituição: Laércio, Turrão, Ramos, José e Rildo; Negreiros e Lima; M. Maria, Toninho, Pelé e Edu.

No final do encontro, a que assistiu o governador-geral, foram entregues as taças «Banco Standard Totta de Moçambique» e «Transport Moçambique».

MORTE DO HOQUISTA CARDOSO (BENFICA) POR ACIDENTE EM TREINO

Vestiu-se de crepe e hóquei em patins. Um dos seus praticantes perdeu ontem a vida em consequência de um lamentável acidente ocorrido em treino e depois de inúteis esforços para o salvar.

A vítima de tão triste ocorrência foi Joaquim Rosa Pina Cardoso, hoquista do Benfica, de 27 anos, que na sexta-feira á noite, como habitualmente, esteve com os companheiros no recinto da Avenida Gomes Pereira numa sessão de preparação.

E foi no decorrer desta que Joaquim Cardoso chocou com um companheiro, acidente, que de momento, não parecia ir revestir-se de tão tristes consequências. Ao princípio da madrugada, de ontem, na sua residência, na Estrada do Poço do Chão, Lote 9, 5.º, esq.º, o Joaquim Cardoso começou a sentir fortes dores de cabeça. Chamado o médico este determinou o imediato internamento no Hospital de São José em cujo Serviço de Traumatizados de Crânio o inditoso desportista foi radiografado e operado de urgência. Tudo inútil porém. O malogrado desportista viria a falecer, á tarde, sem ter dado acordo de si.

O corpo está depositado na igreja de Benfica, de onde sairá o funeral.

ROLDÃO FERREIRA

novamente no Continente

O jogo Leões-Alhandra, da jornada de domingo, do Campeonato Nacional da II Divisão, foi arbitrado pelo juiz funchalense Roldão Ferreira que, assim, pela segunda vez esta época, dirigiu jogos no continente.

Anteriormente, tinha dirigido a partida Sesimbra-Peniche e já na época passada actuara no Continente.

A escolha da C. C. A. terá sempre que recair naquele juiz, por ser o único da 2.ª categoria, na Madeira.

Por sua vez, e a pedido da A. F. Funchal, os jogos da fase de apuramento para a Taça de Portugal, agora a disputarem-se naquela ilha, são arbitrados por juízes do Continente, casos de Maximiano Afonso e Fernando Leite, que dirigiram no domingo os jogos Marítimo-Sta. Clara e Nacional-União.

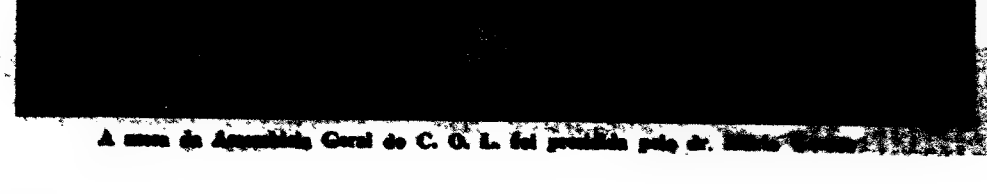
O ORIENTAL PROCURA UMA NOVA DIRECÇÃO

A fim de serem escolhidos os elementos para a formação do novo elenco directivo e para análise do momento financeiro, realizou-se, ontem, na sede do Clube Oriental de Lisboa mais uma reunião-magna.

A mesa foi constituída pelo dr. Mário Gomes, secretariado pelo ten.-cor. Alexandrino Pinheiro e Florindo Francisco Alegria, respectivamente presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

Após a apresentação de várias sugestões, entre elas a da formação de uma comissão para conseguir reunir os elementos necessários para a nova direcção (que, aliás, foi rejeitada) dissidentes que fossem, os próprios presidentes, ainda em exercício, a indicarem esses elementos, a apresentar na próxima reunião que terá lugar em 15 do corrente.

Durante os debates, usaram da palavra vários associados, com destaque para António Moita, Abel Afonso e Luís Fonseca que teceram judiciosas considerações acerca do momento que o clube atravessa.



A mesa da Assembleia Geral do C. O. L. foi presidida pelo dr. [illegible]

O "NACIONAL" DA 2.ª DIVISÃO

ZONA SUL

Oriental - Seixal

Jogo no Campo Eng.º Carlos Salema, arbitrado por Francisco Rodrigues, de Leiria.

ORIENTAL — Edmundo; Cibarro, Marques, Cordeiro e João António; Faustino e Inácio; Gomes, Ribeiro, Gamboa e Pintora.

SEIXAL — Porfírio; Severino, Vítor, Quim e Fonseca; Helder e Cambalacho; Gorguinho, Necas, Barreiros e Eugénio.

Aos 16 minutos, Gamboa fez 1-0 para o Oriental e Gorguinho aos 40, conseguiu a igualdade.

Ao intervalo: Oriental, 1-Seixal, 1.

Na 2.ª parte não se marcaram golos.

No final: Oriental, 1-Seixal, 1.

Barreiren. - Alhandra

Jogo no Campo D. Manuel de Melo, arbitrado por Mário Alves, de Beja.

BARREIRENSE — Bento; Candeias, Faneca, Silva e Patrício; Mira e José João; Brás, José Carlos, Jorge Gomes e Rogério.

ALHANDRA — Rodrigues; Gouveia, Pedro Jorge, Bolota e Lucas II; Alberto e Oliveira; Quim Costa, Antunes, Madeira e Ferrinho.

Aos 14 minutos José Carlos marcou para o Barreirense. Madeira igualou aos 25 minutos. Aos 31 minutos José João colocou o Barreirense em vantagem, tendo aos 42 minitos Bolota, do Alhandra marcado na própria baliza.

Ao intervalo, portanto, 3-1.

Na segunda parte cada equipa marcou um golo: o Barreirense, aos 25 minutos, por Rogério e pelo Alhandra Madeira, aos 37 minutos.

No final, Barreirense, 4-Alhandra, 2.

Sesimbra - «Os Leões»

Jogo no campo Vila Amália, arbitrado por António Anastácio, de Lisboa.

SESIMBRA — Acrísio; Artur, Fragata, Candido e Mesquita; Mega e Garcia; Vítor Baptista, Eduardo, Pinho e Leonel.

«LEÕES» — Carlos Nunes; Caritas, Jaime, Spínoto e Isidro; Ernesto e Castro Gato; Mário, Medeiros, João e Abílio.

Aos 3 minutos, na transformação de grande penalidade, Mega obteve o primeiro golo do Sesimbra. João, aos 31 m., fez 1-1, resultado da 1.ª parte.

Na 2.ª parte não se marcaram golos.

No final: Sesimbra, 1-«Os Leões», 1.

Torriense - Luso

Jogo no Campo das Covas, arbitrado por Jovino Pinto, do Porto.

TORRIENSE — Jordão; Narciso 2.º, Herminio, Fernandes e Alfredo; Carlos António e Sá Quintas; Narciso 1.º, A. Carlos, Serafim e Mendes.

LUSO — Godinho; Mourão, Jeremias, A. Maria e Durand; Romão e Salvador; Galolas, Lança, Magalhães e Micael.

Ao intervalo — golo de Serafim, aos 15 minutos. No Luso, Fernandes substituiu Galolas, aos 21 minutos.

Na 2.ª parte o Torriense marcou o 2.º golo aos 34 m por António Carlos.

Por sua parte o Luso conseguiu 2 golos. Aos 43 e 44 minutos ambos por Geremias.

No final: Torriense, 2-Luso, 2.

Montijo - Sintrense

Jogo no campo Luís A. Fidalgo; arbitrado por Virgolino de Almeida, de Faro.

MONTIJO — Sobral; Luís Pinto, Moreira, José António e Simplício; Neto e Espírito Santo; Ernesto, Sabino, Veiga e Porfírio.

SINTRENSE — José António; Morais, Pardal I, Madeira e Valente; Quaresma e Rocha; Marques, Dias, Roque e Tó.

Ao intervalo: 1-0 a favor do Montijo, golo de Espírito Santo, aos 41 minutos.

Na 2.ª parte o Montijo marcou mais dois golos por Sabino e Veiga aos 13 e 17 minutos.

Almada - Peniche

Jogo no capo do Pragal, arbitrado por Manuel Fortunato, de Évora.

ALMADA — Figueiredo; Ferreira, Loureiro, Eduardo Alves e Franquelim; Dário e Faves; Palma Ramusga, Horta e Ducão.

PENICHE — Balazó; Carlos, Tó, Lino e Cunha; Carapinha e eBnto; Vicente, Campinense, Karan e Honório

Ao intervalo: Almada, 1-Peniche, 1. Golos de Kazan aos 26 minutos e Franquelim aos 33.

O segundo golo do Peniche surgiu aos 29 minutos por intermédio de Campinense.

No final: 1-2.

Lusitano-Portimonen.

Jogo no campo Estrela, arbitrado por Fernando Martins, de Lisboa.

LUSITANO — Jorge; Mitó, Florido, Simões e Pinhal; Costa e Janota; Piçarra, Pinto, Duro e França.

PORTIMONENSE — Semedo; Cabrita, Marujo, João Luís e Celestino; Arquimínio e Luís Pereira; Ramos, Pinho (Oliveira) e Alexandrino.

Duro, aos 14 minutos, fixou o resultado da 1.ª parte: Lusitano, 1-Portimonense, 0.

Aos 3 e 8 minutos Pereira marcou para o Portimonense.

Aos 23 minutos Duro restabeleceu a igualdade, tendo Mitó, na marcação de grande penalidade, aos 31 minutos, alcançado o terceiro golo do Lusitano.

No final, 3-2, para o Lusitano.

RESULTADOS DA JORNADA

ZONA NORTE

Tram., 1-V. Camb., 2
Penafiel, 0-Leça, 0
T. Novas, 3-Tirsen., 2
Salgueir., 2-Espinho, 1
Famalicão, 3-Viseu, 1
Gouveia, 0-Boavista, 2
B. Mar, 1-Covilhã, 0

CLASSIFICAÇÕES

BOAVISTA	27
Famalicão	27
Beira Mar	24
Tirsense	21
Sanguenros	21
Ac. Viseu	19
T. Novas	19
Gouvia	18
Penafiel	18
Leça	15
Tramagal	14
Sp. Espinho	13
Vale-Cambrense	11
Covilhã	6

ZONA SUL

Torriense, 2-Luso, 2
Barreir., 4-Alhand., 2
Sesimbra, 1-Leões, 1
Oriental, 1-Seixal, 1
Lusitano, 3-Portim., 2
Montijo, 3-Sintren., 0
Almada, 1-Peniche, 2

CLASSIFICAÇÕES

BARREIRENSE	29
Torriense	25
Portimonense	23
Peniche	23
Montijo	23
«Os Leões»	20
Seixal	18
Sesimbra	16
Lusitano	16
Sintrense	14
Luso	14
Alhandra	12
Oriental	12
Almada	10

ZONA NORTE

Salgueiros - Espinho

Jogo no Campo Eng.º Vidal Pinheiro, arbitrado por António Amaro, de Coimbra.

SALGUEIROS — Melo; Gabriel, Vieira, Edgar e Germano; Santana e Gantino; Iauca, Feliciano, Monteiro e Reis.

ESPINHO — Valdemar; Massas, Quim, Silva e Gomes; Meireles e Ribeirinho; Acácio, Teixeira, Luciano e Calix.

Ao intervalo, Salgueiros, 2-Espinho, 1. Golos de Monteiro e Reis, aos 22 e 40 minutos pelo Salgueiros e de Teixeira, aos 31 minutos para o Espinho.

Na 2.ª parte, não se marcaram golos.

No fial: Salgueiros, 2-Espinho, 1.

Famalicão - Ac. Viseu

Jogo no campo dos Burgos, arbitrado por Aníbal de Oliveira, de Lisboa.

FAMALICÃO — Arnaldo; Vítor, Filipe, Inácio e Iria; Ferreirinha e Vasco; Amélio, Miranda, Osvaldo e Leonardo.

AC. VISEU — Pais; Saralva, Barata, Vítor e Piscas; Alfredo e João; Osvaldo Silva, Basto, Rodrigues e Paxim.

Ao intervalo: 1-1, golos de Miranda, pelos locais aos 3 minutos e Rodrigues, pelos visitantes, aos 23.

Leonardo, aos 16 e 36 minutos elevou a marca para 3-1 favorável aos famalicenses.

Tramagal-Vale-Camb.

Jogo no campo Com. Duarte Ferreira, arbitrado por Décio de Freitas, de Lisboa.

TRAMAGAL—Bonito; Rui, Nelson, Cardoso e Armando; Mateus 2.º e João Baptista; Mateus 1.º, Nélinho, José da Silva e Cunha.

VALECAMBRENSE — Carlos Alberto; Vítor, Brandão, Pinto e Coró; Grilo e Toninho; Gabriel, Teixeira, Macedo e Silva.

Ao intervalo, 0-2 — Macedo, aos 8 minutos, e Toninho, aos 37, fizeram os golos dos visitantes.

Na 2.ª parte, aos 37 minutos, Belinho fez um tento para o Tramagal.

No final: Tramagal, 1-Vale-Cambrense, 2.

Penafiel - Leça

Jogo no Estádio Municipal, arbitrado por Henrique Graça, de Coimbra.

PENAFIEL — Dionísio; Gaspar José Carlos, Rodrigues e Celestino; Caldeira e Rosende; Cerqueira, Prieto, Garcia e Nelson.

LEÇA — Serrão I; Gentil, Vila Cova, Rocha e Serrão II; Julio e Vaz; Campos, Ramos, Martinho e Quim.

Ao intervalo: Penafiel, 0-Leça, 0.

Na 2.ª parte também não houve golos.

No final: Penafiel, 0-Leça, 0.

D. Gouveia - Boavista

Jogo no campo do Farvão, arbitrado por Henrique Silva, de Lisboa.

GOUVEIA — Dias; Nogueira, Couceiro, Amilcar e Macarico; Amaral e Margarido; Júlio, Pestana, Diamantino e Cardoso.

BOAVISTA — Quim; Braga, Ribeiro, Pinho e Albano; Carlos Alberto e Alfredo; Zeca, Lemos, Leitão e Taé.

Ao intervalo, 0-0.

Aos 16 e 40 minutos Neca obteve os tentos do Boavista.

No final: 0-2.

Tor. Novas - Tirsense

No jogo disputado no Campo Almonda Parque, o Torres Novas venceu o Tirsense por 3-2, com 1-0 ao intervalo.

TÉNIS DE MESA

Campeonato de infantis

Em continuação do campeonato lisboeta de ténis de mesa disputaram-se, esta manhã, os encontros, cujos resultados damos a seguir:

SÉRIE A

R. Condeixa-Sporting A	0-5
Mirantense-S. L. Águias	2-5

SÉRIE B

A. Cacém-Benfica	1-5
Sporting B-G. I. P. A.	3-5
P. Arcos-Armador B	2-5

SÉRIE C

Intendente-Armador. A	0-5

SÉRIE D

E. Amadora-Combat. A	5-2
Rec. Apolo-Ac. Amadora	5-0

Campeonato de meninas

A Associação de Ténis de Mesa de Lisboa marcou para hoje o início do Campeonato de Lisboa, de meninas, prevendo-se a realização dos jogos Sporting B-Sporting A e Atlético do Cacém-Ateneu.

No entanto, nenhum dos encontros se realizou: o das equipas «leoninas» foi adiado para depois de amanhã e o Atlético do Cacém desistiu da prova.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T.

Campeonato de futebol

Em continuação do 37.º Campeonato Nacional de Futebol (distrito de Lisboa), disputaram-se ontem e hoje os encontros cujos resultados indicamos a seguir:

1.ª categoria — Gel Marc. Telefones, 0-1; Cinema Condes-Sacor, 1-2; B. P. S. Mayer-S. C. Carvejas, 1-0; M. Militar-Comp. Caeira, 0-1.

2.ª categoria — Soc. Geral-Quintas, 1-3; R. Alentejo-C. G. Depósitos, 0-7; F. N. Munições-Alentejo, 11-0; 1. G. Cabanas-Fup. Portugalia, 4-6; S. Portugal-R. Agricultura, F. M. Brasp-Prata-Militar, 0-0; Carr. Lobo-Farmácia, 1-2; S. Fernandes-G. Electrica, 4-0.

FUTEBOL PARTICULAR

No Campo Grande entre as equipas da Divisão Automóvel e da Contabilidade, da firma J. J. Gonçalves, Sucrs., disputou-se um encontro arbitrado por Virgílio Dias, da Tesouraria, e disputado pelos seguintes jogadores:

D. Automóvel — Tavares; Rui Gomes, Zé António, Emílio e Vasques; Artur e Vítor Pereira; Moreira, Vasco, Pinto e Morais.

Suplentes: Filipe, Pires dos Santos, Mascarenhas e Roque.

CONTABILIDADE — Armindo; Vítor, Mestrinho, Alberico e Mota; Vítor Silva e Carlos; Baldhior, Lança, Diamantino e Ferreira Santos.

Suplentes: Zé Manuel.

Ao fim dos primeiros 45 minutos da 2.ª parte, Vítor Silva, aproveitando um descontentamento da defesa contrária com o árbitro, marcou o único golo da partida.

No final: D. Automóvel, 0-Contabilidade, 1.

3.ª DIVISÃO

Celoricense-Lusitânia	2-1
Montemor-Grandolense	2-0
Farense-Juventude	3-0
Beja-Cova Piedade	3-1
Chaves-Aves	2-0
Vianense-Bragança	4-0
Gil Vicente-Fafe	2-0
Marialvas-Mortágua	4-1
Mirandela-Pedro Cova	1-0
Rio Ave-Vizela	4-0
U. Coimbra-Pampilhosa	3-1
Lusitânia-Peniche	4-1

NATAÇÃO

Nas provas de natação integradas no festival que ontem á noite se realizou na piscina do Areeiro, em que participaram representantes do Algés, Belenenses, Benfica, Cimento Tejo (Alhandra) e Nacional, registaram-se os seguintes resultados:

200 m. bruços fem. — 1.ª Graça Maia, Algés, 3 m 5,8 s («record» de juniores); 2.ª Cristina Patacas, Alg., 3.28; 3.ª, Isabel Machado, Cimento Tejo, 3.28,7.

800 m. livres masc. — 1.º, Bessone Alves Alg. 10 m 57,3 s; 2.º, Rosa Jorge, Alg., 11.33 6; 3.º, António Alegria, Alg. 12.56

100 m. livres fem. — 1.ª, Isaura Martins Alg., 1 m 18,4 s; 2.ª Ana Patacas, Alg., 1.19,6; 3.ª Berta Alves, 1.24,5.

200 m. costas, masc. — 1.º, Joaquim Alves, Alg., 2 m 38,3 s; 2.º, Fernando Reis, Cim. Tejo 3.29; 3.º, Carlos Freitas, Belenenses, 3.40,2.

100 m. mariposa masc.—1.º, Bessone Alves, Alg., 1 m 18 s; 2.º, Borges Maciel, 1.19,3; 3.º, Rosa Jorge, Alg., 1.26,2.

200 m. estilos fem. — 1.ª Cristina Patacas, Alg., 3 m («record» de juvenis); 2.ª, Graça Maia, Alg., 3.2,2; 3.ª, Isaura Martins, Alg., 3.10,7.

PROVAS DA A. F. L.

Os jogos de juniores e juvenis

Com os jogos correspondentes à 21.ª jornada, prosseguiu hoje o «Distrital» de juniores da 1.ª Divisão, da A. F. L., registando-se os seguintes resultados:

SÉRIE A:

Sintrense-Belenenses	0-3
1.º Dezemb.-Palmen.	4-0
Cascais Atlético	0-3
E. Amadora-Vitoria	5-0
Casa Pia Algés	6-3
Benfica-Oeiras	11-0

SÉRIE B:

Torriense-Malveira	5-1
Sacavenense-Loures	1-1
Sporting-Olivais	10-0
Alhandra-D. Olivais	7-0
Odivelas-Bucelenses	3-0
Alverca-Oriental	2-0

Juniores da II Divisão

Resultados dos jogos respeitantes à 10.ª jornada do «Distrital» de juniores da II Divisão:

Série A — Santa Catarina-Linda a-Pastora, 1-2; Rio Janeiro-Porto Salvo, 0-4; Estoril-Boa Hora, 1-1; Carcavelos-Tires, 5-1; Casalense-S. L. Águias, 2-2; Bom Sucesso-Mouraria, 0-12.

Série B — Mucifalense-Mercês, 0-0; Águias-Cacém, 1-0; Montevarenses-P. Pinheiro, 4-1; F. Benfica-Belas, 3-0; Mafra-Loures, 4-0; Mem-Martins-Ericeirense, 0-3.

Série C — Operário-Lusitano C, 2-2; Liberdade-Camarate, 1-4; Arroios-Bela Vista, 12-0; Cascalheira-Imperio, 1-5; Charneca-Odivelas, 2-2.

Série D — Vialonga-Santa Iria, 3-2; Caneças-Zambujalense, 0-0; Vilafranquense-P. Fielas, 3-0; Tojal-Povoense A. C., 2-3; Carregado-Azambuja, 4-0; U. Povoense-P. Loures, 1-1.

Juvenis

Resultados da 18.ª jornada do «Distrital» de juvenis, da A. F. L.:

Série A — Graça-Bela Vista, 6-0; Lusitano C-Vitória, 0-3; Sporting-Prior Velho, 13-0; Oriental A-D. Olivais, 6-0; Império-Olivais, 5-4.

Série B — S. L. Águias-Rio Janeiro, 3-0; Algés-Carcavelos, 2-0; Belenenses-Atlético, 0-2; Oeiras Boa Hora, 0-0; S. Vicente Beira-Cascais, 0-4.

Série C — F. Benfica-Casa Pia, 0-2; 1.º Dezembro-E. Amadora, 0-4; Águias-Oriental B, 1-2; Palmense-Sintrense, 0-1; Benfica-Unidos, 8-0.

Série D — Torriense-Sacavenense, 2-0; Vilafranquense-U. Povoense, 1-0; Alverca-Castanheira, 0-0; Alhandra-Santa Iria, 5-0.

DESPORTO

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL (1.ª DIVISÃO)

Atlético, 0 - Académica, 4

Jogo no Estádio de Tapadinha, perante razoável assistência, arbitrado por Henrique Costa, de Aveiro.

As equipas alinharam:

ATLÉTICO — Botelho; Duran, João Carlos, Pinto Costa e Murraças; Pinhal e Conério; Fagundes, Raimundo, Tito e Seminário.

Suplentes: Gaspar, Simões, José do Carmo, Bemedo e Valdemar.

ACADÉMICA — Viegas; Curado, Alfinho, Vieira Nunes e Gervásio; Rui Rodrigues e Nené; Mário Campos, Manuel António, Peres e Vítor Campos.

Suplentes: Brassard, Araújo, Belo e Crespim.

A bola de saída pertenceu ao Atlético que tentou o ataque logo emulado pela defesa Académica. Porém pertenceu a Peres o primeiro remate à baliza de Botelho.

Aí aos 16 minutos, ambas as equipas manifestaram uma toada de parada e resposta, sem que no entanto, nenhum dos guarda-redes tivesse necessidade de intervir.

Uma reposição feita por Vítor Campos levou o esférico a Manuel António, que centrou. A presença de Peres atemorizou a defesa alcantarense e TITO COSTA, num golpe de cabeça infeliz, introduziu a bola nas suas redes.

A Académica cresceu com a obtenção do golo e desenvolveu as suas jogadas obrigando a defesa alcantarense a trabalho cuidadoso e aos 30 minutos, Peres na sequência de um canto, quase surpreendeu Botelho.

O Atlético dipostou e no minuto seguinte Tito rematou, mas Viegas defendeu.

A passagem da meia hora, a Académica manteve-se na ofensiva, sem no entanto atingir com êxito as balizas de Botelho.

O Atlético reagiu e Raimundo, aos 37 minutos, fez novo remate à figura de Viegas.

Ao intervalo: Atlético, 0-Académica, 1.

A partida recomeçou praticamente com um golo da Académica.

Iam decorridos 2 minutos, quando MANUEL ANTÓNIO apontou o tento que nasceu de um centro de Mário Campos.

O Atlético reagiu, mas não conseguiu levar por diante os seus intentos, e aos 10 minutos Mário Campos lançou Rui Rodrigues, obrigando Botelho a sair ao seu encontro.

Aos 20 minutos, de um centro de Durand para o lado direito, Tito cabeceou o esférico, que ficou ao alcance de Seminário. Este, porém, perdeu a oportunidade.

Cerca das 24 minutos, Pinhal cedeu o lugar a José do Carmo.

Aos 26 minutos, Mário Campos fintou três adversários, acercou-se da linha de cabeceira, e como não tivesse ângulo para rematar lançou o esférico para RUI RODRIGUES que fez o 3.º tento da Académica.

Dois minutos depois, MANUEL ANTÓNIO fintou os adversários que lhe surgiram e Botelho não teve outro remédio senão ver passar o bola quase a tocar as redes. Era o 4.º tento dos estudantes.

Até final o resultado não se alterou. Atlético, 0-Académica, 4.

COMENTÁRIO

Tanto os alcantarenses como os estudantes de Coimbra exibiram um futebol fluente pelo que a 1.ª parte da partida foi interessante.

A pontagem territorial imposta pela melhor estrutura técnica, pertenceu realmente aos rapazes de Coimbra, e o Atlético, replicando nervosamente não conseguiu elevar-se a um plano de igualdade. No entanto, os alcantarenses procuraram, aguerridamente uma vantagem que não surgiu, e foram os visitantes que, através da inteligência de um ataque do Atlético, se adiantaram no marcador.

Embora parecesse que o Atlético era capaz de modificar o sistema de jogo e consequentemente o resultado, a verdade é que foram os visitantes, que com todos os sectores a colaborar bem, foram sempre concisos.

Notou-se depois um compreensível período de desalento na equipa da casa, que até final teve que conformar-se com o resultado.

Sanjoanense, 2 - Belenenses, 3

(Na 1.ª volta: 0-0)

Jogo no Campo Conde Dias Garcia, com razoável assistência e dirigido por Álvaro Rodrigues, de Coimbra.

SANJOANENSE — Pilarico; Freitas, Cumbão, Zequinha e Almeida; F. Pinto e Moreira; Carlitos, Mourão, Louro e Videira.

BELENENSES — Mourinho; Assis, Quaresma, Murça e Esteves; Luciano e Cardoso; Laurindo, Esperiti, Ernesto e Godinho.

Logo de início as iniciativas de ataque pertenceram aos locais. Contudo, e aos 9 minutos, foram os «azuis» que lograram abrir o activo por intermédio de SAPORITI que a centro de Ernesto, não teve dificuldade em bater o guarda-redes contrário.

Os sanjoanenses reagiram, porém, sem grande convicção e foi o Belenenses que novamente por intermédio de SAPORITI elevaram a vantagem para 2-0.

Os locais não acusaram a desvantagem do marcador e aos 26 minutos, Carlitos, isolado, só não marcou por falta de sorte.

Aos 36 minutos, o Belenenses apontou o 3.º tento da partida, por intermédio de LAURINDO, que concluiu de melhor maneira um passe de cabeça de Ernesto.

Aos 40 minutos, e na sequência de um «canto» apontado por FERREIRA PINTO, FREITAS, oportuno, bateu Mourinho, reduzindo a diferença.

Ao intervalo, portanto, Sanjoanense, 1-Belenenses, 3.

Na segunda parte, a Sanjoanense apresentou Adé no lugar de Vieira, enquanto o Belenenses fez substituir Rodrigues por Assis.

Aos 8 minutos a Sanjoanense reduziu a desvantagem para 2-3, com um golo de ADÉ.

O jogo passou a desenrolar-se com grande entusiasmo e com a Sanjoanense a ameaçar seriamente a defensiva dos «azuis».

Aos 25 minutos, Menaca apareceu isolado frente a Mourinho mas a coragem do guarda-redes de Belém salvou um golo certo.

Na resposta, os «azuis» causaram pânico na defesa sanjoanense, mas Fidalgo anulou o perigo.

No derradeiro quarto de hora ambas as equipas procuraram alterar o resultado, sem o conseguirem.

Portanto, no final: Sanjoanense, 2-Belenenses, 3.

Leixões, 0 - Benfica, 0

(Continuação da 1.ª página)

ataque, com Johnny Grego a actuar entre Vasco e Rui Rebio, no propósito de surpreender a defesa local.

Aos 7 e 8 minutos, o Leixões deu um ar da sua graça, repetindo ataques pela direita e esquerdo e os centros de LAZARO perderam-se porque Bianchi e Neca chegaram tarde para concluir os lances.

Aos 10 minutos, João Graça surgiu em queda dentro da área, Fonseca apercebeu-se do perigo, saiu ao seu encontro, defendeu com os pés e, com o balanço da corrida, veio cair fora da área, gritando ainda defender quando Simões se apressava para vibrar a baliza deserta. O livre apontado por Eusébio saiu ao lado.

Até aos 20 minutos, o Benfica manteve-se mais no ataque, não conseguindo mais que obrigar a defesa benfiquense a defender em falta, originando a marcação de três livres, dos quais não resultou perigo.

Até aos 25 minutos a toada não se modificou e repetidamente, com incursões pelo lado esquerdo, Simões causou perigo com centros bem medidos e atrasados que a defesa local, com Adriano e Ninduca em bom plano, foi cortando.

Num desses lances, que Eusébio iniciara num lançamento a Simões e que este centrara com perigo, Fonseca teve de sair da baliza para defender.

A meia hora, um golpe de testa parecia surgir, quando Simões rematou à baliza apaixonadamente sem perigo, mas Fonseca, que estava mal na baliza à bola, pensou por defender no último momento, quando a bola já ia a trasmpor o risco da baliza.

Um minuto depois, e Leixões podia ter aberto o activo na sequência de um livre, que Calado rematou, mas que uma boa defesa de José Henrique logrou deter.

Aos 38 minutos, num contra-ataque muito perigoso, em que Horácio surgiu na grande área, valeu aos «encarnados» a decidida saída de José Henrique para evitar o remate.

E até ao intervalo o marcador não funcionou.

No início da 2.ª parte, Eusébio e Torres apareceram mais na frente e, Benfica trocou o corredor de ataque, actuando agora pelo flanco direito, com Adolfo por vezes fazendo o papel de extremo, levando a sua acção até à linha de cabeceira para daí centrar.

Aos 7 minutos, num lance iniciado pela direita, a bola foi à cabeça de Torres, este cedeu a bola para Eusébio e Simões. Porém, os dois jogadores, em boa posição de remate, deixaram-se antecipar por Adriano.

No minuto seguinte, na sequência de um ataque bem apontado por Eusébio, Torres, não obstante a falta de Adriano, cabeceou para a baliza, mas Gentil apontou o perigo.

E aos 9 minutos, o ataque local, Albertino substituiu Neca.

À passagem do quarto de hora, num lance iniciado por Jaime Graça, Calado rematou à meia altura, mas Fonseca, que estava mal na baliza à bola, pareceu por defender no último momento, quando a bola já ia a trasmpor o risco da baliza.

Aos 22 minutos, novas substituições: Massa ocupou o lugar de Lázaro, nos locais, e logo a seguir Eusébio, magoado, cedeu o seu posto a José Augusto, no Benfica.

Aos 40 minutos, por pontapear Gentil, Torres recebeu ordem de expulsão.

E com o Benfica ao ataque, mas sem lograr êxito, terminou o jogo com as duas equipas igualadas sem golos.

COMENTÁRIO

Pode dizer-se que grande parte do 1.º tempo foi jogado com o Benfica nitidamente no ataque e de modo que Coluna, que inicialmente começara quase metido entre os seus companheiros da defesa, passou a surgir sempre a apoiar a sua dianteira.

E até Adolfo, recordando o adiantamento de Jaime Graça e mercê do recuo de Lázaro, pôde também incorporar-se na tenda ofensiva.

No entanto, o Benfica raramo vezes deu sinal de perigo nas suas repetidas ataques pelo lado esquerdo, com o pequeno Simões em tarde de muito destaque. A culpa desse insucesso poderá ir buscar-se à forma decisiva como a defesa local se impôs, uma defesa que não Moreira, Albertino e Calado, por exemplo, que foi depois falta à frente, onde Horácio teve de se bater muitas vezes com Raul e Humberto, sem auxílio de ninguém.

Até à meia-hora, por que o empate parecia assentar numas e noutras, raras foram as ocasiões em que os ataques conseguiram levar a melhor. Nem o propósito do Benfica, mudando o flanco de ataque da esquerda para a direita; nem o adiantamento de Torres e Eusébio conseguiram dar perigo à maior segurança que os visitantes deveram ao meio-campo adverso. Faltou decisão e houve certo receio não fosse o isolado Horácio ou um contra-ataque mais rápido dos locais causar surpresa.

No último quarto de hora, primeiro o Leixões; depois o Benfica, pareceram esquecer-se completamente dos cuidados e José Henriques e Fonseca, tiveram muito que fazer, mas o Leixões recuou. Mesmo a sua defesa cresceu mais adiante, tornava difícil aquilo que em largos períodos do jogo parecia mais ou menos fácil, se os dianteiros lisboetas mostrassem mais decisão.

Pouco depois gerou-se grande confusão junto às redes da C. U. F. que Vítor Cabral resolveu com defesa a punho para canto.

Com o aproximar do intervalo o jogo adquiriu uma feição de equilíbrio. Assim, no final da 1.ª parte: Sporting, 1-C. U. F., 0.

No segundo tempo, João Carlos substituiu José Morais no «onze» leonino.

Logo, no primeiro minuto o Sporting perdeu flagrante ensejo de aumentar a vantagem: Mário Campos, depois de excelente trabalho, serviu Ernesto que, com as redes à mercê, rematou ao lado.

A C. U. F. reagiu com energia, forçando Daimas a defender com dificuldade para anular duas jogadas perigosas de Monteiro e Capitão-Mor.

Porém, e nunca perdendo o sentido de ataque, o Sporting desperdiçou aos 13 minutos, nova ocasião, quando Ernesto com a baliza completamente deserta atirou ao lado, após magnífica jogada de Mário Campos.

Sporting, 1 - C. U. F., 1

(Na 1.ª volta: 0-1)

Jogo no Estádio José Alvalade, com regular assistência. Sob a arbitragem do Rogério Moreira, do Braga, as equipas apresentaram-se:

SPORTING — Damas; Celestino, Armando, Alexandre Baptista e Pedro Gomes; Gonçalves e Pedras; Chico, Ernesto, Mário Campos e José Morais.

Suplentes: Carvalho, Lourenço, Carlos Pereira, Bastos e João Cardoso.

C. U. F.: Vítor Cabral; Bambo, Marques, Medeiros e Castro; Pedro e Monteiro; Capitão-Mor, Fernandes, Sério e Arnaldo.

Suplentes: Vítor Manuel, Abatecado, Rogério e Gomes Ferreira.

O Sporting iniciou o desafio ao ataque, criando perigo desde o 2 primeiros minutos. Sucederam-se os rematas à baliza de Vítor Cabral e como consequência da insistência decaíram o primeiro golo surgiu, com toda a naturalidade iam decorridos 13 minutos. Ernesto executou um canto e CHICO antecipando-se à tentativa de intercepção do guarda-redes cuficsta, rematou de cabeça, obtendo o 1.º golo da partida.

Animados com a obtenção do golo, os jogadores sportinguistas insistiram ainda mais no ataque, e podiam ter aumentado o vantagem quando aos 24 minutos, no seguimento de um livre, Celestino desferiu forte remate que levou o esférico a embater num poste.

A equipa da C. U. F., tentando sacudir a pressão contrária ensaiou alguns contra-ataques tendo, num deles, aos 26 minutos, criado situação de grande perigo, que Damas solucionou com um mergulho aos pés de Fernando, deixando, no entanto, algumas duvidas sobre uma possível falta cometida sobre o avançado cuficsta.

Aos 32 minutos a C. U. F. desfrutou de boa oportunidade, mas Sério que acorreu a uma recarga atirou sobre a barra.

Aos 37 minutos, Vítor Gomes saiu e Sousa entrou para o seu lugar.

Com tentativas pletóricas de energia de parte a parte o jogo prosseguiu, mas não se registaram mais golos.

No final: Varzim, 1-F. C. Porto, 1.

COMENTÁRIO

O «leader» foi à Póvoa de Varzim defrontar uma equipa cheia de saúde moral e física, de arrogância e irreverência, que lhe deu luta tenaz em todos os sectores, impedindo a turma «azul-branca» de desbobinar o seu verdadeiro futebol com a fluência costumada.

Depois de marcado o primeiro golo, o F. C. Porto pareceu ter o jogo na mão, mas o tento do empate dos poveiros veio resistuir ao jogo aquele clima de dúvida que se auguron durante toda a semana.

Mais nitidamente depois do empate, foi evidente que a menos tranquila das duas equipas era a do Porto.

Começaram esses sintomas pelo individualismo exagerado de alguns jogadores e pela perda de espontaneidade da manobra no seu meio campo e, até, pelos erros da sua defesa, a acusar falhas de sincronização.

Não obstante o ímpeto dos portistas, o Varzim continuou, na segunda parte, a afirmar-se uma equipa plena de personalidade e possuida de duplo segredo: de abrir brechas na defesa adversária e de colaborar todas as aberturas do seu reduto defensivo.

Assim, a igualdade é de modo resultado certo, mas a haver um vencedor, este seria o Varzim, devido ao maior número de situações de golo criadas.

Varzim, 1 - F. C. Porto, 1

(Na 1.ª volta: 0-2)

Jogo no Estádio do Varzim, na Póvoa do Varzim, arbitrado por Ismael Baleasar, de Setúbal.

VARZIM — Benje; F. Ferreira, Quim, Salvador e Sidónio; Rico e Carmo Pais; Camolas, Nelson, Aleixo e Diamantino.

Suplentes: José Luís; Nunes Pinto, Paiva da Silva e Pena.

F. C. PORTO — Américo; Bernardo da Velha, Almeida, Valdemar e Adrace; Rolando e Gomes; Vítor Gomes, Djalma, Pinto e Nóbrega.

Suplentes: Esi; Alberto, Francisco Baptista e Sousa.

Iniciado o jogo, verificou-se um clima de nervos, embora o desafio se desenvolvesse em toda de equilíbrio.

Aos 6 minutos, Nóbrega concluiu uma bela jogada, com um centro a meia altura, que Sidónio cortou para a zona frontal das balizas, permitindo a DJALMA um potente remate que fez anichar a bola no fundo das balizas. O F. C. Porto passou a vencer por 1-0.

Apesar deste tento, o equilíbrio continuou a manter-se e, aos 15 minutos, o Varzim empatou: canto marcado por Diamantino, cabeça de Nelson que levou a bola até perto do risco de baliza, onde Bernardo da Velha a susteve. Muito oportuno CAMOLAS surgiu e em recarga fulgurante fez o golo.

Aos 36 minutos, Carmo Pais, tocado por Pinto, saiu lesionado, sendo substituído por Pena.

No último quarto de hora, vieram ao de cima, certas deficiências na equipa portista, perturbada com o ímpeto dos locais.

E aos 41 minutos, só a barra salvou o F. C. do Porto de chegar o intervalo na situação de vencido.

Ao intervalo: Varzim, 1-F. C. Porto, 1.

Reatada a partida, o F. C. Porto passou a exercer intensa pressão, fazendo com que o Varzim recuasse, praticamente, em bloco.

Contudo, aos 12 minutos, Pinto tocou a bola, de cabeça, para Gomes que se isolou, mas Benje saiu com oportunidade, desviando o esférico, e provocando «canto».

À passagem do quarto de hora o Varzim voltou a reencontrar-se e, aos 17 minutos, Diamantino, isolado, forçou Américo a uma saída desesperada.

Esta imagem repetiu-se um minuto depois, sendo Nelson o protagonista.

Aos 22 minutos, Diamantino voltou a causar perigo, perdendo o Varzim novo ensejo de desempatar.

Por volta da meia hora, de novo os portuenses procuraram o tento da vitória e, precisamente aos 30 minutos, Nóbrega cruzou à meia volta e Rolando, por entre um monte de jogadores, atirou, pela certa, para as redes contrárias, mas o árbitro invalidou o tento por deslocação que, francamente, não podemos confirmar, nem desmentir.

RÂGUEBI

Campeonatos Nacionais

Nos jogos realizados esta manhã verificaram-se os resultados seguintes:

Nacional de Seniores — Série A — Técnico-Económicas, 0-3.

Nacional de Reservas — Série A — Técnico-Económicas, 42-0.

Nacional de Juniores — Direito-C.D.U.L. A, 0-6; Benfica-Académica de Coimbra, 16-0; Belenenses-Técnico, 5-6.

À hora em que fechamos esta notícia estão a realizar-se os restantes jogos da jornada.

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato de Lisboa

Com os jogos de hoje terminou a primeira volta do campeonato de Lisboa, de seniores, tendo-se apurado os seguintes resultados:

Atlético-Futebol, Benfica, 0-0, em 1.ª categoria, e 0-2, em reservas.

Palmense-Belenenses, 0-0.

À hora do nosso jornal começar a circular, deve estar a realizar-se o encontro Benfica-Lisboa Sports Club.

A NOVA ÉPOCA DO CICLISMO

MAIS NOVIDADES DA VOLTA A ANDALUZIA

O Benfica aguarda condições

O Benfica continua aguardando que os organizadores da «Volta a Andaluzia» confirmem por escrito as condições para a sua participação naquela importante prova do calendário do ciclismo espanhol.

Entretanto, depois dos pormenores que já revelámos acerca daquele corrida, podemos hoje anunciar a lista de prémios.

Classificação geral: 1.º, 40 000 pesetas; 2.º, 25 000; 3.º, 12 000; 4.º, 8500; 5.º, 4500; 6.º, 3500; 7.º, 3000; 8.º, 2000; 9.º, 1000; 10.º, 800; 11.º, 700; 12.º, 650; 13.º, 600; 14.º, 550; 15.º, 500.

Prémio da montanha: 1.º, 5000; 2.º, 2000; 3.º, 1000; 4.º, 750; 5.º, 500.

Prémios de etapa: 1.º, 2000; 2.º, 1000; 3.º, 500.

O total de prémios ascende a 138 050 pesetas.

*

Por outro lado, anuncia-se que 13 corredores belgas estarão presentes na ronda andaluza — dez pela equipa «Flandria» e três integrados na equipa «Faema».

Pela «Flandria» concorrem: Houbrecht, Lemeu, Willy Decuyle, Mordeyns, Depene, Van Dromme, Van Impen, Van Clooser, Van Damme e outro ainda por indicar.

Pela «Faema» correm Rybroeck, Vandenberghe e Brands.

*

Por sua vez o conjunto «Pepsi Cola» apresentará os seguintes corredores: Ramon Séez, Marine, Lara I, Ibáñez, Florêncio, Roda, Salvador Cárret, Perera, Iborra e Yuste.

O técnico da equipa valenciana é Matías Bermejo.

BASQUETEBOL

A fase final da «Taça da Europa» principia no dia 6

A «Taça da Europa» de Basquetebol terá no próximo dia 6 do corrente a sua primeira jornada, com os seguintes encontros:

GRUPO A: T. S. K. de Moscovo-Akademik de Sofia e Zadar-Real Madrid.

GRUPO B: Oransoda-Spartak de Brno e Standard de Liege-Maccabi.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO - LISBOA - QUELUZ

TORNEIO DAS TELECOMUNICAÇÕES

Resultados da 4.ª jornada: Raret-Rádio Clube, 5-2; Marconi-Radiofónico (B), 0-2 e Televisão-Peninsular, 7-0.

O jogo Rádio Universidade-Radiofónico (A) disputa-se na quarta-feira, à noite, no campo Branca Lucas (Olivais).

Contas novas para gente nova
BANCO DO ALENTEJO

A CHAVE DO TOTOBOLA

Para que os nossos leitores possam, rápidamente, verificar o acerto, ou erro, dos seus prognósticos enviados ao Totobola, publicamos, a seguir, as apostas deste domingo:

Sanjoanense-Belenenses	2
Leixões-Benfica	X
Varzim-F. C. Porto	X
Atlético-Académica	2
Sporting-C. U. F.	X
Guimarães-U. Tomar	1
T. Nova-Tirsense	1
Gouveia-Benfica	2
Almada-Peniche	2
Lusitano-Portimonense	1
Montijo-Sintrense	1
Oriental-Seixal	X
Sesimbra-Os Leões	X

TELEVISORES
AS MELHORES MARCAS
MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO
CASA M. L. FERREIRA

O muito é feito de poucos. Ganhando muitos começa-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 297

CLASSIFICAÇÃO

	J.	G.	P.
F. C. PORTO	18	26-16	27
Benfica	17	36-14	25
Guimarães	18	29-11	26
V. Setúbal	18	30-16	23
C. U. F.	18	26-21	21
Sporting	18	23-13	19
Académica	18	23-24	20
Belenenses	18	21-24	17
U. Tomar	18	19-33	15
Leixões	18	12-21	15
Braga	18	12-28	12
Varzim	18	21-39	13
Sanjoanense	17	12-27	9
Atlético	18	18-33	8

DYNACORD
HIFI ELECTRÓNICA PARA ORQUESTRAS

JOSÉ FURTADO LEITE, LDA.
Av. Duque d'Ávila, 169-D. LISBOA

SOMUSICA, LDA.
Rua Ferreira, 224
PORTO
À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS DARDO

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO
Ponta de lei — Só pelo peso
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253—Telef. 324564

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Melhoral
dores de cabeça
febre
constipações
gripe
Ao primeiro sintoma de gripe ou constipação, tome MELHORAL, de preferência com uma bebida quente.
MELHORAL tem 2 elementos activos (500 mg de ácido acetilossalicílico e 30 mg de cafeína), doseados e combinados para lhe dar uma acção mais rápida e prolongada; portanto, alívio mais completo das dores, febre e mal estar resultantes de constipação ou gripe.
Melhoral
Cartelra de 4 comprimidos
Melhoral
Cabita de 30 comprimidos
MELHORAL... MELHORA... MELHOR!

SÉTIMA JORNADA DO NACIONAL DE BASQUETEBOL

SPORTING: AINDA INVICTO

Com jogos em Coimbra, Marinha Grande, Lisboa e Setubal, respeitantes á 7.ª jornada, prosseguiu, ontem, á noite, o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, na sua fase metropolitana.

Ao derrotar o Nacional, o Sporting manteve a invencibilidade enquanto o B. P. M. (ao ser batido pelo Marinhense) vê de certo modo comprometida as suas possibilidades, abandonando o trio dos favoritos. Por sua vez, o Benfica (ao vencer o F. C. Porto) não só abandonou a cauda da classificação como parece querer encaminhar-se para uma melhor posição.

Resultados da jornada:

Sporting, 71-Nacional, 43
Benfica, 71-F. C. Porto, 43
Cuf, 63-Barreirense, 53
Marinhense, 51-B. P. M., 41
Académica, 64-V da Gama, 42

Damos a seguir breve resenha dos jogos.

SPORTING, 71.
-NACIONAL, 43

Jogo no Pavilhão da Ajuda.

Árbitros — Artur Tavares e António Atanásio (Lisboa).

Equipas e marcadores:

SPORTING — José Mário (10), Sousa (4), Valente (8), Sobreiro (4), Encarnação (9), Vicente (8), Mesquita (3), Monteiro (18) José Augusto (7) e Guimarães.

NACIONAL — Beto (3), Pombo (16), Lavim, Rogério (5), Alfredo (5), Manuel da Silva (4), Leite (2), Nascimento (4) e Sérgio (4).

Na 1.ª parte: 35-22 a favor dos «leões».

BENFICA, 71.
-F. C. PORTO, 43

Equipas e marcadores:

BENFICA — Julio Campos (17), Jose Alberto (4), Simões (25), Coelho (17), Abel (6) Arouca e Ramos (2).

F. C. PORTO — António Silva (6), M. Costa, Santos, Assunção (16), Marreiros, Leoverg (4), Virgílio Jorge (6), A. Pinto (2) e Hilário (9).

Na 1.ª parte: 39-19, a favor dos «encarnados».

Ambos os vencedores demonstraram nítida supremacia, alcançando o intervalo já com margem folgada.

MARINHENSE, 51.
B. P. M., 41

Jogo na Marinha Grande.

Árbitros — Alberto Costa e Jorge Campos (Lisboa).

Equipas e marcadores:

MARINHENSE — Nelson (7), Filipe (4), Tozé (18), Esteves (12), Marques (9), Mendes e Pavel.

B. P. M. — Diamantino (12), Benjamim (6), Borges (4), Marcelo (6), Dias Leite (7), Guimarães (6) e Amorim.

Na 1.ª parte: 25-24 a favor dos portuenses.

No primeiro tempo, o B. P. M. foi ligeiramente superior, enquanto o Marinhense utilizando depois uma marcação cerrada e forçando o ataque superiorizou-se, vencendo com justiça.

ACADEMICA, 64
-VASCO DA GAMA, 42

Árbitros: Carlos Vieira e Hilário Ramos (de Coimbra).

Equipas e marcadores:

ACADÉMICA — Baganha 2.º (15), Baganha 1.º (7), Hilário (6), Guy (22), Reis Pires (10), Almeida (4), Xhing Wing.

V. DA GAMA — Arlindo (7), Cardoso (2), Leite (17), J. Silva (4), Mário Serafim (9) e Rosário.

Ao intervalo: 36-14.

Jogo de fraco nível embora com justo vencedor.

Tentativa de enceste do Benfica, no jogo que marcou a sua primeira vitória no torneio

Primeira vitória do BENFICA e segunda derrota do B. P. M.

ASSUNTO: SANJOANENSE-BENFICA

O CONSELHO JURISDICIONAL NEGOU PROVIMENTO AO PEDIDO DO BENFICA

Para tratar do muito falado caso Sanjoanense-Benfica, voltou a reunir-se durante a madrugada de hoje o Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Futebol.

Presidiu aos trabalhos o sr. dr. Neves Prataa, estando presentes os srs. dr. João Calisto Pires e drs. Correia Guedes, Patrício Paul e Ribeiro de Almeida, tendo faltado, por motivo de doença, o sr. dr. Homem Ferreira.

Não foi tornado publico qualquer acórdão, mas se que julgamos saber foi decidido negar provimento ao pedido de aclaração formulado pelo Benfica, sobre várias ambiguidades e obscuridades sobre o acórdão proferido, em 11 de Janeiro ultimo, pelo mesmo Conselho Jurisdicional.

O TORNEIO INTERNACIONAL DE ANDEBOL NO PORTO

O JOGO PORTO-BELENENSES ACABOU ANTES DO TEMPO...

- *O Belenenses foi prejudicado pela arbitragem*
- *A equipa jugoslava dispôs (como quis) do Benfica*

No Pavilhão do Palácio de Cristal realizou-se ontem, á noite, a segunda jornada do torneio internacional de andebol de sete, organizado pelo F. C. Porto.

A equipa do Amerikanisch (Alemanha Ocidental) voltou a não comparecer. O público foi defraudado mas, valha a verdade dizer, que o F. C. Porto tentou por todas as formas saber onde parava a equipa alemã, que até ás 22 horas, não havia dado entrada na fronteira portuguesa. Das numerosas chamadas telefónicas feitas para aquele clube, convidado a participar no torneio, foi sempre respondido que a equipa se encontrava retida em Madrid.

Voltou, por isso a haver alteração no programa e, assim, na jornada de ontem, defrontaram-se no primeiro jogo o F. C. Porto e o Belenenses e, no segundo, enfrentaram-se o Dinamo de Pankevo (Jugoslávia) e o Benfica.

No primeiro encontro houve períodos de grande emoção. Até aos 6-6, nunca nenhum dos grupos teve de vantagem mais do que um golo. Depois, o F. C. Porto adiantou-se com quatro bolas; diferença que viria a fixar-se no intervalo (14-10).

No reinício o Belenenses surgiu com melhor organização defensiva e ensaiando o contra-ataque recuperou nos numeros. Exactamente quando o Belenenses dispunha de menos um jogador deu corpo á supremacia que vinha evidenciando, beneficiando de um período de menos eficiência defensiva dos portuenses.

A arbitragem passou depois a ter influência no resultado, castigando o Belenenses com faltas inexistentes. Logo após os 19-10 o F. C. Porto marcou mais um golo e o jogo terminou prematuramente, quando faltavam ainda três minutos para o seu final. Portanto, nitidamente prejudiciais aos lisboetas (ou a favor dos portuenses, como se queira) o duo de arbitragem e a mesa, embora num jogo de uma correcção extrema e do que não cabem culpas ao F. C. do Porto pelas «benesses» da arbitragem.

Benfica: fraca oposição

O segundo encontro ficou logo nos primeiros dez minutos definido com a superioridade dos jugoslavos (ou a insuficiência dos portugueses). Rapidez de execução, força física e grande capacidade de remate foram pormenores básicos para a excelente organização defensivo-atacante dos jugoslavos sobressair, que o Benfica, por carência de recursos (e ainda por se encontrar num fraco momento de «forma») não contrariou. Beneficiados pela evidente inferioridade dos portugueses, os jugoslavos cedo deram expressão aos numeros e vieram a triunfar com facilidade por 25-11, com 12-6 ao intervalo.

RESOLVIDO O DIFERENDO MARINHENSE--FEDERAÇÃO

Em reunião extraordinária efectuada ontem, na F. P. B. e com a presença de um delegado do Marinhense, foi revista a situação do seu jogador Avelino, que fora castigado com 30 dias, no jogo que efectuara na Marinha Grande, contra o Benfica.

Aquele jogador foi, agora, beneficiado com a revisão do processo, podendo, assim, jogar hoje contra o F. C. Porto.

VOLEIBOL

ELIMINAÇÃO DO TÉCNICO DA «TAÇA DOS CAMPEÕES»

Ontem, em Paris: P.U.C., 3—Técnico, 0

PARIS, 2 — (F. P.) — O «Paris Université Club» venceu a equipa do Instituto Superior Técnico, de Lisboa, por 3-0, num jogo a contar para a «Taça dos Campeões Europeus» de voleibol. Os resultados parciais foram de 15-2, 15-11, 15-12.

Como o clube francês tinha vencido a primeira «mão» por 3-1, classificou-se para os oitavos de final da competição.

O jogo não foi de grande padrão técnico. Os universitários parisienses tomaram logo a iniciativa do jogo e chegaram a 11-0, para terminarem com 15-2, depois de dez minutos de jogo apenas. O segundo «set» foi muito mais equilibrado e os portugueses estiveram igualados por várias vezes, vindo no entanto a perder por 11-15. Também no terceiro «set» as equipas estiveram igualadas a 4, 5 e 6 pontos. Este «set» terminou com o resultado de 15-12.

O PUC defrontará agora a equipa de [illegible], campeão da Checoslováquia.

PROVAS DE PREPARAÇÃO DE TIRO À BALA

Provas de Preparação

Na carreira de tiro do Estádio Nacional começaram ontem as provas «Preparação» (armas de pequeno calibre) organizadas pela Federação Portuguesa de Tiro. Esta competição é realizada com vista á disputa dos Campeonatos Nacionais, incluindo os de grosso calibre e de guerra e, também, á selecção das equipas nacionais: que se prevê possam tomar parte em provas como o Torneio Latino, Campeonato Europeu e Jogos Luso-Brasileiros.

Com o mesmo fim estão a fazer-se provas no Porto, Viana do Castelo, Braga, Figueira da Foz, Leiria e Setubal.

Em Lisboa, as primeiras provas da série foram as de carabina (em três posições, a 20 tiros cada), pistola automática e pistola «standard».

Os resultados que se verificaram foram os seguintes:

Carabina — 1.º, Edgar Mendes do Carmo (ind.), 526 pontos; 2.º, Armando Nunes Henriques (Sporting), 515; 3.º, Manuel Correia da Costa (S. T. Luso-Ultramarino), 516.

Pistola «Standard» — 1.º, eng.º José Caiola Carpinteiro (ind.), 548 pontos; 2.º, major Roberto Durão (S. T. Luso-Ultramarino), 508.

No prosseguimento das provas apuraram-se esta manhã, os seguintes resultados:

Carabina — 1.º, Armando Nunes Henriques (Sporting), 528 pontos (resultado que melhorou o «record» nacional, embora sem homologação); 2.º, Manuel Delfim Guerreiro (Sporting), 580 p.; 3.º, Rui Romão Ramalho (Sporting), 578 p.

Pistola «Standard» — Unico atirador: Emílio Roldão Santos, 517 pontos.

Pistola de velocidade — 1.º, eng.º José Caiola Carpinteiro (ind.), 563 pontos; 2.º, eng.º Ramiro Guedes de Campos (ind.), 558 p.; 3.º, Emílio Roldão Santos (ind.), 540 p.; 4.º, eng.º Jaime Ferreira (S. T. Porto), 538 p.

Automobilismo

CHRIS AMON (em «Ferrari») vitorioso no G. P. da Austrália

BRISBANE 2 — (R.) — O neozelandês Chris Amon, ao volante de um «Ferrari», ganhou ontem o Grande Prémio da Austrália, disputado em Brisbane, prova a contar para o Campeonato da Tasmania.

O britanico Derek Bell, também em Ferrari, ficou em segundo lugar. Em terceiro classificou-se o australiano Lee Geoghegan, num «Lotus-Repco», e em quarto o britânico Graham Hill, em «Lotus-Ford».

SECOL

AJAX - BENFICA

Se o seu problema é a FALTA DE TEMPO não deixe de nos consultar. Podemos ter a viagem que lhe convém.

Viagens, tudo incluído, desde Esc.: 4.340$00

SECOL
—Soc. de Excursões e Comércio, Ld.ª
RUA DO FERRAGIAL, DE BAIXO, 40-1.º, DT.º
(esquina da Rua do Alecrim) — Telefs.: 324022 - 321023

Conta Juventude

J. P. MULLER
O PAI DA GINÁSTICA

Por MARCOS FERRO

J. P. Muller nasceu em 1866. Doente crónico, faltava constantemente às aulas. A sua constituição débil, de certo o apoquentava, porque aos nove anos leu alguns livros de fisiologia e de ginástica, traduzidos do alemão e do inglês. Ele queria ser forte, saudável. Entusiasmado com a leitura dos livros, imediatamente pôs em prática diversos exercícios de ginástica. Experimentou os halteres, os pesos suspensos por cordas, o método de Sandow, que andava muito em voga, e a ginástica do sueco Ling. Nada lhe servia.

Com 15 anos, e aproveitando os domingos, disputava com os irmãos corridas de velocidade, percorrendo cerca de trinta quilómetros.

Habitava num dos extremos de Copenhague, e era empregado num escritório situado no centro da cidade.

Assim, quando acabava o trabalho, e depois de meter na algibeira o colarinho e a gravata, fazia um «cross», que deixava os seus compatriotas parados e admirados perante tal manifestação desportiva... Chegava a casa coberto de suor, despia-se e, já dentro da banheira, atirava água fria sobre o corpo. Secava-se, friccionava a pele com energia e vestia roupa lavada. Depois de um dia de trabalho esgotante, esta prática diária restituia-lhe as energias perdidas.

Em 1883 inscreveu-se num clube de remadores, onde os sócios, agarrados a velhos preconceitos, praticavam o remo com boné na cabeça. Condenando o uso do chapéu depressa convenceu todos os seus colegas. Tinha dado um «pontapé» num hábito, num símbolo. O chapéu era considerado a peça de vestuário mais importante, e o seu portador não saía á rua, em cabelo, com receio de ser ridicularizado. Sustentava que os poros encontram-se em maior quantidade no alto da cabeça e nas plantas dos pés. Estando os poros total ou parcialmente obstruídos com o chapéu enterrado na cabeça, o suor, que nesta parte do corpo é tóxico e venenoso, não pode evaporar-se, matando pouco a pouco o cabelo, provocando a sua queda, caminho aberto para a calvície. «... O uso mais racional que se pode fazer do chapéu, é expô-lo nos armários dos museus de arqueologia», afirmava Muller.

Ao chegar á adolescência, tomou por modelo a estátua Apoxyomenos, do célebre escultor Lysippo, e estudou-lhe todas as formas. Simbolizava o ideal que ele procurava: o atleta que se limpa depois dos exercícios e trata da epiderme.

Muller tinha o corpo muito desenvolvido, e era bastante robusto. Ele, ás vezes, talvez exagerasse, visto que, numa corrida em que participou, em Gothembourg, sentiu-se exausto, quando faltavam poucos quilómetros da chegada. O seu coração batia com rapidez, respirava com dificuldade.

Foi metido na cama. Passadas horas pôde assistir, bem humorado á entrega dos prémios. Foi analisado por uma junta médica, que lhe encontrou o coração e os outros órgãos em «estado absolutamente normal».

Os banhos de sol e de ar, que tomava diáriamente, tanto de Verão como de Inverno, constituíam um meio de fortificar a epiderme. Expunha-se a temperaturas inferiores a zero graus e á acção do vento forte, sem se perturbar.

Em Dezembro, mês de frio intenso, deixava-se estar nu, durante horas, na praia de Vejlefjord, gozando os benefícios do ar livre.

O seu organismo, bem ginasticado, tudo aguentava. Basta acrescentar que já tinha patinado, durante trinta minutos, sobre uma montanha coberta de neve e com uma temperatura de quinze graus negativos. Vestia-se e despia-se ao ar livre.

Desde criança que dormia e trabalhava sempre com as janelas abertas durante todo o ano.

Estudou durante anos as questões relativas á educação física, fez numerosas experiências e tentou, por meio de artigos publicados em revistas e jornais, chamar a atenção dos seus compatriotas para a excelência da vida ao ar livre, e da ginástica. Praticante de vários desportos, criou um físico que fazia lembrar Apoxymenos.

O pintor dinamarquês C. Bloch, exclamou quando o viu: «Sois o mais belo ser humano que tenho visto!»

Eis a sua brilhante carreira desportiva: ganhou 123 primeiros prémios, todos de diversas modalidades desportivas: pedestrianismo, salto em comprimento, remo, natação, jogo do martelo, lançamento da bola de 16 libras inglesas, disco, dardo, luta greco-romana, halteres, luta de tracção, pentatlo, boxe e futebol.

Aos 45 anos ainda participava com brilho em todos os campeonatos.

Introduziu na Dinamarca as corridas pedestres e a natação.

Foi um brilhante jornalista desportivo, tendo assinado artigos, a partir de 1886, com os pseudónimos de «Apox» e «Ap».

Mas o que viria a torná-lo conhecido mundialmente foi o livro «O Meu Sistema», que publicou em 1904. O livro está traduzido em 25 línguas, atingindo milhões de exemplares, batendo todos os «records» de publicações daquele género, mostrando até que ponto as pessoas estavam interessadas pelos métodos preconizados por Muller.

Foi um êxito sem precedentes. Milhares e milhares de indivíduos, de ambos os sexos, escreviam-lhe de diferentes países, participando que restabeleceram, ou melhoraram, a sua saúde, seguindo os seus valiosos conselhos.

Devido a «O Meu Sistema» muitos indivíduos vivem agora uma vida mais feliz sem o espectro da doença.

Mas do que trata «O Meu Sistema»? É um método de ginástica caseira, que se compõe de um pequeno número de exercícios bastante simplificado, de massagens da epiderme, que consistem em fricções com a mão, de um banho de água e de um banho de ar. O banho e a massagem da pele têm por fim expurgar o organismo dos detritos e produtos tóxicos que procuram uma saída natural. Os exercícios fortificam todo o corpo. A maior parte das doenças provêm do estômago e dos órgãos internos que o cercam. Os exercícios ginásticos servem para fortificar o tubo digestivo, fígado e rins, e os banhos de água e de ar, acompanhados de fricções, são o complemento para fortalecer o corpo.

Até os próprios médicos dinamarqueses elogiavam os seus exercícios de fricção, que eram muito eficazes e contribuiam para desenvolver e fortificar o corpo

Estas jovens alemãs, elegantes, belas, desenvoltas, tomaram parte num grandioso festival desportivo efectuado no Estádio de Leipzig, onde fizeram uma demonstração de movimentos rítmicos. A mulher no campo da ginástica caminha para a sua total libertação dos preconceitos que a mantiveram no passado arredada das suas aspirações individuais

Alguém afirmou: «O Meu Sistema» por certo será um dia considerado por toda a gente como uma das mais belas e mais úteis contribuições dos prelos de todo o mundo em benefício da Humanidade».

Muller frequentava diversos estabelecimentos balneários, a convite dos seus dirigentes. Fazia cursos gratuitos do seu método, executando os exercícios em cima de um palanque, para um público sempre atento. O designado «Banhos de Frederico Augusto» era um belo edifício situado no vale de Priesnitz, no meio da floresta de pinheiros. Tinha óptimos ginásios e amplos espaços para os banhos de ar e de luz.

Um dos seus biógrafos dizia, a respeito da sua actividade: «Durante vinte anos trabalhou a favor de quase todas as sociedades desportivas dinamarquesas, e o seu desinteresse o seu carácter modesto, amável e simples, tornaram-no querido de toda a gente».

J. P. Muller não estava só. Todo o seu entusiasmo, todo o seu idealismo iria contagiar sua esposa e filhos. A esposa foi a que mais benefícios obteve dos seus ensinamentos, visto que seguia os conselhos do marido e praticava todos os seus exercícios. Tudo quanto se sabe acerca do que fez pelos filhos, mostra-nos a energia e a persistência deste idealista... Muller educou os seus três filhos, Ib, Per e Bror, copiando o modo de viver dos filhos dos vikings. Quando o seu filho Ib tinha duas semanas o médico quis administrar-lhe o óleo de ricino, mas o pai impediu que ele fosse medicamentado, e substituiu o purgante por alguns exercícios abdominais, que tiveram efeito imediato. O pai ensinou-lhe a fazer ginástica desde muito novo, e contava que, aos três anos e meio, executava os exercícios sózinho e com entusiasmo. Tinha nessa altura 1,09 m de altura e pesava mais de 20 kg. Aos dez anos já organizava excursões ás serras dinamarquesas, em companhia de outros rapazes da sua idade. Levantava-se ás 5 da manhã, e seguia com a mochila ás costas regressando ao lar dois dias depois. Seguiu durante uma semana, sem descansar um único dia, em patins de neve, uma companhia de soldados alemães, através da Floresta Negra. O facto foi tão invulgar que o chefe da companhia passou um certificado pelo feito extraordinário

Ib ganhou mais de 300 prémios e campeonatos, nas diversas modalidades, natação, hipismo, boxe, patinagem no gelo e na neve

Per, com 18 meses, tinha 60 cm de circunferência torácica. Mais novo 4 anos que o irmão Ib, ia todos os dias para a cidade, a pé, a uma distância enorme, para frequentar uma escola ao ar livre. Desde que nasceu, as janelas do seu quarto estavam todo o ano abertas.

Com 3 anos, Per estava habilitado a nadar no mar, com grande á-vontade. Aos 14 anos era mestre de natação, de mergulho e de boxe.

Per e o pai foram a pé, e percorreram 50 km, desde Altdorf até Linthal, em 9,5 horas. Anotem a idade: 5 anos!!... Carregou a sua mochila, e no fim declarou que não estava cansado.

Com 3 anos, Per estava habilitado a nadar no mar, com grande á-vontade. Aos 14 anos era mestre de natação, de mergulho e de boxe.

O terceiro irmão, Bror, o mais novo de todos, excedia com seus feitos desportivos todos os seus camaradas

Todas estas façanhas causavam espanto em toda a Dinamarca. Muller contava: «Em toda a parte da Dinamarca se propalava que eu tinha matado meus filhos com os excessivos esforços de robustecê-los. Mesmo professores de destaque da Universidade de Copenhague tomavam parte nesta campanha de difamação, ao passo que, para informarem-se da verdade, bastava averiguarem do que se passava»

Muller tinha o curso de engenheiro, mas pouco se dedicou á sua especialidade. Em 1912 fixou-se em Londres, onde viveu perto de 12 anos, tendo aberto o Instituto Muller, em Piccadilly.

O apoio da classe médica foi tão grande, que uma multidão sempre crescente de clínicos, indicava aos seus doentes como remédio o «Instituto Muller».

Muitos médicos inscreveram-se no seu Instituto, por exigência da própria saúde.

Mais de 9000 pessoas foram seus alunos. Centenas de doentes foram tratados com êxito no seu Ginásio.

Mais tarde, entregou a direcção do Instituto a seu filho Ib.

Médicos europeus apoiaram o seus sistema de ginástica, tais como o dr. Ardissou Ferreira (Portugal); dr. Alexandre Clerici (Itália); dr. Alberto Corradi (Espanha); tendo todos eles traduzido o seu livro «O Meu Sistema».

Foi autor a nda dos seguintes livros: «O Meu sistema para crianças» «A vida ao ar livre», «Cinco minutos diários», «O meu sistema de respirar», e o «Meu sistema para senhoras».

Com 73 anos faleceu J. P. Muller, um homem que muito contribuiu para a saúde da humanidade

LUTA GRECO-ROMANA

DOIS CAMPEÕES NACIONAIS

Luís Grilo (Sporting) e Carlos Oliveira (Baixa da Banheira) — os primeiros titulares

Devido ao elevado número de lutadores inscritos, não poderam ficar terminados os Campeonatos Nacionais de Seniores (primeira série), que ontem se iniciaram no Pavilhão do Estádio Universitário.

Estiveram em competição cinquenta e oito lutadores, em representação dos seguintes clubes: Sporting, Ateneu, Runa, Académica da Amadora, Belenenses, Ginásio Baixa da Banheira, Pedrouços, Ginásio Clube Português, Sporting, Linda-a-Velha, Física de Torres Vedras e Benfica.

Os [illegible] em dois [illegible] sendo [illegible] «Internacionais» Luís Caldas e Mendes Pinto, [illegible] uma [illegible] e árbitros [illegible] que [illegible] entre os seus [illegible]

que se prestassem a tão ingrata tarefa. Como isso não acontece, os árbitros indicados viram-se obrigados a esgotante tarefa.

Foram disputados 47 combates, que serviram para apurar os semifinalistas nas categorias dos 52 kg, 62 kg, 68 kg, 74 kg, 82 kg e 100 kg, porquanto nas dos 57 kg e dos 90 kg ficaram apurados campeões, respectivamente, Luís Grilo (Sporting), que, na final, venceu seu irmão João Grilo (Sporting) e Carlos Oliveira (Baixa da Banheira) que, na final derrotou Américo Santos (Runa). Foram, também, considerados vencedores, por falta de competidor, Álvaro Duarte (Sporting) na categoria dos 48 kg, e António Piteira (Benfica) na dos de mais de 100 quilos. Na verdade, é difícil aparecer um adversário para um homem com 140 quilos!

Os campeonatos prosseguirão no próximo sábado, á [illegible] hora, em local a designar, sendo disputados os [illegible] dos pesos [illegible] que [illegible]

P. A.

Filipe Abreu, um dos melhores ginastas de sempre do nosso País, num movimento de cavalo com arção

ESGRIMA

Rodrigues Neves — Vitória num torneio para jovens

Organizado pela Federação Portuguesa de Esgrima, disputou-se nas instalações do Centro Espanhol um torneio de florete, para atiradores com menos de 20 anos.

Os vinte atiradores inscritos representavam as seguintes salas de armas: Grémio Literário (1), Ateneu Comercial de Lisboa (2), C. D. U. L. (3), Clube Shell (2), Colégio Militar (7), Escola Naval (1) e M. P. (4).

Disputaram-se três «poules» de eliminação directa, das quais saíram os nove finalistas que, por sua vez, se defrontaram numa «poule» única, bem disputada.

No final, a classificação ficou assim ordenada: 1.º, Rodrigues Neves (M. P.), 8 v.-0 d.; 2.º, Henrique Marçal (G. L.), 7 v.-1 d.; 3.º, Duro da Costa (M. P.), 6 v.-2 d.; 4.º, Jaime Grave (A. C. L.), 4 v.-4 d. — toques recebidos; 5.º, Alexandre Olargando (M. P.), 4 v.-4 d. — 30 toques recebidos; 6.º, Paiva e Pona (C. S.), 3 v.-5 d.; 7.º, Lopes Barata (C. D. U. L.), 2 v.-6 d.; 8.º, David e Silva (M. P.), 1 v.-7 d.; 9.º, Salgueiro Rego (C. M.), 0 v.-8 d.

De salientar, que o «assalto desempate» para apuramento do 1.º e 2.º lugares foi disputado com bastante técnica e mostrou igualdade dos dois esgrimistas em cotejo.

Actualidade internacional

REABERTURA DAS UNIVERSIDADES DE MADRID E BARCELONA

—PREVÊ-SE NA CAPITAL ESPANHOLA

MADRID, 2 — (F. P.) — A reabertura próxima das Universidades de Madrid e Barcelona iniciará, soube-se de fonte oficiosa, uma segunda fase na acção empreendida pelo Governo espanhol para normalizar a vida universitária. A primeira fase terminou com as operações policiais de quinta e sexta-feira. Nesses dois dias, principalmente em Madrid foram presas umas cem pessoas, e a vinte foi fixada residência longe da capital. Quase todas pertencem aos meios liberais, democratas-cristãos e socialistas-democratas.

Segundo a mesma fonte oficial, não se prevêem mais operações deste género nos próximos dias, pois as medidas até aqui tomadas permitem passar à fase seguinte, que é a reabertura da Universidade.

Já no princípio da semana passada o ministro da Informação, Fraga Iribarne, tinha declarado: «O objectivo do estado de excepção é única política generalizada».

Este desejo de moderação mente de restaurar a ordem na Universidade para que esta possa ser um local onde se estude e ensine livremente. O Governo agirá com prudência e moderação não se lançando numa repressão é apoiado por dois jornais madrilenos, em editoriais que foram autorizados pela censura.

O fim da fase de repressão directa parece confirmar-se por um pormenor hoje conhecido. O general Camilo Alonso Vega, ministro do Interior, participou ontem numa caçada a 200 km ao sul de Madrid. Não se crê que o ministro se tivesse ausentado da capital nesta altura, se houvesse novas operações de envergadura previstas para os dias imediatos.

SAIGÃO RECEIA UM ATAQUE À CIDADE DE TAY NIHN

SAIGÃO 2 — (F. P.) — A F.N.L. prepara-se um ataque contra a cidade de Tay Ninh, para aí instalar um «Governo provisório», anunciou hoje em Saigão uma fonte militar.

Reforços de tropas governamentais foram enviados para Tay Ninh, situada a 90 quilómetros a noroeste de Saigão, que estaria ameaçada por duas divisões inimigas e elementos de uma terceira. A propósito, nota-se em Saigão que todos os dias na província de Tay Ninh as forças da Primeira Divisão de Cavalaria e da 25.ª Divisão de Infantaria americana travam combates violentos contra um inimigo bem armado.

Foi nesta província que a F.N.L. nasceu em 1960 e zonas inteiras dela foram desde sempre consideradas como feudo dos rebeldes, tão grande é a sua implantação entre a população da província. Por duas vezes, em Agosto e Setembro de 1968, a cidade foi atacada pela F.N.L., que no segundo ataque conseguiu ocupar durante vários dias os suburbios de Tay Ninh.

As perspectivas de um ataque parecem, para as autoridades de Saigão, bastante sérias. Em contrapartida não merece muito crédito a ideia de um «Governo provisório» instalado em Tay Ninh, de onde a F.N.L. se oporia ao Governo de Saigão e procuraria obter um reconhecimento diplomático internacional.

GREVE SUSPENSA

ROMA, 2 — (F. P.) — Os automobilistas italianos deverão poder encher hoje os depósitos, visto que a federação italiana dos empregados das estações de serviço decidiu suspender a greve começada em 29 de Janeiro. Os dirigentes da federação tomaram esta decisão por terem recebido garantias do ministro do Comércio e da Indústria, Mário Tanassi.

Entretanto, o quarto dia de greve das estações de serviço foi marcado por uma dezena de atentados.

Os atentados registaram-se nomeadamente em Tivoli (Roma) onde a explosão dum engenho destruiu as instalações dum distribuidor e danificou quatro automóveis estacionados perto. Em Turim foram incendiadas três estações de serviço.

Alguns grevistas utilizaram a tática da obstrução. Entrando nas bichas pediram a limpeza dos vidros e o contrôle dos níveis de água, óleo e a verificação de ar nos pneus. Esta tática provocou protestos dos automobilistas e a Polícia deve de reforçar os serviços de ordem.

Fuga de capitais brasileiros

RIO DE JANEIRO, 2 — (F. P.) — Durante os últimos seis meses, os brasileiros e os estrangeiros residentes no Brasil transferiram ilegalmente para o estrangeiro um milhão e 800 mil dólares — revelou um informador do serviço de contribuições directas.

Implicados neste caso, foram presos dois estrangeiros representantes duma sociedade do tipo «fundo mútuo». Fundos vindos das regiões industriais de Belo Horizonte e São Paulo transitavam por «agências de viagens» do Rio de Janeiro e iam investir-se em sociedades dos Estados Unidos, das Bahamas, da Suíça e da Alemanha. O movimento estendia-se aliás a vários países da América Latina.

Desde 13 de Dezembro, o Governo do marechal Costa e Silva vem combatendo o mercado negro. Várias «agências de viagens», agora encerradas, cambiavam 200 000 a 300 000 dólares por dia. Dois banqueiros de Belo Horizonte foram presos por transferências ilícitas.

Doze cadáveres nos E. U. A. à espera de «ressuscitar»

SÃO FRANCISCO, 2 — (R.) — Nos Estados Unidos existem, pelo menos, 12 cadáveres colocados em caixões frigoríficos na esperança de, um dia, ser possível fazê-los voltar à vida. Segundo afirmam os defensores de tal prática, dentro de 25 anos a congelação dos mortos terá-se transformado numa das maiores indústrias do país e os homens libertar-se-ão, finalmente, da inevitabilidade da morte.

É o dr. Coleman Harris, de 70 anos, antigo presidente do colégio de alergistas dos Estados Unidos, que dirige os destinos da sociedade dos «criogenistas» de Los Angeles. O dr. Harris declarou que muitos médicos ainda hoje escarnecem da «criogenia», palavra que deriva do grego «kryos» (frio de gelo), de «Criogenia», a ciência das baixas temperaturas, e de «criobiologia», que estuda os efeitos da temperatura sobre a matéria viva.

A «Criogenia» envolve o congelamento dos cadáveres logo após a morte, na expectativa de que eles possam, mais tarde, ser descongelados em perfeitas condições de conservação podendo, então, ser curados pelos médicos que, daqui a 50 ou 100 anos, sem dúvida terão conhecimentos muito mais profundos do que os médicos de hoje.

A técnica consiste em, imediatamente a seguir à morte, se retirar todo o sangue do cadáver, no qual é injectado um líquido refrigerante. O corpo é em seguida envolvido numa folha de prata e colocado numa cápsula estanque cheia de nitrogénio líquido, que faz descer a temperatura ao zero absoluto, isto é, a 27 graus centígrados negativos.

Após esta operação, apenas se torna necessário um ligeiro trabalho de congelação, o qual consiste em mudar o nitrogénio líquido contido na cápsula seis em seis meses.

Se o morto tiver deixado entre 10 000 a 15 000 dólares os seus descendentes não necessitarão de gastar um centavo com a conservação.

Quanto ao problema de rejuvenescer uma pessoa que tenha sido trazida do reino dos mortos parece não haver também dificuldades, pois alguns dos maiores cientistas do Mundo acreditam que, um dia, os médicos estarão habilitados a fazer reviver as células do cérebro e, dessa modo, a poderem anular a deterioração causada pela idade no corpo humano.

Assaltos aos castelos nos arredores de Paris

PARIS, 2. — (R.) — Quadrilhas de gatunos constituídas por autênticos peritos em arte, dedicam-se a assaltar os castelos existentes nos arredores de Paris, de onde roubam obras preciosas que, segundo suspeita a Polícia, vendem depois para o estrangeiro.

A semana passada, os assaltantes de castelos roubaram várias antiguidades preciosas, desde um crucifixo do século XI até quadros de velhos mestres e peças de mobiliário do século XVII.

Nos últimos dois anos, têm desaparecido de castelos e palácios da região de Paris, cadeiras Luís XV, ricas tapeçarias e numerosos objectos de arte.

A Polícia suspeita que se dedicam aos roubos dois tipos de quadrilha — gatunos amadores que andam de castelo em castelo, mais ou menos à sorte, e bandos bem organizados que trabalham às ordens de organizações estrangeiras e escolhem cuidadosamente os objectos que devem roubar.

Muitos dos castelos assaltados são propriedade de pessoas dos mais elevados escalões da alta sociedade parisiense, que os utilizam para passar os fins de semana.

Os sistemas de protecção contra roubos existentes nesses edifícios deixam, evidentemente muito a desejar.

Quando, recentemente, a Polícia prendeu alguns dos gatunos verificou que parte dos objectos por eles roubados se encontravam em compartimentos automáticos de bagagens nas estações de caminho-de-ferro e nos aeroportos.

É impossível avaliar o valor exacto dos objectos até agora roubados, mas só num dos assaltos verificados recentemente os gatunos roubaram mobiliário no valor de 300 000 francos.

O tamanho dos objectos não preocupa os ladrões, que apenas se importam com o valor artístico das obras e com a antiguidade dos móveis.

Num dos roubos, verificado ultimamente, os gatunos limitaram-se a levar uma pequena colecção de livros, todos primeiras edições. Poucos dias depois, desapareceu de um castelo da mesma área uma enorme cama de quatro altas colunas.

DE GAULLE IMPASSÍVEL NA BRETANHA

QUIMPER (Bretanha), 2 — (R.) — O presidente de Gaulle sofreu uma cruel humilhação durante a sua visita de três dias à turbulenta Bretanha.

A visita do presidente, que termine hoje, foi assinalada logo na primeira paragem, em Rennes, capital da província, por manifestações de estudantes.

REFERENDO NA PRIMAVERA

QUIMPER, 2 — (F. P.) — O general de Gaulle anunciou esta manhã que o referendo sobre a reforma regional e do senado se realizará na Primavera.

Ontem, porém, no porto de Brest, o presidente de Gaulle recebeu um golpe mais doloroso — a apatia da multidão. Cerca de 3000 pessoas, as únicas que aguardavam de Gaulle, receberam o presidente no meio do mais profundo silêncio e só depois de ter sido ouvido o hino nacional alguns gritaram vivas a de Gaulle.

«Se fosse para assistir à passagem dos corredores da Volta à França, o entusiasmo teria sido muito maior», declarou um observador, comentando a recepção dispensada ao presidente pela população de Brest.

Quando o helicóptero presidencial chegou a Quimper, centro agrícola e piscatório da Bretanha de cerca de 50 000 habitantes, os pescadores lançaram para o céu três foguetões vermelhos de pedido de socorro.

Aqueles que têm acompanhado o presidente nas suas anteriores viagens pelo país foram unânimes em concordar que nunca as populações das regiões visitadas demonstraram tão aberta hostilidade na presença do próprio dirigente da nação.

Em Brest, um homem agitou um chapéu-de-chuva, com uma bandeira da Bretanha, quando de Gaulle chegou ao centro da cidade.

Embora os manifestantes antigaullistas estivessem em minoria em relação aos gaullistas, os observadores atribuíram especial importância política ao facto de grupos de estudantes terem tido a ousadia de insultar o presidente na sua frente.

De Gaulle mostrou-se impassível durante as manifestações. Em Brest, Enquanto a multidão entoava estribilhos contra e a favor do presidente, este atravessou as ruas saudando o povo e repetindo incansàvelmente «merci, merci».

O presidente vai usar da palavra na Place de la Résistance, no centro desta cidade, sabendo-se que tratará do problema bretão e dos seus projectos para a descentralização e a reforma regional da França.

Se o seu discurso de hoje tiver o mesmo vigor daquele que o presidente proferiu em 30 de Maio do ano passado, com o qual esmagou a agitação dos estudantes e trabalhadores que então alastrava na França, ou for semelhante ao que proferiu em Novembro, quando se recusou a desvalorizar o franco, os observadores mostram-se convencidos de que a sua viagem à Bretanha terá um carácter vitorioso.

A POLÍCIA RETIRA DE NANTERRE

PARIS, 2 — (F. P.) — O dia foi calmo na Faculdade de Letras de Nanterre. As forças policiais abandonaram os recintos esta manhã e só ficaram algumas unidades móveis nas proximidades.

Assim, a actividade universitária, que tinha principiado muito calma, terminou com um regresso à agitação.

Os observadores seguiam desde há algumas semanas a subida da tensão nesta Faculdade. Desde Março de 1968, os estudantes [illegible] vários incidentes, frequentemente greves e ocupações de edifícios.

Crédito Universitário

CICLONE TROPICAL EM NOUMEA (NOVA CALEDÓNIA)

NOUMEA (Nova Caledónia), 2 — (R.) — Um violento ciclone tropical, com rajadas que chegaram a atingir 160 quilómetros horários, deixou hoje atrás de si um rasto de destruição nesta ilha do ocidente do Pacífico.

São muito elevados os prejuízos causados pelo ciclone, que fustigou a ilha administrada pela França, pouco depois da meia-noite.

Muitas casas de Noumea ficaram destelhadas e são numerosas as estradas bloqueadas por desprendimentos de terras. Ficaram completamente interrompidos os abastecimentos de água e electricidade.

Não há conhecimento de mortes mas o pessoal dos hospitais foi chamado de urgência para tratar dos feridos.

Brigadas de trabalhadores começaram imediatamente a remover os destroços que bloqueiam as ruas da cidade.

No momento em que a tempestade atingiu maior violência, podiam ver-se chapas de ferro voarem sobre as casas como se fossem frágeis folhas de papel. Ficou completamente destruído, no aeroporto da cidade, um hangar cuja construção importou em 200 000 dólares, e ficou bastante danificado um avião ligeiro.

O ciclone, a que foi dado o nome de código «Colleen», atingiu a Nova Caledónia depois de ter passado pelas ilhas de Salomão.

Embora a emissora de Noumea continuasse a transmitir esta manhã, após o ciclone se ter afastado para o Sul, todas as comunicações com o interior da ilha ficaram interrompidas.

Enormes vagas marítimas, formadas pelo vento, precipitaram-se sobre a auto-estrada que, em Noumea, passa ao longo da costa, pondo em perigo as casas da área. Receia-se que o perigo venha a aumentar á medida que a maré for enchendo.

Crianças da Irlanda do Norte brincam, junto de um muro, onde foram escritos «slogans» anti-católicos durante os violentos tumultos ocorridos, ultimamente, entre católicos e protestantes

Recepção entusiástica a Tito na Roménia

BUCARESTE, 2 — (F. P.) — Timisoara, com 170 000 habitantes, a terceira cidade romena, dispensou um entusiástico acolhimento ao chefe do Estado jugoslavo, marechal Tito, que veio encontrar-se com o presidente Ceaucescu.

Segundo a Rádio Bucareste, algumas dezenas de milhar de pessoas ao longo do percurso do cortejo oficial vitoriaram os dois chefes de Estado.

Durante o almoço oferecido pelo presidente romeno em honra do seu hóspede, houve uma troca de brindes pelo desenvolvimento das relações de amizade entre os partidos comunistas e os povos romeno e jugoslavo.

ESCOLHIDO O ÚLTIMO MEMBRO DO JÚRI DO JULGAMENTO DE SHAW

NOVA ORLEANS, 2 — (R.) — Ontem, 11 dias após ter começado o julgamento de Clay L. Shaw, acusado de ter conspirado para assassinar o presidente John Kennedy, foi, finalmente, escolhido o 12.º e último membro do júri.

Peter M. Tatum, mecânico de uma fábrica de alumínio de Nova Orleans, foi seleccionado, ontem, antes do julgamento ter sido interrompido ao meio-dia, mas só após terem sido dispensados 110 possíveis jurados, os quais afirmaram que o facto de virem a fazer parte do júri lhes impunha despesas que não podiam suportar. Em Nova Orleans os jurados não são pagos.

A acusação e a defesa tentaram, sem êxito, durante a tarde, nomear mais dois jurados suplentes, para o que consultaram 32 pessoas.

Desde que o julgamento teve início, foram indicadas para fazer parte do júri 783 pessoas, que, em seguida, acabaram por ser dispensadas.

O julgamento foi adiado até segunda feira, por decisão do juiz, Edward A. Haggerty, o qual deu a entender que, mesmo que nesse dia possam ser encontrados os dois jurados suplentes, o julgamento propriamente dito não terá início antes de terça-feira, para que a defesa e a acusação possam entrar em contacto com testemunhas que residem fora da cidade

Jim Garrison, o procurador distrital de Nova Orleans, pretende obter o relatório e as fotografias da autópsia a que foi submetido o presidente assassinado, que actualmente se encontram guardados nos arquivos nacionais, a fim de os apresentar como provas no julgamento de Shaw.

Garrison continua a afirmar que o relatório da autópsia provará a verdade da sua afirmação de que o presidente foi morto por tiros disparados de várias direcções.

Mr. Jeanne McHugh, a bela bailarina francesa, documentada e lendo no seu apartamento de Roma, cidade onde vive desde há anos e onde trabalha

«Ted» Kennedy contra a instalação de novas bases antimísseis

WASHINGTON, 2 — (R.) — O senador Edward Kennedy pediu ao Governo de Nixon que suspenda a instalação de novas bases antimísseis como contribuição para a causa da paz no Mundo.

Edward Kennedy, irmão do falecido presidente John Kennedy e senador democrático pelo Massachusetts, declarou que o congelamento das construções de novas bases do sistema sentinela de mísseis antibalísticos (A. B. M.), em princípio destinado a servir de protecção contra um eventual ataque da China, constituiria «uma oportunidade sem paralelo para o abrandamento da tensão mundial».

O senador Kennedy, «leader» assistente do Partido Democrático do Senado, afirmou, numa carta que dirigiu ao secretário da Defesa, Melvin Laird, não existir qualquer prova concreta de que o actual sistema limitado (A. B. M.), avaliado em cerca de 5000 milhões de dólares, não venha a mostrar-se eficaz em condições de combate.

A carta do senador Kennedy foi enviada ao secretário da Defesa na sexta-feira, mas o seu conteúdo apenas ontem foi tornado público.

Kennedy frisou que a interrupção da instalação de bases (A. B. M.) serviria para garantir ao povo norte-americano que o programa defensivo da nação é eficaz e racional, além de abrir mais oportunidades para a resolução dos problemas internos do país.

O senador afirmou, ainda, que a construção de novas bases do sistema sentinela pode vir a prejudicar as conversações com a União Soviética para a limitação dos armamentos, forçando os russos a procurarem ampliar o seu próprio sistema limitado de mísseis antibalísticos

NOVAS DESORDENS NO PAQUISTÃO

KARACHI, 2 — (R.) — Os paquistaneses encontram-se hoje na expectativa de que uma oferta de conversações feita pelo presidente Ayub Khan possa contribuir para abrandar a crise política do país

No entanto, no momento em que o presidente, a noite passada, fazia a sua oferta num discurso transmitido a todo o país pela Rádio, novos actos de violência irrompiam no Paquistão Oriental, e um dirigente esquerdista afirmou, mais tarde, que a oferta de Ayub Khan não continha «nada de novo»

Durante os últimos 10 dias, o Governo teve de enviar o Exército para cinco das maiores cidades do país, a fim de acabar com as desordens que, pelo menos, causaram a morte de 31 pessoas. O número de presos é de cerca de 1700, incluindo muitos elementos das esquerdas.

Quando o presidente se ofereceu para iniciar um diálogo com os partidos políticos «responsáveis», ontem á noite, novas desordens foram assinaladas no Paquistão Oriental, na cidade de Bagerghat, onde a Polícia abriu fogo sobre estudantes que se manifestavam contra o Governo. Ficaram feridos dois manifestantes e foram efectuadas 55 prisões.

Em Rawalpindi, também ontem a Polícia teve de servir-se de gases lacrimogéneos e de varas com pontas de aço para fazer frente a manifestantes que apedrejavam as forças policiais.

Nesta atmosfera de profunda tensão, o país aguarda hoje a reacção dos diferentes opositores á oferta do presidente Ayub Khan, que propôs a realização de uma conferência para serem examinadas as reivindicações da oposição no sentido de importantes reformas constitucionais.

«Não teremos qualquer hesitação em aceitar seja o que for que venha a ser decidido em conversações mútuas», declarou o presidente, no seu discurso radiodifundido, acrescentando que tais decisões, porém, não deveriam fazer perigar a integridade e a segurança do Paquistão.

Esquerdistas afirmam que a oferta feita pelo presidente não contém nada de novo e pretende simplesmente dividir a Oposição

A maior parte dos políticos oposicionistas do Paquistão deve tornar conhecida a sua posição durante o dia de hoje

ESTUDANTES RIVAIS EM LUTA NO JAPÃO

TOQUIO, 2 — (R.) — Cerca de três centenas de estudantes conseguiram hoje invadir o edifício de uma Universidade do norte do Japão ocupado há seis meses por estudantes radicais.

Os doze ocupantes, os únicos que restavam de um grupo inicial de 200 que tomou as instalações há seis meses, foram levados para hospitais, após terem sido expulsos da Faculdade de Engenharia da Universidade de Nihon, em Kohriyama.

Os invasores todos estudantes das direitas, entraram no edifício depois de terem demolido uma barricada formada por cadeiras e secretárias.

Os ocupantes, porém, refugiaram-se para a torre do edifício e resistiram durante horas atirando os assaltantes com «cocktails» Molotov.

Os rebeldes ocuparam o edifício em 1 de Setembro do ano passado, em sinal de protesto contra alegadas irregularidades financeiras praticadas pelas autoridades universitárias.

Sacerdote detido

MADRID, 2 — (F. P.) — O prior de uma paróquia do bairro madrileno de Moratalaz, o padre Gamo, foi preso ontem á noite, soube-se de boa fonte. Este padre fez parte de uma delegação que entregou á Direcção-Geral de Segurança, em 14 de Janeiro findo, uma petição assinada por 1500 pessoas.

Tanto o padre Gamo como as pessoas que o acompanharam foram objecto de um inquérito realizado pelo Tribunal de Ordem Pública a fim de averiguar se seriam ou não culpados «de propaganda ilegal».

Desmentido biafrense

UMUAHIA, 2 — (F. P.) — Um informador do ministério biafrense da Defesa desmentiu algumas notícias da Imprensa estrangeira, segundo as quais a aviação biafrense teria feito recentemente «raids» contra os aeroportos nigerianos.

U THANT VISITA A ETIÓPIA

ADIS ABEBA, 2 — (R.) — O secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, chegou hoje a Adis Abeba para assistir á uma reunião de Comissão Económica para a África

U Thant, que permanecerá três dias na capital da Etiópia, fez escala em Londres, onde conferenciou com o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Michael Stewart, sobre o auxílio diplomático a conceder a Gunnar Jarring, enviado especial da ONU no Médio Oriente

Devem chegar também hoje a Adis Abeba delegações de vários países independentes da África para tomarem parte nas cerimónias comemorativas do 10.º aniversário da Comissão. Um dos principais assuntos da reunião será a cooperação sub-regional. Os delegados trocarão também pontos de vista sobre as actuais condições económicas na África. Fazem parte da Comissão 41 países africanos, sendo membros associados a Grã-Bretanha, a França e a Espanha.

Jornal dos jornais

PROFESSORES INCOMPETENTES ALUNOS DESCONTENTES

Uma das grandes causas do descontentamento estudantil, do seu inconformismo e rebeldia, é a falta de competência didáctica dos professores, fruto duma educação média ou universitária diferente.

É triste ver como certos fulanos alcançam a qualidade de professores sem as qualidades morais e conhecimentos requeridos a quem ensina. Isto também tem uma causa: a falta de professores competentes, devido ao falho interesse (legítimo) destes por uma profissão que, profundamente humana e social, é irrisòriamente remunerada.

Observa-se mais a introdução destes professores (que se dizem doutores) incompetentes nas Escolas Técnicas do que nos Liceus. O facto deve-se ao maior número de alunos nas Escolas e ao pouco respeito que se vota ao ensino administrado nestas. É tudo feito «à balda», como o vulgo diz.

Por conseguinte os professores mais qualificados vão para os Liceus — é mais fino — em vez de irem para as Escolas Técnicas, cujo ensino é utilidade são imediatamente mais aplicáveis. Destes professores incompetentes, atrás aludidos, também existem «arromba» deles cá em Torres. Mas é melhor não falar mais (por agora), se não acontece-me o mesmo que aconteceu ao meu amigo Guy Fulcão. Isso é qu'éra bom!!!

Referia-se há pouco o Sr. ministro da Educação ao carácter antiquado do nosso ensino, deixando a porta aberta à crítica sincera e construtiva. Esta visão real do problema e a boa vontade demonstrada pelo sr. ministro, dá-nos, a nós, os estudantes, esperanças para que, num futuro bastante próximo, o medievalismo do ensino em Portugal dê lugar a um ensino actual em progressão.

Embora hajam movimentos estudantis com um pseudo-conhecimento da situação actual e que remam contra o bom-senso (ou seja discriminação sexual) — v. jornais, também existem movimentos com um conhecimento mais amplo, por consequência mais lúcido (Coimbra). Com estes é que devemos fazer coro: Queremos renovação escolar.

Depois esperaremos a renovação que se avizinha e prevê seja a contento de todos nós os estudantes.

De momento a força dos estudantes é grande de mais para se menosprezarem as suas justas reivindicações; portanto esperemos apreensivamente, mas calmamente.

Pena é que os estudantes adolescentes não sejam educados na família para saberem o que querem! Resultando daqui um certo número de enfatuados deteriores dum pseudo-intelectualismo falso, parco e irritante.

Por agora, fico por aqui.

Que os estudantes da nossa terra esperem calmamente mas firmemente a evolução escolar.

Da incompetência estamos ... nós ... fartos.

Até p'rá semana.

JORGE MORTE

(De «O Almonda», de Torres Novas).

Que se passa no Hospital de Viana?

Foi há dias que uma mãe aflita nos contou o triste drama. O seu José Manuel, miúdo de 12 anos, começou a definhar e a deixar-se ficar pela cama. Recorrendo ao hospital desta vila é-lhe diagnosticado uma inflamação nas amígdalas juntamente com a indicação de se dirigir ao Hospital de Viana.

Tratada a parte burocrática foi-lhe marcado o dia de apresentação naquele estabelecimento hospitalar. Pega no filho e lá parte para a sede do distrito. Ali são extraídos os elementos à respectiva análise, marcando-se-lhe a segunda consulta. Vai novamente mas ninguém estava para a atender, limitando-se apenas a ouvir a indicação do dia para uma terceira ida a Viana. Lá apareceu na hora estabelecida e a resposta foi idêntica à anterior: — **não havia quem a atendesse... Que voltasse em tal dia.** Chegado este dia, antes de partir resolveu a pobre mãe telefonar. O que ouviu merece registar-se: — «o médico que costumava ir a Viana já não vai porque só lhe apareciam pessoas pobres».

Pobre mãe que, sem possibilidades económicas, foi três vezes inùtilmente a Viana, gastando em viagens e alimentação o que não tinha e chora ao ver o seu José Manuel de cama, quase sem se poder alimentar!... O único conforto — se se pode chamar conforto — é ouvir duas ou três vizinhas a contar-lhe idêntico drama...

(De «Notícias de Menção»)

A via Norte e a industrialização da cidade de Coimbra

Coimbra, a cidade romântica que todo o Mundo conhece, trava consigo mesma, desde há muito, uma batalha que não tem conhecido tréguas: a da sua valorização industrial.

Sem dúvida que indústrias existem, com capacidade de projectar a rentabilidade económicas da cidade para além do que se estava habituado. Contudo, as vias de comunicação da chamada zona industrial não garantem, para já, um progresso que tanto se deseja e de que a própria cidade necessita. De entre todas as obras indispensáveis à vida progressiva da Lusa Atenas, sobressai a construção da via Norte, como arrancada definitiva e poderosa à industrialização da cidade.

Mas... hoje, Coimbra ainda está longe, muito longe, de ser uma cidade industrial. E a manter-se o panorama actual tudo indica que estejamos condenados a viver apenas da indústria académica, o que não satisfaz, nem agrada a ninguém.

Em artigo do eng.º Eduardo Caetano e publicado nestas colunas em 17-12-66 afirmava-se: «Se nos debruçarmos sobre o panorama actual de industrialização do concelho de Coimbra e o analisarmos sob um ângulo prático e realista, temos de concordar que Coimbra não se poderia classificar de cidade dinâmica e progressiva, não obstante o aumento do número dos seus habitantes». E acrescentava logo a seguir: «...Nada temos contra as tradições, o Choupal e a Saudade. Bem pelo contrário, pensamos que se deverá manter um certo romantismo à volta de Coimbra, que se devem acarinhar as tradições, beneficiar a monumentalidade da cidade e preservar o seu belo enquadramento verde.

Mas se quisermos que Coimbra se desenvolva e prospere, sem uma base falsa ou instável, teremos de a apoiar na indústria. Este é uma verdade elementar, do conhecimento geral».

Ora para haver indústrias é urgente criar as infra-estruturas necessárias para a sua instalação. É isso que não existe ainda na zona industrial do Loreto, onde se fixaram, apesar de tudo, algumas unidades de grande volume. Falta-lhes água em abundância, uma completa rede de esgotos e os indispensáveis arruamentos.

Toda a urbanização dessa vasta área, porém, está dependente de uma obra que terá de ser realizada pelo Ministério das Obras Públicas: referimo-nos à construção da variante à Estrada Nacional n.º 1 entre a Estação Velha e a Adémia, numa extensão de 3 quilómetros.

Além de constituir, no futuro, a entrada norte da cidade, o que justificaria, só por si, motivo de grande valorização para Coimbra, acresce ainda a circunstância de não ser possível urbanizar antes da concretização desse desejo a referida zona industrial, uma vez que irá constituir o seu eixo principal e só a partir dele poderão ser lançados, depois, todos os arruamentos secundários.

A prova de que todos estamos conscientes da sua necessidade e urgência é-nos dada pela exposição que foi enviada a Sua Excelência o Senhor Ministro das Obras Públicas em 12 de Outubro de 1965 e subscrita pelas mais representativas empresas comerciais e industriais da cidade, a saber:

Fonseca & Seabra, Auto Industrial, Fábricas Triunfo, Fábricas Lufapo, Estatuária Artística de Coimbra, Fábrica de Cerveja de Coimbra, Fábrica de Malhas Aníbal de Lima & Irmão, Empresa de Camionagem Joaquim Francisco de Oliveira, Carvalho & Sobrinho, Fábrica de Malhas «A Ideal», Hotel Bragança, Lusa Mecânica de Coimbra, Mármores e Cantarias de Firmino Baptista, Fundição José Domingos Baptista, Fábrica de Malhas Correia Neves, Casa das Lãs, Ersipe, Empresa de Construções Cifferro, Sociedade Têxtil Santiago A. Mendes, Último Figurino, Ourivesaria Brinca, Sapataria Elegante, Hotel Internacional, Armazéns R. A. F., Café Restaurante Nicola, Agência Philips de J. Trindade, Construções Ramos de Carvalho, Cerâmicas Reunidas, Fábrica de Sabões Martha, Fábrica de Curtumes de Coimbra, Armazéns Lousada, Joaquim Gomes Porto & Irmãos, Fábrica de Baterias «Pátria», Castro & Castanheira, Delegação da Mabor em Coimbra, Fábricas de Cerâmica Argus, Filial da Cidla em Coimbra, Fábrica de Teoidos Planas & C.ª, e União de Grémios de Lojistas de Coimbra.

Em 28-10-65 Sua Excelência o Ministro mandou comunicar ao primeiro signatário a transcrição da informação prestada pela Junta Autónoma de Estradas:

«A execução da obra a que alude a exposição acima referida está, realmente, prevista por esta Junta, tendo o respectivo anteprojecto sido aprovado por despacho ministerial de 10-8-59.

Trata-se, contudo, de uma obra de elevado custo para cuja realização ainda não houve as necessárias disponibilidades nem se podendo, mesmo, prever para breve a sua concretização.

Foi esta, aliás, a resposta dada à Câmara Municipal de Coimbra, no ofício n.º 615-Ct., de 6-9-65, desta Junta em face de um seu ofício em que solicitava a construção da variante, e nada se afigura, de momento, haver a acrescentar».

Incumbe-me ainda Sua Excelência de acrescentar que não deixará de ter presente a expressiva diligência de V. Ex.as em todas as oportunidades que possam surgir de ser dada execução à obra em causa.

Vão passados portanto dez anos, Senhor Ministro, desde que o anteprojecto desta obra mereceu aprovação ministerial. Durante este longo período muitas outras cidades do País beneficiaram de condições favoráveis para a fixação de grandes unidades industriais que têm permitido criar melhores condições de vida para as suas populações.

Coimbra continua pacientemente a aguardar que o Governo lhe satisfaça a sua principal aspiração, já que não poderá aspirar a vir a ser um centro industrial razoável, sem que antes esteja construída a referida variante.

Dizem-nos que a obra custa cerca de 30 mil contos. Quanto custará daqui a cinco anos?

Mas... não poderá atentar-se apenas no custo da obra em si, terá que se tomar na devida conta quanto vale o progresso de uma cidade como Coimbra para, depois, e implicitamente, se chegar à conclusão que qualquer que seja o custo de uma obra com as dimensões da que se pretende e as perspectivas que vem abrir não só à indústria conimbricense, mas também, à de todo o País, qualquer que seja o seu custo, diziamos, nada representa de grandioso, pois os lucros em breve se encontrariam!

Já tem sido sugerido, em várias sessões da Câmara Municipal, que se proponha ao Governo para que seja feita imediatamente a sua terraplenagem, se as disponibilidades financeiras do momento não permitirem que possa ser realizada numa só fase. Feito esse simples trabalho já a Câmara poderia avançar com a prevista urbanização, traçando arruamentos e executando o programa dos esgotos, o que facilitaria a construção imediata de inúmeros edifícios industriais que há muitos anos aguardam autorização para a transferência das suas instalações para aquela zona.

Este o apelo que em nome da cidade de Coimbra ousamos formular a Vossa Excelência, Senhor Ministro das Obras Públicas.

Pensamos que o Governo dificilmente poderá fazer os seus investimentos em qualquer outra obra do País que lhe ofereça tão firmes garantias de alta rentabilidade. Com esse investimento lucrará Coimbra que ficava a dispor da sua arma mais poderosa para se lançar no caminho do progresso e lucraria o País, que ràpidamente veria aumentado o seu parque industrial.

Vossa Excelência que muito bem conhece as condições do meio, sabe e avalia bem da justiça do nosso pedido e do alvoroço com que ficamos a aguardar a boa notícia.

A industrialização de Coimbra é tema obrigatório em todas as conversas entre conimbricenses e nós confiamos que Vossa Excelência tudo fará para ajudar a elevar o nível de vida de toda a população desta bela cidade de que certamente guardará algumas boas recordações.

(De «Gazeta de Coimbra»)

Esta palavra informar

Não será novidade para ninguém, o dizer-se que há muitos e múltiplos problemas a encombrar a vida madeirense, problemas a que é necessário dar soluções adequadas, bem pensadas e programadas. Não será novidade, também, o afirmar-se que, em política, não há milagres — e que o único milagre a esperar é aquele que o esforço humano proporciona.

E a Madeira necessita, mais do que nunca, do esforço dos madeirenses. Mas, pedir o esforço de todos não é suficiente — e são inúmeros os exemplos disso. Porque o esforço de todos, o somatório da riqueza humana do arquipélago não pode ser utilizado anàrquicamente. É preciso ser enquadrado, apoiado e prestigiado. Enquadrado, na medida em que o potencial disponível (potencial humano) tem de ser dirigido no sentido mais útil à vida da comunidade; apoiado, na medida em que todas as pequenas iniciativas devem poder realizar-se, juntando-as, ou não, a outras, mas, de qualquer forma, dando-lhes o sentido pretendido ou orientando-as noutro mais conveniente; prestigiado, de modo que o esforço comum tenha uma contrapartida na satisfação do trabalho feito — ao contrário do que muitas vezes sucede, se ao atribuir a outrem o esforço que nós, e só nós, realizámos.

O progresso é um passo em frente dado pela comunidade e não por esta ou aquela individualidade. É tão importante o esforço daquele que dirige como o de quem é dirigido. Exercer uma função pública é contrair responsabilidades, é contrair deveres para com a população. Os postos públicos são lugares a que se deve ascender com o sentido de respeito pela colectividade — não como um triunfo pessoal e social. Por outro lado, será necessário não esquecer que se se administra em nome da comunidade e (pensemos que sim) um dos deveres de quem administra é informar essa comunidade daquilo que, em seu nome, se executa. Falar em nome da ilha, ou de determinado concelho, é falar em nome de uma população que, tantas vezes, em nada e para nada foi consultada. Ora os dirigentes não são génios, nem super-homens, nem estão incumbidos de uma missão divina que os defenda dos erros e das imperfeições. São gente de carne-e-osso, como o mais comum dos mortais — são «homens comuns» para empregarmos uma expressão que se vai tornando popular. Se se dirige em nome de alguém há que informar esse alguém do que se fez em seu nome.

Quando se viu, no entanto, os madeirenses serem esclarecidos, a tempo e horas, acerca dos problemas que preocupam a ilha? Os especialistas vão e vêm, as reuniões sucedem-se e o público lê as notícias das partidas e chegadas. Ora parece que é tempo de rever o problema da informação. Por que não adoptar o que se está a fazer a nível governamental nesse campo? Porque é indubitável, se se quer que o cidadão participe, que ele só o fará com suficiente capacidade crítica, se estiver devidamente informado.

(Do «Comércio do Funchal»).

Topomínia da Pampilhosa

É um pouco confusa a história da classificação toponímica das ruas da nossa terra. Embora tendo já, algumas das ruas, nomes que datam de há muitos anos, apenas duas delas, as mais centrais têm as respectivas placas indicativas: Rua Dr. Abel S. Lindo e Rua Joaquim da Cruz.

Em princípio do passado ano de 1967, como que de surpresa, tivemos conhecimento que a todas as ruas e becos da Pampilhosa havia sido dado o respectivo nome pela Junta de Freguesia. Chegámos mesmo a ter em mãos um mapa-esboço da nossa terra onde figuravam as ruas classificadas.

Em alguns dos primeiros números do «Caminho» referimo-nos e fizemos mesmo uma pequena crítica a alguns dos nomes atribuídos a certas ruas. Bruscamente, como o leitor deve ter reparado interrompemos essa publicação que aos poucos íamos fazendo. Havia-nos chegado aos ouvidos que nada do assunto havia sido oficializado ou tratado convenientemente.

Aqui estamos portanto neste final de ano a focar de novo o assunto.

Temos apelado diversas vezes para a Câmara Municipal no sentido de serem realizadas algumas das muitas obras necessárias na nossa terra.

Neste momento porém e pela primeira vez, visto que nos parece que o assunto não diz respeito imediato à Câmara apelamos para a Junta de Freguesia no sentido de meter ombros à classificação das nossas ruas.

E se é permitida uma sugestão adiantamos um princípio que quanto a nós é básico:

As ruas vão ser — se a Junta quiser evidentemente — classificadas pela primeira vez. Ora parece-nos que essa classificação para ser realizada convenientemente não deve ser feita com os componentes da Junta de Freguesia sentados nas mesas da casa da Junta ou de quaisquer outros locais. Deve ser nomeada uma comissão devidamente constituída por pessoas naturais da terra, comissão essa que estudaria os nomes a atribuir às ruas, meditando, investigando, auscultando a população, etc., e respeitando nomes de algumas que o rodar dos anos já consagrou.

Posto isto, que repetimos não deve e nem pode ser feito «no ar», proceder-se-á aos trâmites burocráticos que são necessários para serem colocadas as placas indicativas e os chamados números de polícia.

É evidente que teria de ser feito um dispendio financeiro que possìvelmente a Junta de Freguesia não poderia suportar (a nossa Junta vive dos mortos que vão a sepultar no nosso cemitério). Estamos em crer que se os residentes de cada rua custeassem a despesa que se faz na sua rua, ou então se fizesse uma subscrição pública, a troco de meia duzia de escudos resolver-se-ia o problema. Quando todos pagam nada é caro.

E o que seria a Pampilhosa com as ruas classificadas e as portas numeradas?

Uma vila mais actualizada e inumeros benefícios não só para o comércio e indústria mas também para cada um de nós, individualmente, e ainda para os serviços postais e telegráficos.

Tem a palavra a nossa Junta de Freguesia, que tem assim mais uma oportunidade para demonstrar na prática, que não serve só para passar atestados, como muito boa gente pensa.

O princípio do ano é um tempo propício para a Junta encarar a questão. Entretanto aguardemos a sua resposta.

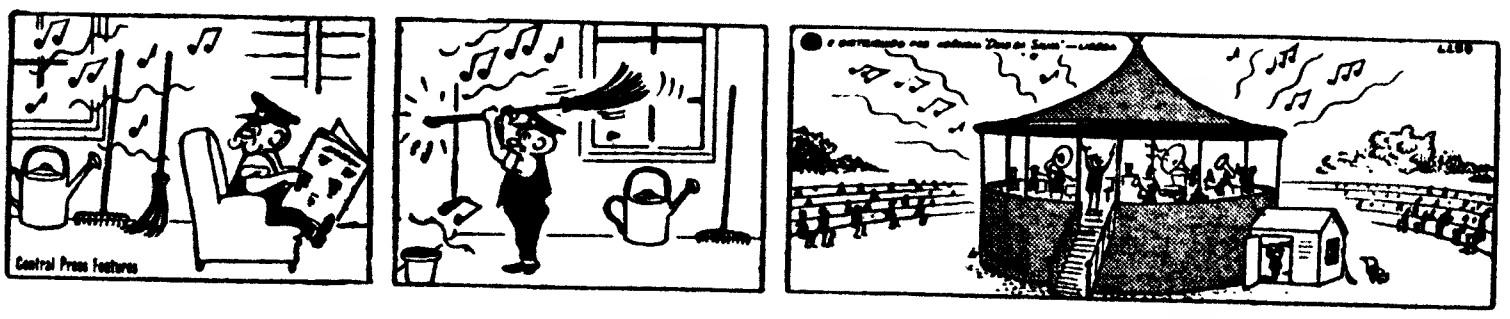
(De «Caminho», Pampilhosa).

O «Diario de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça Matosinhos Foz, Avenida da Boavista Carvalhosa, Carvalhido Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Fevereiro de 1939 publicava:

«**Danielle Darrieux abandona Hollywood e regressa a França enferma de um mal secreto que uns chamam o peso da glória e outros o peso de um coração ferido de amor.**

«**O acontecimento poderia deixar de incluir-se no número de notícias sensacionais, se não existisse o snobismo das enormes futilidades e o «fru-fru» das belezas que se gastam, como as velas de cera, queimando-se á luz baça das noites sem luar e sem repouso.**»

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA

No anfiteatro de Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto, realiza-se, depois de amanhã, ás 17 horas, uma sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, na qual será projectado o filme *The Mystery of Stonehenge*, amàvelmente cedido pelo Instituto Britanico do Porto, que trata do mais notável monumento arqueológico existente no mundo.

Antes da sua projecção, o filme será comentado pelo distinto arqueólogo sr. dr. Henrique Leonor de Pina.

Podem assistir a esta sessão, além dos sócios e suas famílias, os professores e alunos de todos os graus de ensino e as pessoas que se interessarem por este assunto.

Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

OLIVEIRA DO BAIRRO, 2 — Tomou posse do cargo de presidente da Câmara Municipal desta vila o sr. Manuel dos Santos Pereira, natural da freguesia do Troviscal, deste concelho.

O novo presidente do Município já exerceu as mesmas funções de 1951 a 1963, tendo levado a efeito uma notável obra de melhoramentos.

Foi por isso com geral agrado que todo o concelho recebeu a sua nomeação para aquele cargo, esperando que essa obra possa agora ser continuada, pois há problemas em todas as freguesias, especialmente respeitantes a estradas, electrificação, construção de escolas, etc., que necessitam de ser urgentemente resolvidos.

VIDA SOCIAL

ARTUR CARDOSO DA SILVA

Acompanhado de sua esposa, regressou a Lisboa, depois de cerca de um mês nos Estados Unidos, o sr. Artur Cardoso da Silva, conhecido técnico de fruticultura (engenheiro *honoris causa* pelos Estados Unidos do México), que, a convite de importantes organizações norte-americanas do estado da Califórnia, estabeleceu contactos e forneceu elementos da maior valia para a empresa que se formou com o nome de «Vila Frca International, Inc.», com sede na Califórnia, numa significativa homenagem àquele nosso compatriota, grande inovador de processos de pomologia, tanto em Portugal como no estrangeiro.

O sr. Artur Cardoso da Silva deve visitar, em breve, diversos países europeus, em missão daquela importante empresa, cujo capital inicial é de 30 milhões de dólares.

Palavras cruzadas

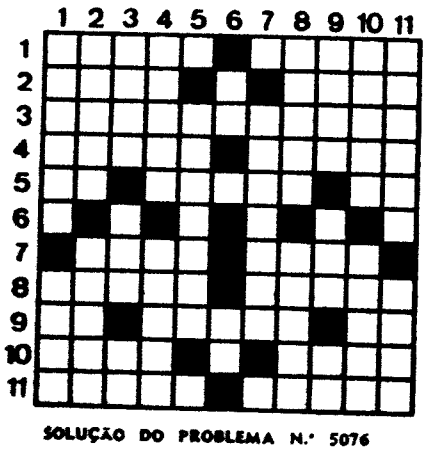
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5077

HORIZONTAIS: 1 — Leito de viagem. Emparelham. 2 — Líquido composto de hidrogénio e oxigénio. Conjunção. Castiguei com punição. 3 — Fomos o concurso. 4 — Limpar com areia. A flor, a escol, o que há de melhor na sociedade. 5 — Oferece. Grande sábio. Viração. 7 — Jovem. Erguei. 8 — Disfarçar (fig.). Fundador do islamismo. 9 — Caminhar. Inventam. Símbolo químico do iródio. 10 — Prender. Artigo definido. Derrote. 11 — Aparelhem (o cavalo). Ser humano, do sexo masculino.

VERTICAIS: 1 — Apanhado na caça. Remos para trás. 2 — Já. Nome dum planeta. 3 — Lago da Suíça. Tritura. O mais. 4 — Classes. Pessoa perversa, bárbara, ignorante ou sovina. 5 — Aquela que discursa em público. 6 — Érbio (s. q.). Apelido francês; 7 — Torne a animar. 8 — O mesmo que apelação. Pau com gancho para apanhar fruta. 9 — Fiz desaparecer. Saudável. Antes do meio dia. 10 — Esclarece com comentários. Investe num cargo. 11 — Desgraçado. Estavam.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5076

HORIZONTAIS: 1 — Apartam. Par. 2 — Lição. Ópilo. 3 — DEUS. Asaram. 4 — Ela. Castigo. 5 — Ia. Caredra. 6 — SEM. CCI. 7 — Maçapão. Pt. 8 — Remirar. Per. 9 — Açanou. Nado. 10 — Marat. Terra. 11 — Asa. Acumear.

VERTICAIS: 1 — Aldeia. Ramo. 2 — Piela. Meços. 3 — Acua. Samara. 4 — Ras. Cecina. 5 — Tó. Camarota. 6 — Aar. PAU. 7 — Mossecar. Tu. 8 — Pataca. NEM. 9 — Pirlri. Pare. 10 — Alaga. PEDRA. 11 — Roma. Atroar.

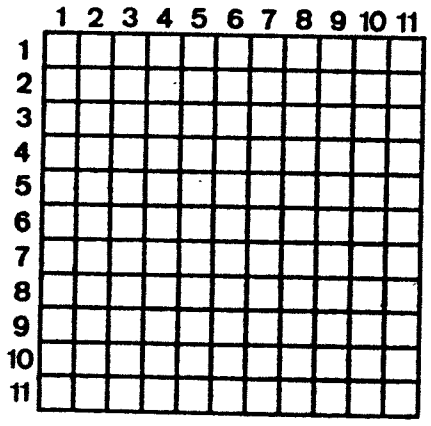
(Provérbio: DEUS CASTIGA SEM PAU NEM PEDRA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8921

HORIZONTAIS: 1 — Ponta de areia em frente de Setubal. Atam. 2 — Macacos americanos. Diminuição. 3 — Liga. Pronome pessoal. 4 — Irmão de Moisés. Introduzes. 5 — Investiro num cargo. 6 — Tombar. Escala (fig.). 7 — Viração. Ovário dos peixes. Oferece. 8 — Fêmea do sapo. Mais mal. 9 — Despachar. Suje. 10 — Transmitira bens gratuitamente o outrém. Lugar de contenda. 11 — Restos mortais. Linha secundária do caminho de ferro.

VERTICAIS: 1 — Calcanhar. Guarnecido de asas. 2 — Ratava. Nome de flores. 3 — Género de mamíferos pinípedes do Pacífico e dos mares do Sul. Piedosas. 4 — Satélite de Júpiter. O mesmo que âmio. Ilha situada no Pequeno Belt. 5 — Artigo definido. Metal precioso de cor amarela. Chefe etíope. 6 — Futril. 7 — Nota musical. Migalha. Botequim. 8 — Prefixo que designa afastamento. Estava. Colocará. 9 — Retrucam (pop.). Caminharem. 10 — Leve ó sirgo. Ainda. 11 — Seara madura. Praia.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8920

HORIZONTAIS: 1 — Daiii. Picar. 2 — Marcada. 3 — Mia. Ror. Sim. 4 — Ar. Pilar. Má. 5 — Cotovam. 6 — Fora. Asir. 7 — Sam. Ris. Res. 8 — Irem. Sofa. 9 — Adros. Paris. 10 — Rã. Romãs. Lá. 11 — Aru. Mar. Não.

VERTICAIS: 1 — Damão. Siara. 2 — Ir. Fardar. 3 — Imã. Comer. 4 — Já. Par. Mar. 5 — Imitar. Sam. 6 — Cola. Im. Mó. 7 — Paravas. Pai. 8 — Id: Ras. Sás. 9 — Cãs. Minar. 10 — Im. Refila. 11 — Rimar. Sasão.

Cie. Cle. Transatlantique

French Line

Serviço Portugal/USA (Pacífico)

PARA:

LOS ANGELES, SAN FRANCISCO, SEATTLE E VANCOUVER

n/m. «MARYLAND» em 4 do crte.
*** n/m. «MISSISSIPI» em 25 do crte.**
*** Também escala PORTLAND**

Aceitam-se passageiros e carga geral em porão normal e frigorífico

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — TEL. 322271 | 33255 | 361267
LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES PORTO
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

Compañia Trasatlantica Española, S. A.

MADRID

DIRECTO PARA:

NORFOLK e NEW YORK

O PAQUETE ESPANHOL

«GUADALUPE»

esperado em 6 do corrente

Recebe **CARGA GERAL, CORTIÇA E DE FRIGORIFICO**

Passageiros em 1.ª Classe e Turística

Para informações e reservas de lugares, favor dirigir-se ao seu agente de viagens ou aos Agentes Gerais em Portugal

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21, 1.º

Telef. 32 46 71 / 32 72 58 — LISBOA

J. PIMENTA S. A. R. L.

MORADIAS — LUXUOSAS EM PAÇO D'ARCOS
(e brevemente em Cascais)

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
Especialmente Amadora, Venda Nova e Paço d'Arcos

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

AMADORA — Fronte à Estação do C. P. e Reboleira
PAÇO D'ARCOS — Espargal — Linda vista do mar

ANDARES

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670

CLUBE DE INSTRUÇÃO E RECREIO DO LARANJEIRO

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — presidente, Alfredo Vicente de Morais; vice-presidente, Henrique Carlos Quaresma da Silva; 1.º secretário, Nuno Manuel R. Lopes; 2.º secretário, Herlander Sousa da Silva.

Direcção — presidente, Fernando da Costa Estêvão Rodrigues; vice-presidente, Carlos Alberto Bernardino Almeida; 1.º secretário, Floriva! Fernandes de Pinho; 2.º secretário, Armando Vieira Campelo; tesoureiro, Jorge Gama Salvado; 1.º vogal, José Marques Nunes Oliveira; 2.º vogal, João Luís Baptista.

Conselho Fiscal — presidente, Manuel Coelho Virgínia; secretário, José Domingos da Silva; relator, José Miró Ribeira; 1.º suplente, António Pereira da Fonseca; 2.º suplente, dr. José Malheiro da Silva.

São delegados á Federação: efectivo, César Augusto Soares; suplente, Ilídio José Pereira.

CEL CAT

CABOS ELÉCTRICOS
FÁBRICA
VENDA NOVA - AMADORA

A CEL-CAT
FABRICA NACIONAL DE CONDUTORES ELÉCTRICOS, S. A. R. L.

comunica
a todos os seus Clientes e Amigos que a partir de

amanhã, dia 3 de Fevereiro de 1989

as instalações da sua concessionária de Vendas — SODIL funcionarão na

RUA D. FRANCISCO MANUEL DE MELO N.º 23-A, 4.º — LISBOA
TELFS.: 68 80 35 (5 linhas)

AMORTECEDORES PARA AUTOS E CAMIÕES

AMORTEX

GARANTIA
100.000 Km. ou 2 ANOS

GARAGEM CENTRA

AUTO PORTO LDA — PORTO
AUTO INDUSTRIAL S A R L — COIMBRA

LICEU
NOCTURNO
Ensino Audio Visual
PAULO DIAS
R. TEN. FERREIRA DURÃO, 37-3
65 43 04

CALOR
O ESPECIALISTA DOS FERROS DE PASSAR
DE LINHAS ELEGANTES E DE GRANDE PRECISÃO
7 MODELOS DESDE
PARA PASSAR A FERRO NADA HÁ MELHOR QUE O MEU CALOR
2 ANOS DE GARANTIA

CASA SONOTONE
SURDOS

A mais antiga da especialidade

SONOTONE — MAICO — DANAVOX — QUALITONE

um modelo de aparelho destas afamadas marcas servir-lhes-á para proporcionar a VOLTA DA AUDIÇÃO

EXPERIÊNCIAS E DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

LISBOA — Poço do Borratém, 33 — Telefs. 868352 - 865978
PORTO — Praça da Batalha, 92 — Telefone 35600

PARA SURDEZ NERVOSA E PERCEPTIVA

Atenção Abrantes, Castelo Branco, Fundão, Sabugal, V. Formoso, Almeida, F.ª C. Rodrigo, Trancoso, V. N. Tazem, Condeixa, Soure, Leiria, V. N. Ourém, Tomar e Caldas da Rainha, a n/ brigada de assistência, visitar-vos-á nas farmácias do costume, informem-se.

5.000 LIVROS DE GRAÇA

Prosseguindo na nossa campanha de divulgação, seleccionámos para o mês de Fevereiro dois novos romances. Poderão os interessados receber em sua casa os romances seleccionados remetendo-nos 3$00 para um, ou 6$00 para os dois.

Pedidos á LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 — PORTO ou á Filial: Av. Almirante Reis, 102-r/c.-Dt.º — LISBOA - 1.

Nome e direcção completos e bem legíveis)

MÁQUINAS de LAVAR e ENXUGAR
ROUPA e LOUÇA
MUITO MAIS BARATAS
LARGO SANTA BARBARA, 13, PRIMEIRO ANDAR

VINHO DO PORTO

Importante casa exportadora pretende agente exclusivo para grande marca mundialmente conhecida, dando preferência a Firma que possa assegurar a distribuição e venda em todo o País.

Resposta ao Apartado, n.º 26 — V. N. de Gaia.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE-JA A
ORCOSI
Telefs. ... 32 31 72
R. ... DE DEZEMBRO ...

LUSTRES

de sonho para a sua casa Fábrica, Av. 5 de Outubro 203, r/c., Esq.º — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na CASA VIOLANTE

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
OBTURAÇÕES, EXTRACÇÕES, CORRECÇÃO DE DENTES
DENTADURAS
PREÇOS DE POLICLÍNICA
CONSULTAS DAS 9 ÀS 20 HORAS
Aos sábados, das 9 às 13 horas
CALÇADA BENTO DA ROCHA CABRAL (AO RATO)
TELEF. 68 61 91

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º programa — 491 m — 665 kc/s — Às 14 e 50: Futebol: relatos, informações e comentários dos jogos do 18.º jornada do Campeonato Nacional da I Divisão; 17 e 10: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Moderna; 20 e 40: O espírito sobre as águas, pelo rev.º dr. Videira Pires; 21: Rádio Desporto; 21 e 20: Escolha e diga; 22: Teatro das Comédias: «De onde não se espera é que elas saem», original de Mario Amália Vale; 22 e 40: Guitarradas pelo Conjunto Raul Nery; 23 e 05: Sol e toiros; 23 e 30: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 14 e 50: Onda musical; 17: Selecção da ópera «A Africana» (Meyerbeer); 18: Concerto de domingo (1.ª parte); 18 e 45: Canções de Tchaikovsky, pelo soprano Galina V.shnevskaya e Alexander Dedyukhin, piano; 19: Concerto de domingo (2.ª parte); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O pianista Tamas Vasary — Polaca n.º 2 em mi maior (Liszt); 20 e 30: A orquestra de Câmara de Toulouse, dirigida pelo maestro Louis Auriacombe; 21: Recital pelo pianista Helena Costa, preenchido com obras de Chopin — 8 Mazurcas (Chopin); 21 e 22: Capricho n.º 24 (Paganini) — violino: Henryk Szeryng; 21 e 30: As grandes figuras do mundo português pelo dr Manuel Caldeira Pais; 22: 2.º acto da ópera «Fausto» (Gounod).

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 14 e 52: Tarde Desportiva; 17: Chave do Totobola; Noticiário; 17 e 03: Domingo musical; 17 e 32: Variedades; 18 e 02: Musica pelo caminho; 18 e 45: Canções para si; 19 e 02: Fórmula 1; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Comentador Desportivo; 20 e 30: Domingo 20 e 30; 20 e 45: Orquestras famosas, 21 e 03: Hot Club; 21 e 30: Impacto; 22 e 30: Leitura; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Pendulo, 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora 2 FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 14 e 52: Tarde desportiva; 16: Programa C D C; 17 e 02: Auto-Rádio; 17 e 45: Musica e desporto; 18 e 0: Imagens de Portugal; 18 e 30: Conjuntos vocais; 18 e 45: Artistas da Itália; 19 e 03: Um conjunto; 19 e 15: Página regional; 19 e 30 Boletim desportivo; 20 e 05: Campeão português; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Viagens na nossa terra; 21 e 15: Imagens de Portugal; 21 e 30: A voz da esperança; 22 e 02: Selecção; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 17: Musica ao volante; 17 e 45: Melodias na tarde; 18 e 05: Programa Termozeta; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 20: Minutos para ouvir; 20 e 15: Musica para o seu jantar; 20 e 55: Meditando; 21: Programa variado; 22: Suplemento especial; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa, 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Musaico; 21 e 30: Chamados musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora: 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Dos 7 ós 8, dos 10 ós 12 e dos 22 ós 2 — **Rádio Voz de Lisboa** — Dos 14 e 30 ós 17 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 8 ós 10 e dos 17 ós 19 e 30 — **Rádio Graça** — Dos 12 ós 14 e 30 e dos 19 e 30 ós 22.

AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativo; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 25: Momento Desportivo; 20 e 55 Crónico; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: «Universidade na TV»; 22 e 25: Noite de ópera — «Aida», de Verdi»; 23 e 55: Telejornal — 3.ª edição (ultimas notícias); 24: Meditação e fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: TV Clube; 22 e 15: «Belphegor»; 22 e 40: Homens e Aviões; 23 e 35: Telejornal e fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

GIGLIOLA CINQUETTI

RITA PAVONE

VARIEDADES OU FESTIVAL DE S. REMO

SE AS CONDIÇÕES DE RECEPÇÃO de som e imagem, forem satisfatórias, a R. T. P. transmitirá esta noite o festival de S. Remo, com os nomes famosos da canção que geralmente acorrem a este certame. Nesse caso as «Variedades» realizadas por Luís Andrade e em que participam os artistas Suzy Paula, «Pussy Cats» (duo vocal filipino), a actriz Lígia Teles, Trio Harmonia, os acrobatas Fredien Brothers, Ballet Star Dancer's e ainda Torrebruno e a orquestra de Jorge Costa Pinto, serão transmitidas noutra oportunidade.

No festival de S. Remo vêm actuando, desde há dias, vedetas como Magli Junior e «The Casuals», Ricardo del Turco, Checco e Ellio Gnadolci, Leonardo e Newstrolls, Gigliola Cinquetti, Robertino, Nada e «The Rocks», Nino Reitano e Claudio Villa, «The Show men» e Nal e «The Principes», Luccio Batisti, Don Backy, Milva, «Les Pic-Pic» e Rita Pavone.

OS MONROES: «LUTA NA PRADARIA»

O PRIMEIRO FILME de aventuras dedicado á juventude, na tarde de hoje, é transmitido cerca das 16 horas e pertence á série «Os Monroes», tem como intérpretes Michael Anderson, Barbara Hershey, Keit e Kevin Schultz e Tammy Locke

Hoje, conta-nos uma «luta na pradaria» «Uma graçola dita a Kathe, a irmã do Clayt Monroe, por um dos Walles, provoca uma cena de tiros que se transforma numa batalha campal. De um lado, os Walles e um grupo de brigões; do outro, o major Mapoy, grande proprietário da região, e os seus homens. A família Monroe vê assim ameaçada a sua segurança e até a própria vida».

MARINE BOY

UM BARCO FANTASMA. Uma tripulação valente que adormece profundamente. São dois problemas que surgem ao pequeno heroi Marine Boy, que para os esclarecer, desce ao fundo do oceano, acompanhado pela sereia amiga.

Este programa é constituído por desenhos animados japoneses, em superanimação e falados em inglês, e é apresentado pela R. T. P., cerca das 17 e 30.

FOLCLORE, TV RURAL, NOTICIA DO ESPECTACULO E HOMENS E AVIÕES

APÓS AS 18 e 20, altura em que é revelada a chave do Totobola no programa «Informação Desportiva», o dr. Pedro Homem de Melo apresenta em «Folclore» o grupo de Arcos de Valdevez nos seus cantares e danças regionais. Pelas 19 horas, os espectadores interessados pelos problemas da lavoura estarão atentos ao «TV Rural» apresentado pelo eng.º Sousa Veloso.

Baptista Rosa coordenou o programa «Notícias do Espectáculo» a apresentar pelas 19 e 50, onde se falá de cinema e teatro: filmes portugueses em preparação e estreados recentemente. O teatro na quinzena que passou, etc. Às 20 e 30 é transmitida uma edi-

(Continua na 25.ª página)

canal da crítica

...E NASCEU A TELEVISÃO. E O VERBO SE FEZ CARNE.

Existe uma realidade: Maria de Lurdes Resende canta para o público português, sem o fatigar, há mais de 20 anos.

Existe outra realidade: Maria de Lurdes Resende sonha, ao longo de todos estes anos, evitar os climas emocionais das grandes vedetas, sem contudo deixar de exigir para si aquilo a que, como trabalhadora, se julgava com direito. O equilíbrio também vence bom juro na simpatia popular.

Esse equilíbrio manifestou-se, até, na relativa qualidade das canções. E disso tivemos ontem prova. Os poetas que interpretou (Jerónimo Bragança e António Sousa Freitas) são dos que, no panorama da canção, sabem alguma coisa mais do que a quarta classe. Para não falarmos já de Carlos Queirós. E para não falarmos também na poesia tão sàbiamente para cantar, ou, melhor, para dizer **vestida de música, de Catulo da Paula.**

Não desmereceram, pois, de ser ouvidas as canções, velhas ou novas, que Maria de Lurdes Resende nos trouxe. Essa realidade não pode ser esquecida.

Nem a de que a voz de Maria de Lurdes nasceu para a Rádio. Ontem, a primeira imagem viva, aquela que nos mostrou a artista defronte de um microfone de pé, essa é que estava certa. Era como se ela continuasse na Emissora Nacional e nós não tivéssemos *se não* de ouvi-la...

Temo não estar Maria de Lurdes Resende fadada para videoartista. Ou temo não se ter ainda adaptado a esta nova forma de presença. A sua voz é pura como a neve, mas como a neve, fria. Na canção moderna a voz tem de ser de carne. Ter nervos, como a carne. E, semelhante á carne, encostar-se á nossa carne. A voz que está no receptor está em nossa casa, á nossa beira, dentro da nossa solidão. Fala connosco. Ora Maria de Lurdes Resende fica sempre exterior a nós.

Sempre não. Quase não esteve no poema de Carlos Queirós. É quase assim que ela deve cantar na Televisão. Afastar de si o microfone, como um fantasma radiofónico.

Infelizmente, a realização em nada a favoreceu. A intimidade dos retratos parados de Augusto Cabrita (parados — mas vivos...) sucederam-se as imagens movimentadas de Ruy Ferrão (movimentadas — mas mortas...) o mau gosto da embalagem para a canção «Adeus, adeus, velha tristeza» foi evidente até para o telespectador poço de boa-vontade. Realização rotineira e quando não rotineira — pepineira.

Mas então, santo Deus!, não há outra maneira?

HARMONIA E BOM GOSTO

Coitadas das meninas pobres. Tadinhas das meninas que podem ter o seu quartinho, mas não sabem como decorá-lo. Uma tristeza. Uma infelicidade. Nem tudo, porém, é mau. Nem todos são indiferentes. France de Vasconcellos está visitante. Ei-la, ei-la, ei-la! Por falta de ideias nenhuma pobre menina deste País ficará sem seu quartinho.

Quarto modesto, claro. Pinho, só pinho e nada mais que pinho. Cama, não. Um divã, sim. Divã que pode servir para uma menina dos 2 aos 12 anos. Na parede, o qua-

(Continua na 25.ª página)

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AS BORBULHAS FORAM-SE
ELIMINOU-SE A CAUSA EM 3 DIAS
Logo á primeira aplicação NIXODERM começa a fazer desaparecer as Borbulhas como que magicamente. Use NIXODERM já esta noite e não tardará a ver a sua pele tornar-se macia, suave e clara. NIXODERM é uma nova descoberta que elimina os parasitas da pele que causam Borbulhas, Bolhas, Manchas Vermelhas, Eczema, Impingens e Erupções. Não se poderá ver livre dos males da sua pele sem que extermine a causa que se esconde nos delicados poros da pele. Portanto compre NIXODERM ao seu farmacêutico hoje mesmo e acabará com Borbulhas e a sua pele ficará suave, macia e clara.
Nixoderm
Para Doenças Da Pele

2.º PROGRAMA

DOIS PROGRAMAS dominam a emissão de hoje. Da série «Hollywood Star Playhouse» veremos um filme interessante intitulado «O Invencível Raposa Vermelha», com Lee J. Cobb (o juiz Garth de «O Maioral»), Katheen Hugnes, Flil Mark, Peter Leeds e Lory Patrick. Conta-se «a história de Grayson Foxhall, do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Washington, despedido, segundo a Imprensa, por ter falhado uma missão de paz entre chefes de nações africanas. Sua filha Paula crê que o marido a engana com a secretária e seu neto Mike, que admira e adora o avô, tem um problema com um companheiro de escola, que não consegue vencer. Ora Foxhall dispõe-se a resolver os dois problemas ...»

Há ainda mais uma aventura do chefe «Ironside», com Raymond Burr, transmitida em 3 de Abril de 1968 no 1.º Programa. Mais um mistério se apresenta ao telespectador que, ajudado pelo chefe Ironside, certamente o desvendará...

CONTO DE DOMINGO

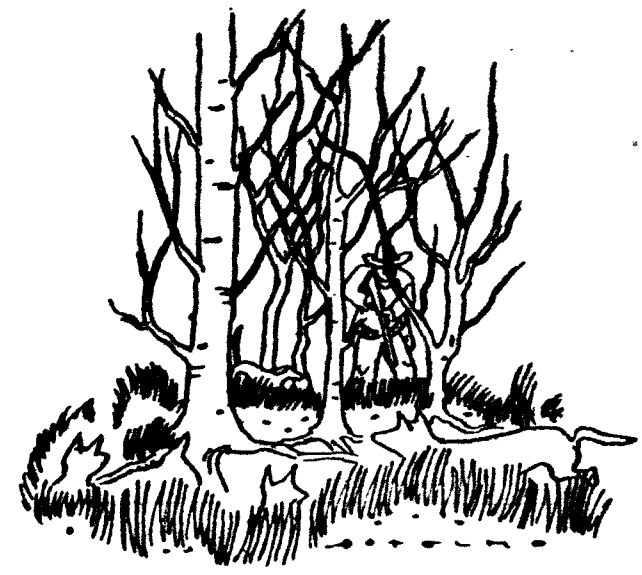
BABOO (1)

Texto de FIDALGO DOS SANTOS **Ilustração de CARLOS BOTELHO**

DECIDIDAMENTE, ia dar Baboo ao Wild. Aquele maldito urso branco que lhe estrangalhara as pernas e o deixara paralítico de um braço, fizera com que se desfizesse de todos os bens que possuía. A arma, o cavalo, os apetrechos de caça, a sua riquíssima colecção de peles tudo sacrificara em médicos e remédios na esperança de salvar as pernas. Mas tudo fora inútil! A ciência podia restaurar, mas nunca substituir por igual matéria. Dentro da carne dilacerada pelos dentes e garras da fera, haviam-lhe encontrado as tíbias completamente esmagadas! Restava-lhe a consolação de que dando Baboo ao Wild, ele o trataria com os mesmos cuidados e carinhos com que o tratara sempre. Deus sabe quanto lhe custava separar-se de tão fiel animal! Mas, o dito, dito. Daqui a nada lho daria, não lá agora dizer que não! Peter Jackson toda a vida fora um homem de palavra. Demais, não seria egoísmo feroz conservar Baboo junto de si, achando-se completamente impossibilitado de andar? Era grande o seu desgosto, lá isso era! Mas condenado a viver dia a dia, hora a hora, preso àquela cadeira de rodas não tinha o direito de sujeitar o nobre animal à companhia de uma vida inútil. Não! A tranquilidade da sua consciência acima de tudo! Já que deixara de ser um homem, para passar a farrapo humano, afastar Baboo de sua companhia era o seu dever, proporcionar-lhe de novo a vida ao ar livre ao lado de um dono valente e bom, a sua obrigação. Sempre o confrangera vê-lo constantemente enroscado aos pés da sua cadeira de inválido, negando-se a abandoná-lo mesmo até para comer, sobressaltado aos seus mais pequenos movimentos, olhando-o com um olhar cheio de meiguice, como que a pedir-lhe que visse nele o seu íntimo desgosto — já que não tinha voz humana para se exprimir... Um cão!... Ainda se fosse uma pessoa! Mas nisso é que se enganavam. Era um cão, sim, mas um cão que valia muito mais que algumas pessoas. E recordava a quadra que de propósito fizera certa noite numa desgarrada, para confundir um camarada de maus instintos que maltratava os seus cães. Era assim:

Se vires, simultaneamente,
Cão e dono a perecer,
Salva o cão primeiramente
E o dono... se puder ser...

Por isso, sentia agora chegada a hora de lhe pagar as provas de dedicação e fidelidade que sempre recebera dele. E tantas haviam sido, que nem sequer as poderia contar. A última, e aquela que melhor recordava, naquele momento, assombrava-o ainda, como então assombrara todos os que dela haviam tido conhecimento. Ia a entrar em casa, depois de um dia de trabalho exaustivo, na conferência dos peles nos armazéns da Companhia, quando, subitamente, ao transpor a porta da sua habitação, Baboo lhe surgira a puxar-lhe pelas bandas do casaco. Que queria dizer aquilo? Como se encontrava ali o cão se o tinha cedido ao Wild para o acompanhar á Missão em busca de socorros para o filho doente?! Não teria Wild partido? Não! Isso não podia ser! Wild era um pai extremoso, a criança estava muito mal, e ele bem sabia que só na Missão encontraria alívio para o seu sofrimento. O padre Smith era, em verdade, um homem muito entendido! Mas que diabo tinha o cão para se mostrar tão desassossegado? Não, ali havia coisa... E era preciso que ela fosse bastante grave para pôr naquela aflição o seu valente Baboo.



E, de súbito, Jackson lembrou-se duma desgraça. Veio-lhe á ideia um ataque de feras. Já não era a primeira vez que nesse ano tinham tido o arrojo de aparecer em pleno dia a pouca distância das residências. Então, pegara na carabina, afivelara ao cinto a faca de mato e lançara-se pela porta fora, atrás de Baboo. Levava o coração oprimido por negros pressentimentos. Poucos quilómetros andados chegavam-lhe aos ouvidos o uivo dos lobos de mistura com o choro duma criança. Não o enganara o seu pressentir! Wild e o filho encontravam-se em dificuldade. Báboo estacara, de orelhas afiladas e respiração suspensa. E, por segundos, pareceu vacilar na continuação do caminho. E quando de novo se pôs em marcha fê-lo em direcção diferente áquela que levávamos. Conhecendo-lhe o grau de inteligência seguia-o, certo de que procurava a melhor táctica para surpreender o inimigo. De súbito, como que a dizer-me que o imitasse, olhava-me fixamente e começava a rastejar no terreno. Fiz o mesmo. E foi assim que sem sermos pressentidos, conseguimos chegar próximo da árvore onde empoleirado numa grossa pernada, vimos Wild com o filhinho nos braços. A criança chorava cheia de medo; o pai, transido de pavor olhava no solo a alcateia, oito lobos esfaimados, tentando, aos pulos, abocar-lhe as pernas. Ao ver semelhante quadro ergui-me de repente, levei a arma á cara e fiz fogo. E logo quatro enormes feras tombavam fulminadas pelos meus tiros certeiros. Entretanto Baboo, para não ficar inactivo, estripava a quinta, que não tivera tempo de se pôr em fuga com as três restantes.

Salvo de uma morte horrível pela inteligência daquele belo animal, Wild passou a ser o seu melhor amigo. Por isso, lho dava agora convencido de que só ele seria digno de se tornar o seu segundo dono

(1) *Termo indiano que se pronuncia Bábú.*

BIBLIOGRAFIA JURÍDICA

«SOBRE A APLICAÇÃO NO TEMPO DO NOVO CÓDIGO CIVIL», pelo dr. J. BAPTISTA MACHADO

DR. J. BAPTISTA MACHADO

É uma obra de vara profundidade, em que a sólida formação científica se alia um invulgar poder de análise esta que o sr. dr. J. Baptista Machado, assistente da Faculdade de Direito de Coimbra, publicou «Sobre a aplicação no tempo do novo Código Civil» — tema de flagrante actualidade e dentro do qual se tem levantado e continuarão a levantar numerosos e complexos problemas.

Após explicar a forma como o livro nasceu — o estudo, a propósito de um caso concreto, da aplicação no tempo do n.º 3 do art.º 1696.º do novo Código Civil — e a maneira como depois se viram a desenvolver, o autor acrescenta: «Ora persuadi-me de que neste trabalho se adianta realmente alguma coisa na inteligência da matéria, se quebram quadros demasiado estreitos substituindo-lhes perspectivas mais amplas e profícuas. Penso sobretudo em problemas como o da anulação dos actos relativos ao estado das pessoas (do casamento, designadamente), o dos efeitos dos negócios jurídicos patrimoniais, o da separação e do divórcio, o da validade dos testamentos, o dos prazos cujo decurso não é condição da aquisição ou da extinção dum verdadeiro direito subjectivo, o da distinção máxima entre normas primárias e secundárias — entre outros».

Não apenas alguma coisa — muita coisa mesmo se adianta na inteligência da matéria com este livro magnífico, que consta de dois estudos — o primeiro sobre a aplicação imediata da referida n.º 3 do art.º 1696.º e o modo de realização dos direitos e o segundo sobre os quadros fundamentais do direito transitório.

Este último estudo abre com «Noções Preliminares», seguindo-se-lhe as «principais regras de direito transitório», divididas em cinco secções: «Situações jurídicas já constituídas ou extintas», «situações jurídicas em curso de constituição ou de extinção», «situações jurídicas inteiramente novas», «modo de realização dos direitos e concurso (aparente) de leis aplicáveis» e «outras questões».

A obra termina com as conclusões, em que depois da introdução e do plano se trata da genuína metodológica-dogmática na teoria do direito transitório e a distinção básica entre normas primárias ou de valoração e normas secundárias, desenvolvimento modernos da teoria do facto passado (introdução) e distinção de duas classes de factos subjacentes á teoria do facto passado na sua concepção corrente: factos modeladores e mediadores.

«TENDENCIAS DE LA LEGISLACION ULTRAMARINA PORTUGUESA EN ÁFRICA», por ALFRED HÉCTOR WILENSKY

Advogado argentino doutorado pela Faculdade de Direito da Universidade de Madrid, Alfredo Héctor Wilensky teve uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian que tornou possível que agora veio a lume a tendencias de la legislacion ultramarina portuguesa en África «publicado pela Editora Pax na sua colecção «Metrópole e Ultramar».

Além de bolsas noutros países, o dr. Alfred Héctor Wilensky foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura, nessa qualidade tendo realizado estudos preparatórios sobre a conjuntura portuguesa em África. Depois, como bolseiro da Gulbenkian, elaborou o trabalho agora publicado, que abre com uma introdução e se compõe de duas partes, a primeira com a «análise jurídica da legislação vigente desde o advento da República até à Ditadura Nacional.

Quanto à segunda parte — «Da Ditadura Nacional á Reforma Legislativa de 1961/62 — ela divide-se em diversos capítulos: «A legislação da Ditadura Nacional até ao Acto Colonial», o Acto Colonial e a sua legislação complementar», o processo assimilacionista até à Reforma Legislativa de 1961/62 e as reformas legislativas de 1961/62. Com as conclusões finais, o apêndice e a bibliografia termina este volume, escrito em espanhol e que compreende o fundamental da matéria que se propôs versar.

edifício AMÉRICA

AV. DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

(FRENTE A' AV. RIO DE JANEIRO)

Adquira a sua habitação no mais belo conjunto urbanístico de LISBOA

CONSTRUÇÃO DE LUXO

7 e 8 assoalhadas
1550 a 1600 contos

Neste edifício vendemos ou alugamos estabelecimentos comerciais para os seguintes ramos:

Móveis e Decorações
Electrodomésticos
Supermercado
Lavandaria
Confecções
Restaurante
Café — Pastelaria — Snak
Cabeleireiro — Boutique

1 piso para escritórios com entrada privativa com cerca de 420 m2

TRATA O PRÓPRIO NO LOCAL

canal da crítica

(Continuação da 23.ª página)

drinho com um Menino Jesus antigo, fica sempre bem em qualquer decoração. Mesmo que não seja antigo (esclarece-nos) não faz mal. A coberta do divã pode ser de sarja cor-de-coral com pompons verdes, e tal qual para a «cortina» — que no meu televisor parecia reposteiro, mas enfim, estes televisores de agora!

O que se poupou no divã dos 2 aos 12 anos, pode gastar-se na mesa e na cadeira, ambas de verga, a verga fica sempre bem num quarto de menina, e na cadeira-baloiço, e no tapete, e nos quadros, etc. Sim, porque num quarto de menina houve tudo, até garage para brinquedos e cadeirinhas alentejanas para as bonecas. Houve tudo isso. Ninguém viu, porém, onde a menina guardasse os seus vestidos, a sua roupa. A «decoração» moderna é assim: não se prende com pormenores tão insignificantes. Ou então será a menina tão pobre que não use vestidos?

Não sorrias, leitor. O caso é mais grave do que tu pensas. France diz que, neste Inverno, todos devemos agasalhar uma menina. Completamente de acordo. Agasalhar uma menina: eis a missão que nos cabe, a todos.

Eu até vou já pôr aqui um anuncio: «MENINA PARA AGASALHAR, PRECISA-SE». Pagarei ao «Diário de Lisboa» a tantos escudos a linha, mas não importa. O dever acima de tudo.

...Chamam a isto «decoração»? Chamem-lhe outra coisa, caramba! Não haverá dificuldade, numa língua tão rica como a nossa.

CRÓNICA

«Crónica», rubrica de emergência, proporcionou-nos, ontem, 1 de Fevereiro, um documentário intitulado «Um Grande Reis». Realizou-o Luís Miranda, escreveu o eloquentíssimo texto Nuno Sampaio e procedeu á leitura João da Câmara. O documentário referia-se ao penúltimo Rei, D. Carlos.

De D Carlos como rei nada se disse de essencial. Como artista, as vagas pinturas filmadas com tão vaga atenção pelo realizador não permitiram que o público ajuizasse com segurança.

Foi pena. D. Carlos é uma figura que merece mais do que um ligeiro passatempo de palavras. Falar por falar, não interessa muito.

A atitude do responsável do «Museu de Cinema» merece destaque em corpo 12.

MUSEU DE CINEMA

António Lopes Ribeiro respondeu, na sua rubrica, a uma nossa crítica. Os termos em que o fez são de molde a prosseguir o diálogo.

A questão resumia-se no pouco e no muito de se saber até que ponto ia a intenção antiburguesa, anticapitalista, de Chaplin. Quanto a nós, ela era evidente e inegável. Para Lopes Ribeiro, a crítica de Chaplin visava mais o homem humano do que o homem social, visava mais a humanidade do que a sociedade. Na opinião de Lopes Ribeiro, Chaplin, nos seus filmes da primeira fase, visava ùnicamente a palhaçada. Nos outros, visava o homem não submetido a um determinado tipo de sociedade, mas o homem de hoje, de amanhã, de sempre... Antiburguês, ele, Chaplin, que vive como um perfeito burguês, com aproveitamento total de todas as vantagens materiais que o dinheiro proporciona, tão burguês que não aceita uma crítica...

1 — A intenção de crítica á sociedade é uma constante de toda a obra significativa de Chaplin. Recordemos «o presidiário», «o emigrante», «o Charlot detective», «Charlot nas trincheiras», etc. etc.

2 — António Lopes Ribeiro estabelece confusão entre a fruição dos bens que o dinheiro propicia e a lucidez dos males numa sociedade em que o dinheiro é, como se costuma dizer, «a mola real».

3 — É natural que Chaplin possa prescindir de muitas críticas. Aos génios isso é permitido. Mas só a eles. E talvez nem a eles...

De facto, muito do que Chaplin é o deve a uma crítica. Ele o próprio o conta: «No dia imediato á apresentação de «Charlot Bombeiro» recebi um autêntico duche de água gelada. Era-me enviado por um desconhecido e dizia: «Receio bem que se esteja a tornar escravo do público, enquanto nos outros filmes o público era o seu escravo».

«Desde que recebi essa carta, esforcei-me por evitar precisamente o que o público pede...»

É verdade: olhe que o seu silêncio resultou, viu! O processo é para continuar. Antes dos filmes e depois deles há ainda muito tempo para as palavras.

FUGITIVO

Desilusão nas hostes fugitícidas: a confissão prometida na publicidade da *fita* não levou a nenhuma solução. Era um falso criminoso. Um subproduto freudiano da sociedade americana e do seu pesado complexo de culpa. Fizera muito mal ao Kimble, e agora queria ajudá-lo para se limpar. Depois renunciou a tudo isso, por influência da sua querida mulherzinha. Parece que estou a ouvir Joaquim Namorado na sua feroz ironia: «Pois, pois, os homens só de rédea curta...»

A rédea encurtou, o homem renegou, o Kimble foi quem pagou. Sempre alguém terá de pagar. É o drama. Mas, enfim, *M* conseguiu fugir. Atrapalhado, mas conseguiu. Caramba!, ainda teve paciência e tempo para abotoar o casaco, á canhota.

Tenho recebido inúmeras cartas a informarem-me que o verdadeiro criminoso é o tenente Gerard. Posso garantir que não. Sei quem é, mas não digo. Um pormenor: é maneta mesmo. Maneta. Maneta de um braço só. Maneta puro. Também posso garantir que Gerard nunca prenderá o Kimble. E aí é que está o drama. O nosso.

MÁRIO CASTRIM

ATRIBUÍDAS AS CLASSIFICAÇÕES DA XIV EXPOSIÇÃO COLUMBÓFILA DE ESTREMOZ

ESTREMOZ, 2 — Foram as seguintes as classificações atribuídas pelo juri da XIV Exposição Columbófila de Estremoz: 1.ª classe — Machos-adultos: 1.º, Januário Gonçalves; 2.º, Luís Fernando Nunes; 3.º, Albertino Manitas. 1.ª classe — Femeas-adultas: 1.º, 2.º e 3.º, Luís Fernando Nunes. 2.ª classe — Machos de 1 ano: 1.º, Januário Gonçalves; 2.º, Luís Fernando Nunes; 3.º, Albertino Palmeiro. 2.ª classe — Femeas de 1 ano: 1.º, Joaquim Apolinário; 2.º e 3.º, Marcelino Lagartinho. Borrachos: 1.º, Marcelino Lagartinho; 2.º, Januário Gonçalves; 3.º, Joaquim José Mota.

O prémio «Excelência» para o melhor exemplar foi ganho pelo pombo n.º 689/272 propriedade do columbófilo Januário Gonçalves.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Assinado pelo sr. dr. Manuel do Nascimento de Almeida, director da Associação dos Antigos Alunos do Colégio Militar, recebeu um amável ofício agradecendo a reportagem feita pelo nosso jornal do jantar de convívio dos «ratas» de 1916, 1917, 1922 e 1923.

AGENDAS E CALENDÁRIOS

Recebemos e agradecemos agendas e calendários para o ano corrente, das seguintes firmas: Laboratórios Atral — Cipan — Companhia Industrial Produtora de Antibióticos, Scandinavian Airlines, António Pessoa, Lda., Corpelis do Porto, Manufactura Nacional de Borracha, (Mabor-General), Barros, Almeida e C.ª de Vila Nova de Gaia, Luzalite, Fermentos Holandeses, Empresa Industrial de Tintas, Good Year, Companhia de Seguros Mutualidade, Siemens Companhia de Electricidade, Companhia Colonial de Navegação, Sonap, Papetaria «A Planeta», Alfredo Alves & C.ª (Filhos) e L'Urbaine.

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONSIGNAR
ROSSIO 3 2 TELEF 369384

HOJE PODE VER

(Continuação da 23.ª página)

ção especial de «Homens e aviões» programa de Alberto de Canha e Sá dedicada ao Almirante Gago Coutinho, no centenário do seu nascimento.

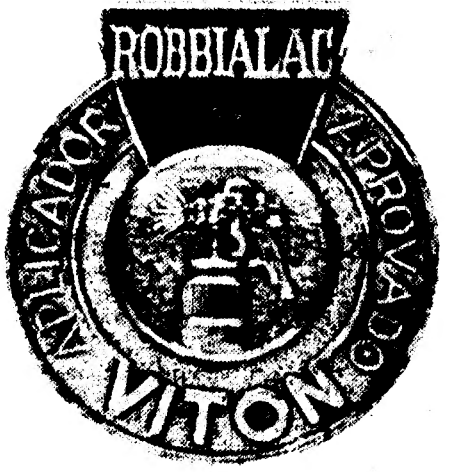
AS NOSSAS QUERIDAS MULHERES: «EVA E A CAÇA»

MICHELINE PRESLE E DANIEL GELIN, os protagonistas desta série voltam a interpretar pouco antes das 22, mais um episódio, este intitulado «Eva e a Caça». Acérrima defensora de animais indefesos, Eva é obrigada a participar numa caçada, a fim de obedecer ao marido, «enfrentando» assim o patrão de Pedro. (Pedro é o ma-

Reunião de gerentes do Banco Fonsecas & Burnay

Como nos anos anteriores, está a realizar-se no Hotel Palácio do Estoril, a reunião anual dos gerentes das Agências e Dependências do Banco Fonsecas & Burnay, sob a presidência do administrador sr. Fausto Pedro de Almeida Amaral de Figueiredo, presidente da direcção. A reunião de que participam, além dos gerentes, administradores-directores, directores e subdirectores teve início com um jantar na sexta-fira, no qual o sr. Fausto Pedro de Figueiredo, num breve improviso, disse da sua satisfação em ver ali congregados todos os empregados que, espalhados pelo continente, dedicam o melhor do seu esforço ao Banco e expôs a finalidade da reunião entregando depois os prémios ás Agências que mais se distinguiram durante o ano de 1968. Os trabalhos deste III ENAGE (Encontro Nacional de Gerentes) prosseguiram durante todo o dia de ontem e terminarão hoje com um «cocktail» para todos os participantes

Informação VITON



A **ROBBIALAC PORTUGUESA** conferiu a sua medalha de mérito aos profissionais reconhecidamente aprovados na aplicação de **VITON**. Periòdicamente será dada informação neste mesmo jornal do nome de outros aplicadores que recebam esta distinção.

DO PORTO

Armando Gomes dos Santos Pereira
António Neves Pereira Pinto
Júlio dos Santos Teixeira
Eduardo de Sá
Avelino Guerreiro Abreu
José Ferreira Castro Neves
António de Jesus Martins
Francisco Rodrigues Viana
Fernando Dias da Silva
Humberto Augusto Soeiro
José Oliveira Vale
José Portela Bragança
Manuel Acácio Ramos Nunes
António Silva Monteiro
António da Silva Nogueira
Manuel Moreira Gomes
António Pereira da Silva
Antero Moreira dos Santos
Arnaldo Peixoto Magalhães
Albertino Ferreira dos Santos
Ilídio Augusto Oliveira
Rolando Bessa
Carlos da Conceição Amorim
Augusto José Castro Correia
José Carlos Teixeira Martins
Viriato Azevedo Teixeira
José Loureiro
Emílio José Ferreira de Brito

DE LISBOA

Carlos João dos Santos Baptista
Gilberto Laureano Martins
Jorge Fernandes Ribeiro
Francisco Paulo Mendes Chagas
António Teixeira Ribeiro
Carlos Alberto de Oliveira Monteiro
João António Rijo da Cal
Jorge Manuel Serra da Mata
Manuel Veríssimo
António Piedade Cruz
Joaquim da Costa Ricardo
Carlos da Silva Ribeiro
José Nunes
José Fernandes da Silva Ferreira
Luís Correia Alenquer Duarte Costa
Luís Alcobia Frutuoso
Joaquim Augusto da Silva
Artur Gil Sousa
Carlos Alberto Oliveira Martins
Manuel João Palmeiro
Joaquim da Silva Cruz
Emídio C. Pereira
Jorge Amaral da Costa
Adrião da Silva Catarino
Joaquim Carvalho Morais
Joaquim M. Alves
José Rebelo de Oliveira
António da Conceição Santos
José R. N. Paiva
Arlindo Ferreira
Francisco A. P. Constante
Joaquim R. Fernandes
Alípio A. dos Santos
Arlindo Duarte Pardal
Firmino G. Silva
Alberto Santos
Mário I. Simões
Manuel Fernandes
Luís V. Fernandes
José P. Bernardo
Joaquim S. Teixeira
Humberto Soares
Arnaldo Alves Leal
António Maria de Brito
José Maria Brandão
Álvaro M. A. Ferreira
Carlos A. B. Azevedo
Luís Augusto Rosário da Silva
Fernando Monteiro Dias
Vítor Manuel R. Rodrigues
Domingos de Almeida

FILATELIA

A INTERNACIONAL «LISBOA-70» — 3

Publicámos aqui, nos domingos anteriores, duas crónicas que bem podem ter sido de prefácio à Exposição Filatélica Internacional, «Lisboa-70». E hoje, que ela parece definitivamente assente, vamos continuá-las, embora com título mais abreviado, e numeradas, para efeitos futuros.

Escrevemos «que ela parece definitivamente assente», porque, dos convocados pela Federação Portuguesa de Filatelia para a reunião de anteontem, dos dezoito presentes, nada menos do que oito pronunciaram-se pelo adiamento de tal Exposição para 1973, prazo que nos pareceu demasiadamente dilatado, quer quanto a possíveis organizadores, quer quanto a verbas orçamentadas. Capitão deste grupo, o distinto médico sr. dr. Almeida Dias, que se retirou a meio da reunião.

Mas a maioria, embora escassa, dez, capitaneada por José González García, fez vencer a data inicialmente combinada, e já confirmada pela Federação Internacional: 1970.

Portanto, e em princípio, Junho ou Julho de 1970. O que, todavia, ainda depende de estar livre, nesta data, o pavilhão principal da Feira Internacional de Lisboa. De confirmação do mês por parte daquela Federação Internacional. E de conformidade de Londres, que, de 19 a 26 de Setembro, realiza idêntica Exposição Internacional.

Todos os presentes, excepto aquele dr. Almeida Dias, e alguns ausentes, que justificaram a sua não comparência, como o dr. António Fragoso, ficaram constituindo a comissão executiva. Orçamentaram-se, talvez um pouco por alto, as despesas principais, num montante de três mil e duzentos contos. E esboçou-se a constituição de oito pelouros, decerto a completar pela direcção da Federação Portuguesa de Filatelia, até à próxima reunião, a marcar depois das respostas obtidas das três entidades mencionadas no período anterior.

Do que tudo, atempadamente e cuidadosamente, aqui daremos notícia.

A. J. de V. C.

MUNDO DOS SELOS

Tem estado doente o nosso querido amigo Godofredo Ferreira, ilustre historiador dos C. T. T. portugueses.

✲ Recebemos os n.os 49 e 50, Setembro e Outubro de 1968, do «Boletim do Brasil Filatélico», mensário de 8 páginas do Clube Filatélico do Brasil, director Waldir Reeve, Caixa Postal n.º 195, Rio de Janeiro, Guanabara, Brasil.

✲ Encontra-se completamente restabelecido o nosso amigo Gama Reis, proprietário da famosa «Casa das Cortiças», da R. da Escola Politécnica, a quem hemos de agradecer a oferta de um curioso jarro em cortiça, embora não entre numa das nossas colecções, que é de canjirões ou jarros com figuras humanas ou de outros animais. Em face do que admitimos que Gama Reis seja capaz de inventar um canjirão de cortiça que entre em tal colecção...

✲ Está distribuída a Lista de Ofertas n.º 30, de C. Santana, escritório filatélico, Av. da Liberdade, 157, 1.º, dt.º, Lisboa.

✲ Recebemos o n.º 174 de «A Propriedade Urbana», grande revista bimestral, janeiro de 1969, órgão da Associação Lisbonense de Proprietários, director dr. João Afonso Corte-Real, R. de D. Pedro V, 82, Lisboa.

✲ Também recebemos o n.º 17, Novembro de 1968, de «Indicador Bandeirante», grande revista de S. Paulo, Praça da Republica, 272, 5.º, Conj. 51, S. Paulo, Brasil, com notável artigo do dr. Heitor Fenício sobre «Portugal, Filatelia & Turismo», que abre com a fotografia de um jantar no restaurante Tavares, de Lisboa, com a legenda seguinte: «A primeira gentileza lusitana foi proporcionada pelo anfitrião dr. Vasconcelos Carvalho, presidente do Clube Filatélico de Portugal, e sua excelentíssima senhora, á caravana brasileira, num restaurante típico da «belle époque». E que termina, com o exagero (pelo menos quanto a nós, claro) da velha amizade brasileira: «Formam um trio dos mais simpáticos e mais fortes da Filatelia de Portugal: Vasconcelos, Gomes & Camara. Lisboa amiga: Bom dia!».

✲ Continuamos recebendo regularmente o «Diário do Ribatejo», director J. A. Calado da Maia, Rua Eng.º Agron. António A. Antunes, 35, Santarém.

✲ Em edição do Centro Universitário de Lisboa, Intercambio e Turismo, recebemos «Perspectivas Turísticas de Cabo Verde», palestra do dr. H. Aragão Pinto no Skal Clube de Lisboa, 19 de Novembro de 1968.

✲ Além dos telegramas, cartões e presentes do Natal e Ano Novo, que ainda não tivemos tempo de agradecer, recebemos, como nos anos anteriores, «Mensagem do Ano Novo que Fernando de Abranches-Ferrão envia aos seus amigos», Lisboa, 1969.

O prof. dr. Carlos Trincão no «Boletim do Clube Filatélico de Portugal»

O último numero do «Boletim do Clube Filatélico de Portugal», numero duplo, 208-209, Novembro-Dezembro de 1968, foi totalmente dedicado á memória do eminente prof. doutor Carlos Trincão, anterior presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, com a notável colaboração seguinte:

Prof. doutor Manuel Valadares, «Homenagem ao prof. doutor Carlos Trincão / Data de entrada em circulação dos selos da primeira emissão de D. Luís»; Godofredo Ferreira, «O meu encontro com o dr. Carlos Trincão»; Hugo Francoreli, «Adeus, Professor Trincão», embaixador Georges Argyropoulos, «In memoriam do prof. doutor Carlos Trincão»; Carlos Gabriel Gonçalves, «Homenagem de um arganilense ao eminente prof. doutor Carlos Trincão»; A. J. de V. C., «Uma crónica do «Diário de Lisboa» / prof. doutor Carlos Trincão»; A. J. Patrocínio, «A memória do prof. doutor Carlos Trincão; e Henrique Mantero, «Como eu vejo o prof. dr. Carlos Trincão».

Até ao presente, nenhuma publicação filatélica portuguesa tinha editado um numero como o presente, que inseriu ainda um artigo do dr. Carlos A. Cardoso Ribeiro, além das secções habituais.

E isto — não é de mais acentuá-lo — logo depois de outro numero duplo, totalmente dedicado á «3.ª LUBRAPEX, Funchal-1968», que constituiu notável êxito.

Importantes interesses da lavoura foram considerados na assembleia da Caixa de Crédito Agrícola de Alter do Chão

ALTER DO CHÃO, 3 — Na sede do importante organismo que é a Caixa de Crédito Agrícola Mutuo, um dos mais influentes e úteis do concelho, reuniu-se a assembleia geral, para aprovação de relatório e contas do ano transacto e eleição dos corpos gerentes para o triénio 1969/1972. Dirigiu os trabalhos o respectivo presidente, sr. Domingos Cary Acciaioli de Sá Nogueira, que referiu, com pesar, o incompreensível alheamento dos associados perante assuntos de tamanho interesse para a vida da instituição, a que em crescendo constante, movimenta dezenas de milhares de contos anualmente.

Seguiu-se a leitura do relatório, documento que, na sua singeleza, expressa claramente o que foi a actividade agro-pecuária e seu implícito financiamento pela Caixa Agrícola no ano findo. Diploma em síntese realista e de valioso conteúdo, encerra oportunas considerações ao momento actual da lavoura, particularmente da regional. Nele se alude à franca razoabilidade do ano cerealífero, sem a correspondente compensação económica, já que, para além das subidas constantes das jornas, os preços dos cereais, de há 20 ou 25 anos estão impedidos de acompanhar, por motivos difíceis de compreender, a vertiginosa subida do custo de produção. Como será, então, possível — diz-se, no documento — a lavoura cooperar proveitosamente numa acção de promoção social, fixando o homem à terra, auxiliando-o numa melhoria de condições de vida, se está a afundar-se sem rentabilidade e individa-se de ano para ano?

● O azeite e os carnes

No respeitante à campanha olivícola, diz o igualmente bem elaborado documento que se esteve perante um ano normal, com um único senão: a tardia saída das tabelas dos azeites, quase no fim da safra o que ocasionou prejuízos acentuados a muitos produtores. Mais adiante, trata das explorações pecuárias, referindo que, por motivo da falta de tabelas justas para os preços das carnes os criadores se viram atirados para as mãos dos intermediários, os quais puseram em prática preços verdadeiramente aviltantes para os gados. Regista-se, no entanto, com agrado, a viragem que parece estar em boa hora a operar-se, na atenção dada à pecuária, pelas entidades competentes. Pena é — lê-se — que as bem intencionadas medidas postas agora em prática não considerem devidamente, como se desejava, as nossas raças autoctones, sendo certo que então essas medidas poderiam ser muito mais aliviadas da burocracia que as envolve, pois esta em demasia, atrofia e estiola a vida.

Ainda no mesmo âmbito, faz-se esperançosa referência às medidas postas em prática através dos Grémios da Lavoura, procurando saber quais os efectivos pecuários de cada lavrador, bem como os gados em disponibilidade para abate. Aguarda-se que assim e de ora em diante, as importações, muitas vezes de efeitos tão perniciosos, passem unicamente a ser feitas com absoluta justificação para tal.

● Trinta mil contos de financiamentos

O diploma escalpeliza, mais adiante, todo o movimento da Caixa durante o ano findo, indicando a sua ascendente progressão, nomeadamente no respeitante ao financiamento concedido aos mutuários, na ordem dos 30 000 contos, o que temos de convir a coloca em lugar de relevo perante as suas congéneres.

Interrompida a sessão, por momentos, para que se procedesse à votação dos corpos gerentes, estes ficaram assim constituídos: *Assembleia Geral* — srs. Domingos Cary Acciaioli de Sá Nogueira, presidente; António Frade Caldeira Castel-Branco e Francisco Manuel Pina. *Direcção* — srs. Artur Barradas de Carvalho, sr. prof. Oliveira Alexandre Artur Pires Metelo e João Tita, efectivos; e José Carrilho Rosado, Rafael Gonçalves Mendes Calado e José Pintão Quina, substitutos. *Conselho Fiscal* — srs. eng.º Rafael Cordeiro Mendes Calado, presidente; António Saramago e José Príncipe Quina Anacleto.

A terminar ocuparam-se os sócios da enfermidade que atingiu o sr. prof. Oliveira Salazar e da sua substituição pelo sr. prof. Marcelo Caetano. Ao primeiro foi prestada homenagem com os votos de rápido e franco restabelecimento; e em relação ao chefe do Governo, manifestaram esperanças, que, pelo anunciado e pelo que até agora pôde fazer, se lhes afiguram amplamente justificadas.

Derrick e Don Rickman, vedetas do «moto-cross» internacional, produziram, na sua fábrica, este protótipo de motocicleta velocíssima com uma mão cheia de novidades) destinada á Polícia, para «controle» do tráfego. O modelo inspira-se nas «Motos» de corrida e a Polícia de Dorset e Bournemouth experimentou-o com excelentes resultados

O «Panorama de Jerusalém» (quadro da igreja da Madre de Deus) analisado na Academia Nacional de Belas-Artes

Sob a presidência do sr. arquitecto Raul Lino, reuniu-se a Academia Nacional de Belas-Artes, em sessões ordinária e extraordinária. Na primeira, comunicou-se a ratificação de uma conferência com o ministro da Educação Nacional, na qual se trataram de assuntos de interesse para a instituição. Pelo sr. arquitecto Cristino da Silva foi depois comunicada a intenção de, oportunamente, apresentar um vasto estudo referente á actual sede.

Em ordem do dia tratou-se de designar uma comissão para julgar uma obra apresentada ao concurso do prémio «José de Figueiredo».

Seguidamente, procedeu-se á sessão extraordinária na qual se apreciou uma comunicação do sr. eng. Santos Simões sobre o quadro existente no Museu da Madre de Deus, intitulado «Panorama de Jerusalém» oferecido em 1617 á rainha D. Leonor, viúva de D. João II. Chamou a atenção para certos aspectos históricos ligados ao quadro que, segundo se sabe, foi enviado pelo imperador Maximiliano I da Áustria a sua prima co-irmã D. Leonor. Aproximou o «Panorama de Jerusalém» da «Paixão que se conserva na Pinacoteca de Milão, atribuído ao pintor Hans Memling. Salientou ainda a necessidade de se estudar o quadro da Madre de Deus, que supôs ter sido dado como dote [illegible]

Em três linhas

O cambio livre médio do cruzeiro novo, a aplicar para efeitos de liquidação do imposto de passagem e taxa de emigração a entregar nos cofres do Estado durante este mês, é de 7$5735.

///

Pelo ministro das Obras Públicas, através do Fundo de Desemprego, foi concedido um subsídio de 35 contos á Comissão das Festas da Agonia, como comparticipação nos encargos de mão-de-obra.

///

Foi autorizado o abono de horas extraordinárias ao pessoal menor adstrito a cada serviço do Ministério da Educação Nacional.

A OTA JÁ TEM ÁGUA

OTA, 2 — Depois de mais de dias de carência, voltou a correr água na rede de abastecimento á povoação, através de um canal aéreo.

Como se sabe, a conduta, concluída há mais de quarenta e quatro anos, ficou inutilizada no sítio denominado Olhos de Água, em consequência da cheia de 11 do mês passado.

OS PRIMEIROS TEMPOS DA IGREJA

No salão paroquial da igreja de São João de Deus, vai realizar-se, com início no dia 6, ás 21 e 30, um curso de três lições sobre «Os primeiros tempos da Igreja».

O curso será regido pelo chanceler da Curia Patriarcal, rev. dr. Alves Lourenço e a primeira lição intitula-se «A Igreja dos Actos dos Apóstolos».

As restantes lições, marcadas para os dias 13 e 20, igualmente ás 21 e 30, versarão os temas «A Igreja nascente e o mundo coevos e «A alma eterna da Igreja e os primeiros séculos».

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Angola, o soldado n.º 07183413, do secretariado provincial; e na da Guiné, o [illegible]

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 557178
Às 15.15, 18.15 e 21.30
com Dean Martin, Joan Sim... e G. Peppard
NOITE DE VIOLÊNCIA

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 762080
Às 15.45 e 21.45
Dean Martin, Joan Simons e G. Peppard em
NOITE DE VIOLÊNCIA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 528742
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
O discutido filme de Charlie Chaplin
A CONDESSA DE HONG-KONG
com Sophia Loren e Marlon Brando
TECHNICOLOR
Metro: Picoas

POLITEAMA
Tel. 32 62 96
HOJE, 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA SENSACIONAL
O tremendo filme de brutal acção realista
O BOM, O MAU E O VILÃO
com o famoso Clint Eastwood
Scope-Color (Adultos)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779087
3.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Jacques Daniel-Valcroze
LE VIOL — o desconhecido desejado
com Bibi Andersson e Bruno Cremer
EASTMANCOLOR

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 329708
Às 15.00, 18.30 e 21.45
Gregory Peck, Anthony Quinn e David Niven em
OS CANHÕES DE NAVARONE

Atenção: devido á longa metragem do filme, a primeira matinées tem início ás 15 h.

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 328917
Às 21 horas
EM PONTO DE REBUÇADO 10 CONVITES PARA A MORTE

ROMA
(Adultos) Tel. 787718
Às 16.30 e 21.45
Um filme de George Lautner com Mireille Darc
FLOR AMARGA
Eastmancolor — Franscope
UM FILME DE HUMOR E VIOLÊNCIA!

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54183
Às 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme fora de série
A BRIGADA DO DIABO
com William Holden, Cliff Robertson e Vince Edwards

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 5 05 95
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
SAL E PIMENTA
c/ Sammy Davis Jr. e Peter Lawford

LUMIAR
(M. 17 anos) Telef. 791574
Às 15.30 e 21.30
O PERFUME DO DINHEIRO
com Rex Harrison, Susan Hayward, Cliff Robertson, Capucine, Edie Adams e Maggie Smith
A seguir: Dia 3 — «A Anatomia de um Crime»
PARQUE PRIVATIVO
AR CONDICIONADO

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Dois monstros do cinema frente a frente num filme fora de série!
CHARLES BRONSON
ALAIN DELON
ADEUS AMIGO
COLORIDO

RESTELO
(Adultos) Tel. 618375
Às 21.30
BANDIDOS EM MILÃO
com Gian Maria Volonte, Don Backy e Margaret Lee

LIDO
Tel. 93 75 93 AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um espectáculo maravilhoso no Ecran-Gigante — 70 mm
OLIVER
Uma comédia musical baseada na obra de DICKENS

LIZ
(Adultos) Tel. 68560
Às 21 horas
NÃO SE TRATA ASSIM UMA SENHORA
TIRO DE AVISO

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 230855
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
Uma história nova no panorama do cinema nacional
A CAÇADA DO MALHADEIRO
com Fernando Gusmão e Carmen Mendes
EASTMANCOLOR

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 955134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Claude Chabrol em 2.ª semana
CHAMPAGNE ESCANDALOSO
Anthony Perkins, Maurice Ronet e Yvone Furneaux

ESTÚDIO
Às 15.30, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Um filme sobre os ídolos do nosso tempo com Bob Dylan, Joan Baez e Donovan
EU SOU BOB DYLAN

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 269729
CAMELOT
com Richard Harris, Vanessa Redgrave, Franco Nero, Davis Hemmings e Lionel Jeffries

CONDES
Telefs. 52 35 23 52 07 10
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Ad.)
2.ª SEMANA
ADEUS AMIGO
(Adieu L'ami)
COLORIDO
c/ Charles Bronson e Alain Delon num filme fora de série

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ O hungaro Ferenc Kosa, que no Festival de Cannes de 1967 ganhou o prémio da melhor realização, com a película «Dez Mil Sois», decidiu girar o seu próximo filme na Provença, em Reguses, uma vila onde os habitantes são quase todos de origem hungara, pois os seus antepassados vieram para a França durante o reinado de Francisco I.

■ «Jogos Perversos» é o título em francês do filme «The Magician», de Guy Green, cujos intérpretes são Anthony Quinn, Candice Bergen, Anna Karina e Michael Caine.

■ A artista francesa Simone Signoret aceitou ser a protagonista de três novos filmes: «O Exército das Sombras», de Jean Pierre Melville; «As Mãos nas Algibeiras», de Joseph Kessel, e «Sós no Mundo», de Claude Lelouch.

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 855121
Às 15.00, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
70 mm — no «écran» gigante
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
com Anthony Quinn, Oskar Werner e Sir Laurence Olivier

EUROPA
(Adultos) Tel. 051016
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de Quirino Simões
A CAÇADA DO MALHADEIRO
com Carmen Mendes, Fernando Gusmão, Rui Mendes e Ana Leiria

No programa: o notável documentário colorido «Moçambique — Missão de combate»

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
CHUKA
NÃO LHE PROMETA TUDO

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia internacional» (12 anos).

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Norte de Verão» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «A Presença» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: João Gabriel Barkma
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e 23: «Quando ela se despiu» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Quem despara primeiro» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Os Dez Mandamentos» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A Cruz de Ferro» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Furor de Matar» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 e 30: «Tarzan e os Elefantes» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «A minha Guexa» (12 anos)
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Doze indomáveis patifes» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Arobesco» (12 anos)
S. ENCARNAÇÃO — Às 21: «Yan-Tsé em chamas» (17 anos).

CINE-MOSCAVIDE — Às 2 : «No calor da noite» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Ursus o Gladiador» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Xeque á Scotland Yard» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19: «O Terror dos Incas» (12 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21: «A conquista do Oeste» (12 anos)
BOMB. VOL. LOURES — Às 21: «Um Gatuno Sedutor» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Caminho para dois» (17 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Cavalgada heróica» e «Os guerreiros da furia» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Uma aventura louca» e «Robinson Crusoé em morte» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Camelot» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Oliver» (12 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — UNIÃO-CINE — Às 21: «Gringo não perdoa» (12 anos).
PONTINHA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Musica no coração» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «X 27-Missão Bagdad» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Estrada da vida» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Paris já está a arder» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A minha Guexa» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O pequeno banhista» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O amor desceu em pára-quedas» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 5: «O prefeito» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21 «A coveira» e «Os Rendez-Vous do sr. doutor» (17 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Marisol e o toureiro» (12 anos) e CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Duas raparigas em Londres» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Técnica de um espião» e «Vingador mascarado» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «O regresso dum ídolo» (17 anos).

CONCURSO
«MAJA DE PORTUGAL»
com o patrocínio da IBERIA
(Lineas Aereas de España)

Nome .....
Morada ..... *Tel.* .....
Idade ..... *Profissão* .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, Lisboa

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente á Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIARIA
CARNE DE PORCO
ACRE E DOCE

TIQUE TAQUE
AGORA LAREIRA COM RESTAURANTE E SNACK-BAR
NOVA GERÊNCIA
AVENIDA DE ROMA, 24-B
TELEF. 771128

MINI BELA
ESPECIALIDADES DIARIAS
Rua de Goa, 1
DAMAIA
(Junto ao Barro de S. Cruz)

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefania, 23 e 27
Telef. 535283
ESPECIALIDADES DIARIAS
Aqui vai 1.º andar: cozinha tipicamente portuguesa
Ambiente de Convívio

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
Parque privativo para automóveis
AR CONDICIONADO
(Menores até 5 anos)

APÓS OS ESPECTÁCULOS CRAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

ALCANTARA — Bairrão, R. Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (71 780) • São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A e -B (725140).
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Lágoa do Póvoa, 5 (689250)
ANJOS — Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (83 504)
AREEIRO — Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) • Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) • Imperial, Av. Guerra Junqueiro 30-B (726860)
ARROIOS — Verol, R. Morais Soares, 109 (40632)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. Republica, 74-A (771379) • Vale, Av. Marquês de Tomar, 45 (773043) • Delta, Av. Duque d'Ávila, 125 (45225) • S. Sebastião, Largo S. Sebastião, 1-9 (48642)
BAIRRO ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, nº 4º (31 216)
BAIXA — Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (324816) • Oliveira, R. Prata, 240 (321415)
BELEM — Moura, T. da Memória, 55 (630944)
BENFICA — União, Est. Benfica, 592 (700092) • Alegria, Est. Benfica, 180-A-B (78051)
CAMÕES — Bonuto, R. Loreto, 50 (327284)
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (688807) • União, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, R. B, 15, A-B (Barro da Liberdade — (683694) • Pinto, R. Campolide, 11 (682610).
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45576)
ESTRELA E LAPA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (66697) • Palma da Costa, R. Lapa, 105 (664414)
GRAÇA — Zilas, R. de S. Tomé, 54 (862835) • Central, R. Penha de França, 58 (849249)
LUMIAR — Central, R. Lumiar, 77 (790480) • Bouro, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791181).
OLIVAIS — R. Alves Redol, 19 (811283)
PALHAVÃ — Costa, Est. Laranjeiras, 202-B (760941).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nosem Costa, 16-A (720708).
REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa 3 (771873).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Freitas, R. Zófimo Pedroso, 11 (381 36) • Senha, Est. Chelas, 173 (332241) • Frazão, Rua Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019)
SANTA MARTA — Fernandes, R. S. José, 87 (326476)
SANTO AMARO — Blatifar, R. D. João de Castro, 27 (638824) • Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625).
S. BENTO — Castro, R. S. Bento, 75 (660518)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide 44 (Tel 25185201).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 8 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardo Ribeiro -A (242859)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2432084)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Moceu, Rua J. Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — Parque, Arcadas do Parque, 3 (260 91)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis 24-C (2802?4)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P. da Mãe de Maio, 3-A (9355 8) • Commercio, R. Elias Garcia, lote 28 (933303 • Halénica, R. Elias Garcia, 2 (933613) • S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (938703).
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 8-A (971121)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia 5 (950043) • Queluz, Av. Miguel Bombarda, 28-A (95 84)
CACEM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins 485 (T 29 00 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — Colares, Abrolo — (Tel 2990??)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 30 (294 87)
ALMOS VEDROS — Guzmão, R. Cândido dos Reis, 80 (2240?0).
ALMADA — Cristo Rei, Av. Cristo Rei 3 (275498).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 74 (2?4002)
BARREIRO — Soares, Av. da República, (2273023)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança, 8 -A (Tel 274356)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel 2390?9)
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis 93 (Tel 230085).
SESIMBRA — Lopes, R. Candido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Costa, Largo do Mi-P. do Brasil (Tel. 24788) — Benedita (Tel 22760), Brasil, SEIXAL — Seromenho, R. Nova Coelho 48 (22 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 • Companhias Reunidas, 537011 • Gazcidla, 538821 • Gazcidla (dom. e feriados), 882069.
BOMBEIROS — Sapadores, 822222 • Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Publica, 366141 • Judiciária, 535360 • Marítima, 326498 • Internacional, 362721 • Viação e Trânsito, 42205 • G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 • Enfermagem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria, 775171 • Hospital de S. José, 860131 • Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 • Transfusões, soros e oxigénio 538524 • Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 • Caminhos-de-ferro (C. P.) 869029 • Caminhos de ferro (Estoril), 361121 • Estação Fluvial (T. Pago), 825345 • Estação Marítima de Alcântara, 663195 • Estação Marítima da Rocha, 672445 • Estação Fluvial (Belém), 638531.

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-6
Publicidade 3 42 21
End. Te. DIBOA. Telex 1263
Lisboa 2 — Portugal

DE GAULLE PRETENDE LIMITAR OS PODERES DO SENADO

QUIMPER, 2. — (F. P.) — Ao anunciar esta manhã que será realizado um referendo na Primavera, de Gaulle pretende ver aprovadas duas importantes reformas em França: uma conferindo maior autonomia às regiões e outra transformando a estrutura e as funções do Senado.

De Gaulle afirmou que recorrerá ao referendo popular, e não a uma consulta parlamentar, dado que as reformas em projecto modificarão profundamente a organização dos poderes públicos e, portanto, exigirão uma revisão constitucional. De boa fonte dizem que a data do referendo será, provàvelmente, 23 de Março.

QUINTO REFERENDO COM DE GAULLE

Esta é a quinta vez que os Franceses são chamados a tomar decisões através de referendos desde que de Gaulle voltou ao Poder.

As anteriores consultas foram para aprovar a Constituição da V República, a Independência da Argélia (por duas vezes) e a eleição presidencial por sufrágio universal.

O referendo hoje anunciado conta desde já com a oposição da esquerda e com uma adesão não unanime por parte da maioria. Deputados de todos os grupos insurgem-se contra o projecto de reforma do Senado, que visa a retirar-lhe o carácter de Camara Alta do Parlamento. Outros deputados, como Giscard D'Estaing, chefe dos Republicanos Independentes, pensam que este ano devia ser inteiramente dedicado á recuperação nacional, após a crise de Maio de 1968, o que será prejudicado pelo confronto a que o referendo dará lugar.

RAUL SOLNADO NO FESTIVAL DA IMPRENSA

Mais uma grande «soirée» que a Casa da Imprensa apresenta no festival para entrega dos «Prémios da Imprensa», que terá lugar no Pavilhão dos Desportos, na noite do próximo sábado: Raul Solnado.

Com efeito, acedendo ao convite dos jornalistas portugueses, Solnado (um dos maiores actores cómicos que já pisaram os nossos palcos) fará parte deste «show».

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

Em Portugal continental o vento era fraco de Leste, o céu estava geralmente encoberto e chovia nas regiões do Sul, por influência de uma massa de ar tropical marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a sul dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 8°; Faro, 5°; Funchal, 16°; Lisboa, 8°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre 9° e Porto, 6°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa: 18°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo: —1°,6.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 9°,8; na água do mar: 13°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, vento fraco de Leste, períodos de chuva nas regiões do Centro e Sul.

Amanhã
Nascer do Sol 8 e 41
Ocaso 18 e 1

Hoje Dia 10 Dia 16 Dia 24

MARÉS:

PRAIA-MAR Dia 2 — 4 e 21 (3,8 m); 16 e 46 (3,6 m); Dia 3 — 4 e 54 (3,9 m); 17 e 19 (3,7 m) Dia 4 — 5 e 29 (4,0 m); 17 e 47 (3,7 m). BAIXA-MAR: Dia 2 — 10 e 08 (1,1 m); 22 e 14 (1,1 m); Dia 3 — 10 e 38 (1,0 m); 22 e 49 (1,0 m) Dia 4 — 11 e 12 (0,9 m); 23 e 21 (0,9 m).

SECOL

ULTRAMAR

Pretende embarcar com urgência para qualquer das nossas Províncias Ultramarinas?

Não deixe de consultar a

SECOL — Soc. Excursões e Comércio, Lda.

R. DO FERRAGIAL DE BAIXO, 48-1.°, Dt.°

(Esquina da Rua do Alecrim)

Telefs. 324622 - 321628

ANACLETO PINTO: A PROVA MAIS DIFÍCIL

Na igreja paroquial de Santo António de Moscavide realizou-se esta manhã o casamento da antiga atleta do Benfica Maria Adelaide da Cunha Marques com o conhecido «fundista» internacional Anacleto Pinto. Apadrinharam o acto matrimonial o sr. José Henriques Fernandes Lopes e D. Teresa Maria Cardoso do Rosário, por parte do noivo, enquanto a noiva teve como padrinhos o actual dirigente e antigo atleta do Benfica, Fernando de Matos Fernandes e esposa, D. Lucinda de Matos Fernandes. Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Algarve.

Paulo VI aos peregrinos:

«A sociedade humana aproxima-se cada vez mais do neopaganismo»

CIDADE DO VATICANO, 2. — (R.) — Paulo VI pediu hoje a restauração da dignidade humana na sociedade moderna que, declarou, está cheia de adoradores do prazer e de licenciosa decadência. O Papa formulou o seu apelo ao dirigir a palavra aos peregrinos na Praça de S. Pedro, assinalando o Dia da Purificação da Virgem Maria.

Paulo VI pediu «respeito e gosto pela moral honesta, agora ofendida por tantas manifestações de edonística e licenciosa decadência da vida moderna». Acrescentou que a festa religiosa de hoje tem por intenção lembrar aos cristãos a necessidade de pureza moral, o fruto que se torna essencial defender e restaurar o ser humano na sociedade contemporânea, que cada vez se aproxima mais do neo-paganismo.

GRIPE ASIÁTICA: O VÍRUS PODE TER ORIGEM NOS SUÍNOS CHINESES

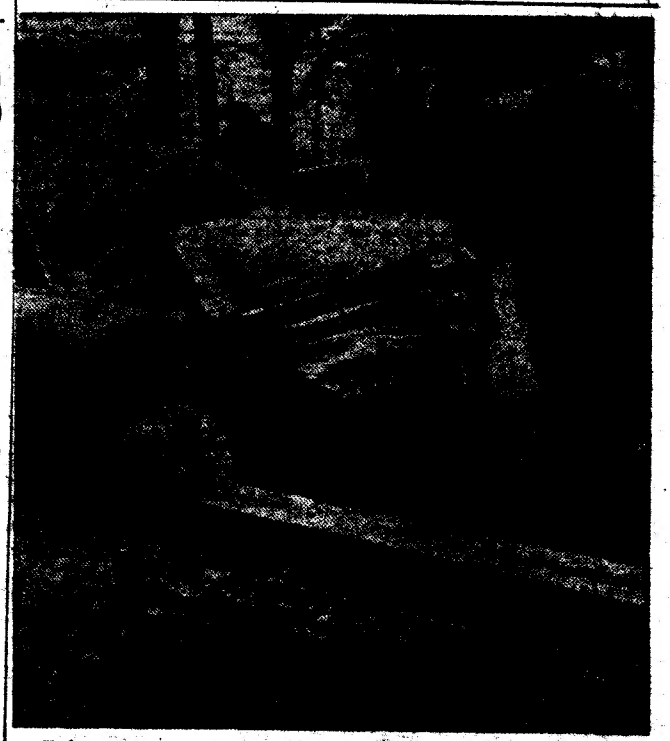
NOVA YORK, 2—(A. N. I.) — Os investigadores da Organização Mundial de Saúde, suspeitam de que os suínos da China Continental são a causa responsável pelo vírus da gripe asiática, que actualmente lavra no mundo ocidental — foi revelado nas Nações Unidas.

O vírus, segundo tal teoria, vive nesse animal, que constitui um dos alimentos favoritos dos chineses. De vez em quando emerge em Hong-Kong, percorre uma estrada mortífera através do Mundo e desaparece.

É conhecido dos cientistas sob o nome de «mixo-vírus influenza» e, de uma ou outra forma, pode contaminar os seres humanos, os porcos, as aves e alguns outros animais. Todavia é incerta a relação entre a gripe do ser humano e a dos animais.

Permanece ainda misteriosa a forma como os novos surtos da epidemia vencem a imunidade adquirida em surtos anteriores. De acordo com um estudo recentemente publicado pela Organização Mundial de Saúde, parece que os vírus da gripe são geneticamente capazes de se transformarem, modificando continuamente a sua natureza.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO



Rua tranquila, talvez devido à chuva que deixa o pavimento escorregadio como manteiga, um carro derrubou parte do gradeamento do Palácio Nacional da Ajuda. No automóvel, conduzido pelo comerciante em Cacilhenas Dr. Quim Reis, de 41 anos, seguia sua esposa, sr.ª D. Clementina Pereira Reis, de 38 anos, moradores na Vila Queirós n.º 7, nos Anjos. Ambos ficaram ligeiros ferimentos pelo que, depois de tratados no Hospital de S. José, recolheram à casa.

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47-1.°

A aprendizagem para as NOVAS PROFISSÕES não se improvisa, nem se alcança com soluções sumários. Exige fundamentação, perspectiva e um tempo mínimo de assimilação. Foi obedecendo a estes princípios que foram elaborados os planos de estudo dos Cursos de:

RELAÇÕES PÚBLICAS, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS (MARKETING, GESTÃO FINANCEIRA DE EMPRESA E DIRECÇÃO DE PESSOAL), PUBLICIDADE, TURISMO E SECRETARIADO.

Novo período escolar a iniciar em Março.

Abertas as inscrições — Telefone 55 82 10

Atlas Copco

Informa aos seus estimados clientes o novo número de telefone:

219 00 11 (8 LINHAS)

Sociedade Atlas Copco de Portugal, Lda.

Av. Doutor Oliveira Salazar ● Linda-a-Velha

FINS DE SEMANA

Com conforto, tranquilidade e belas paisagens

BUÇACO — PALACE HOTEL
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR
COIMBRA — HOTEL ASTÓRIA
LISBOA — HOTEL METRÓPOLE

Serviços especiais
Informações e reservas
nos Hotéis e nas Agências de Viagens